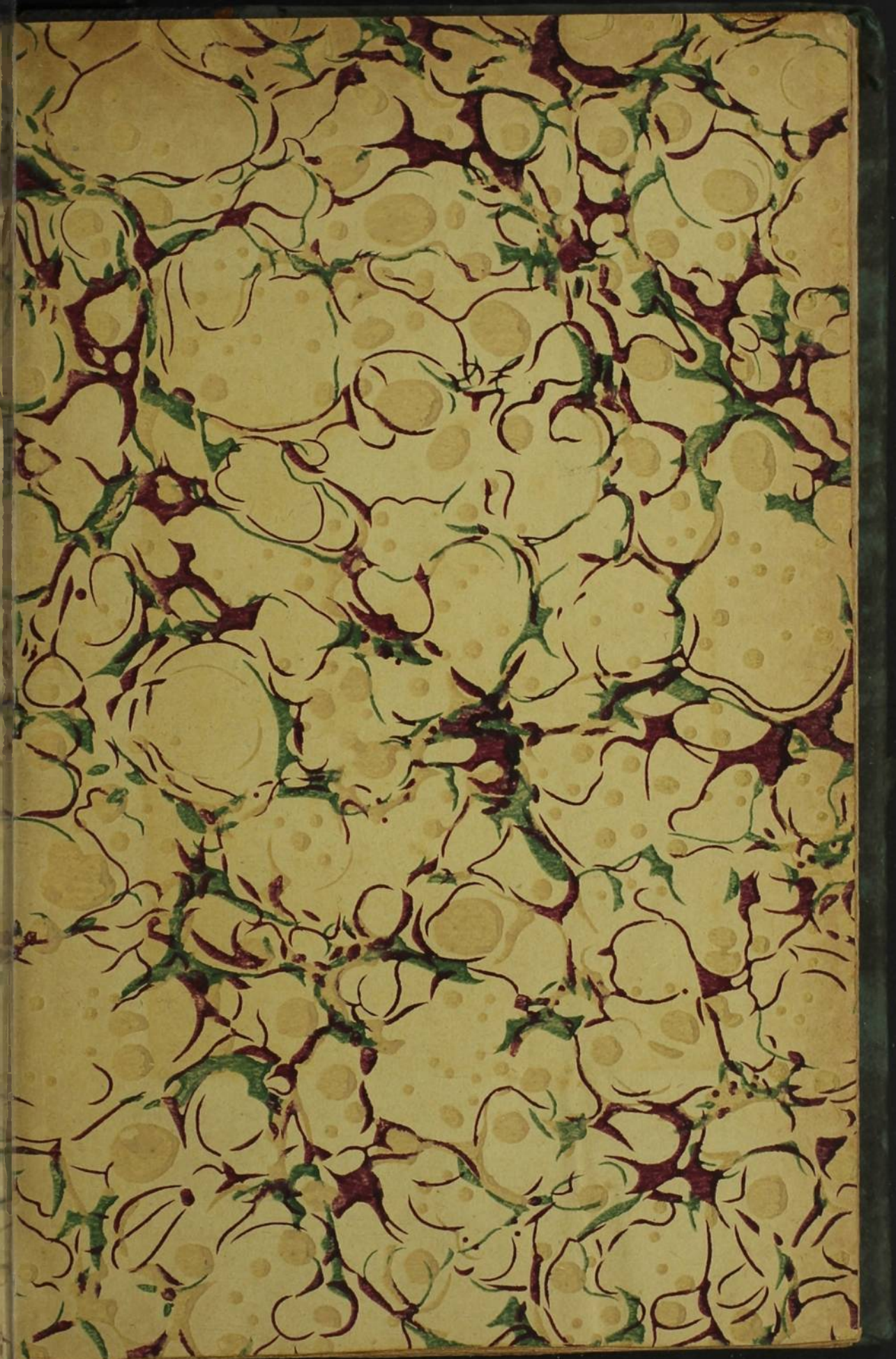
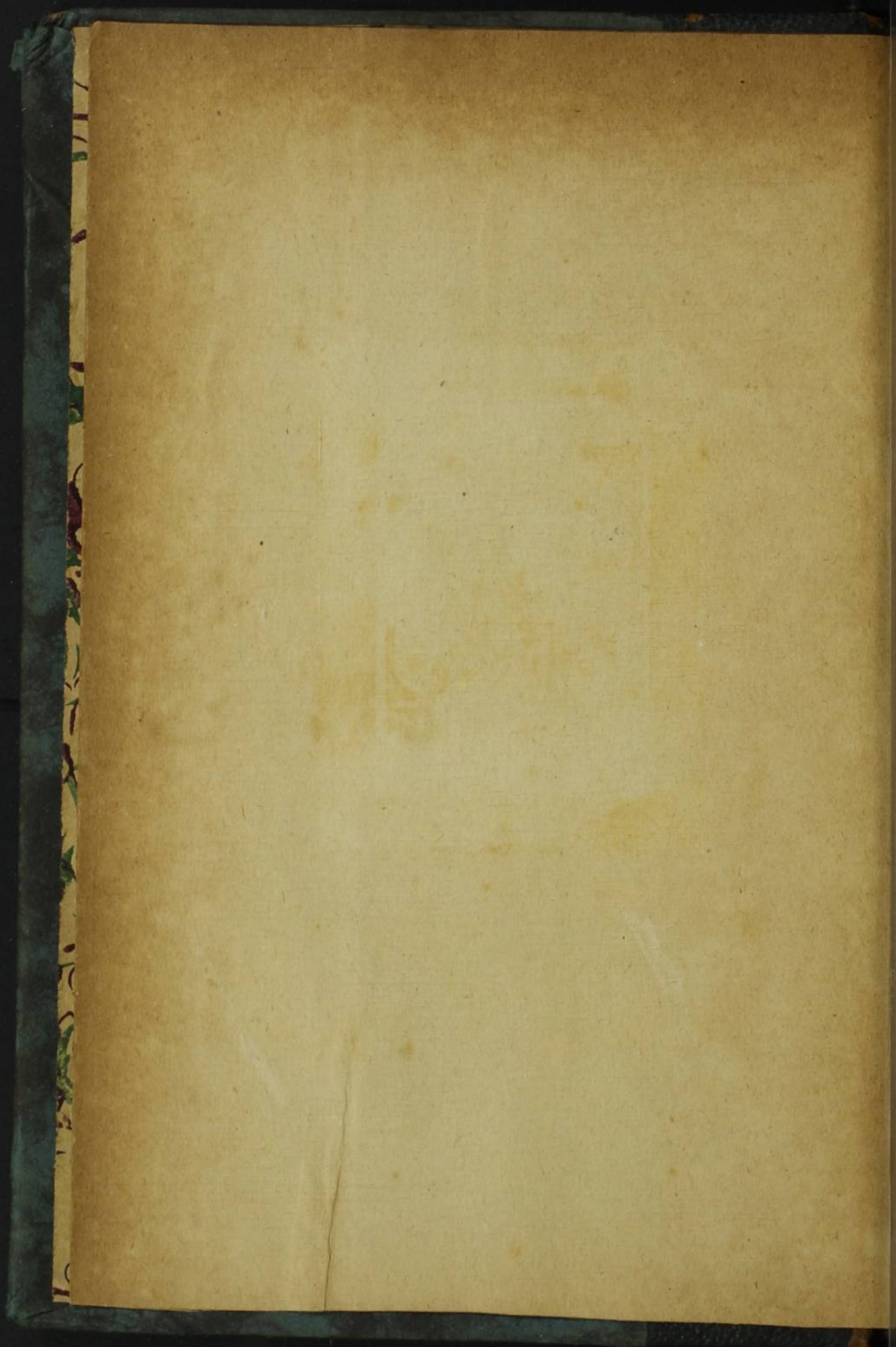


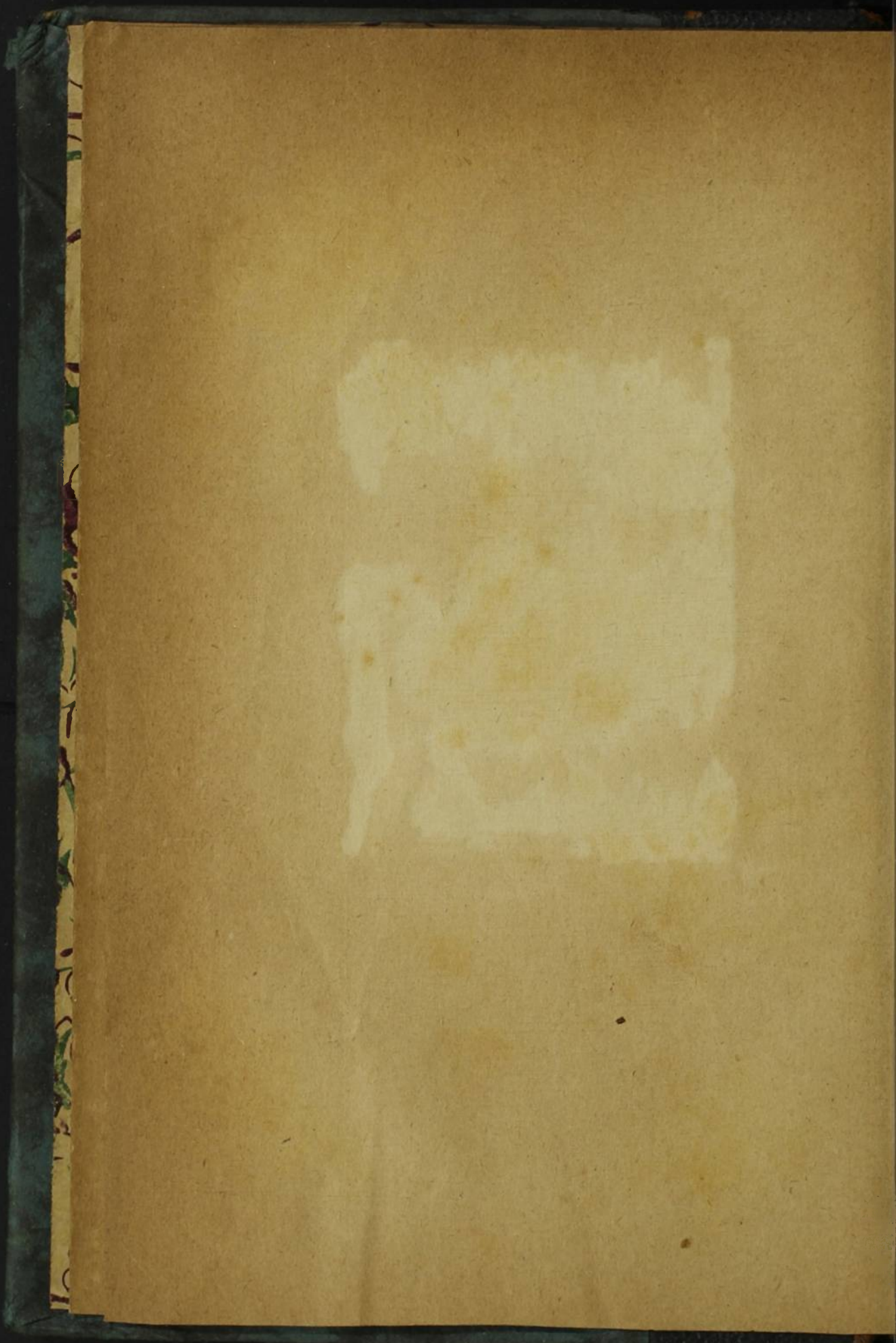
18822











60
4



MARILIA

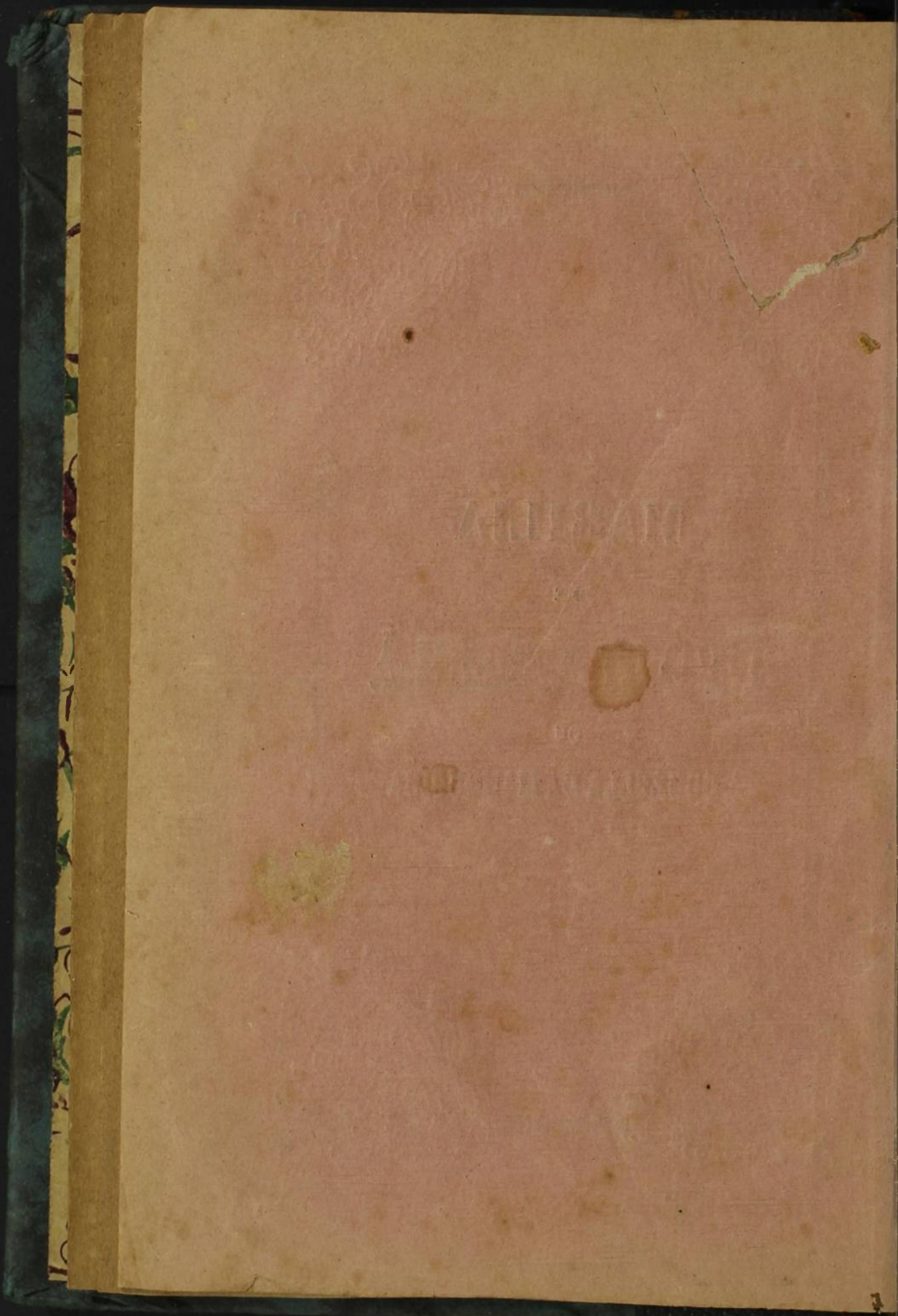
DE

ITAMARACA

OU

A DONZELLA DA MANGUEIRA





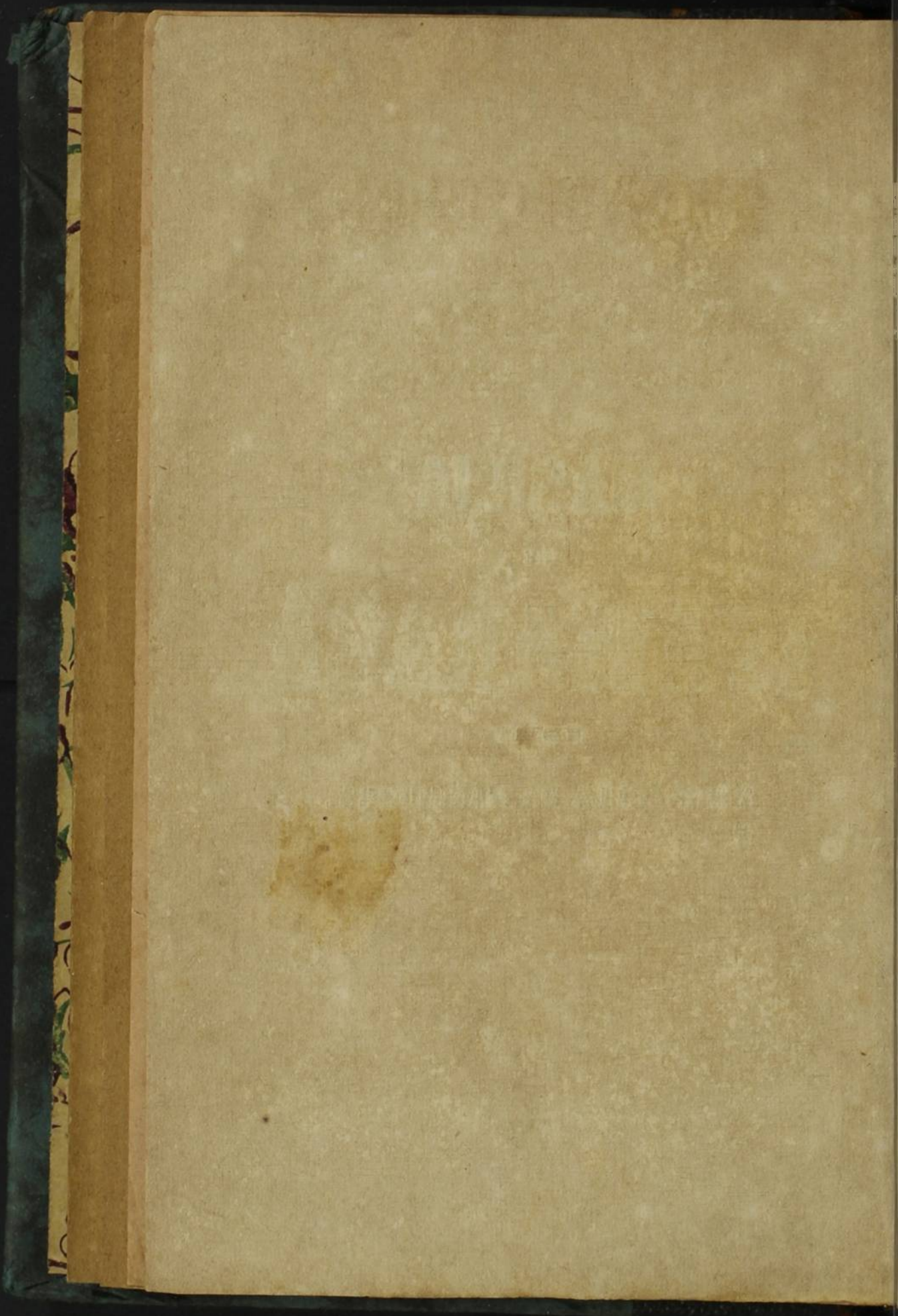
MARILIA

DE

ITAMARACA

OU

A DONZELLA DA MANGUEIRA.



MARILIA DE ITAMARACA

OU

ADONZELLA DA MANGUEIRA

DRAMA LYRICO EM 4 ACTOS

PELO

Dr. Luiz Vicente De-Simoni

POSTO EM MUSICA

PELO

SNR. ADOLPHO MAERSCH

PARA SER REPRESENTADO NO THEATRO PROVISORIO DO
RIO DE JANEIRO,

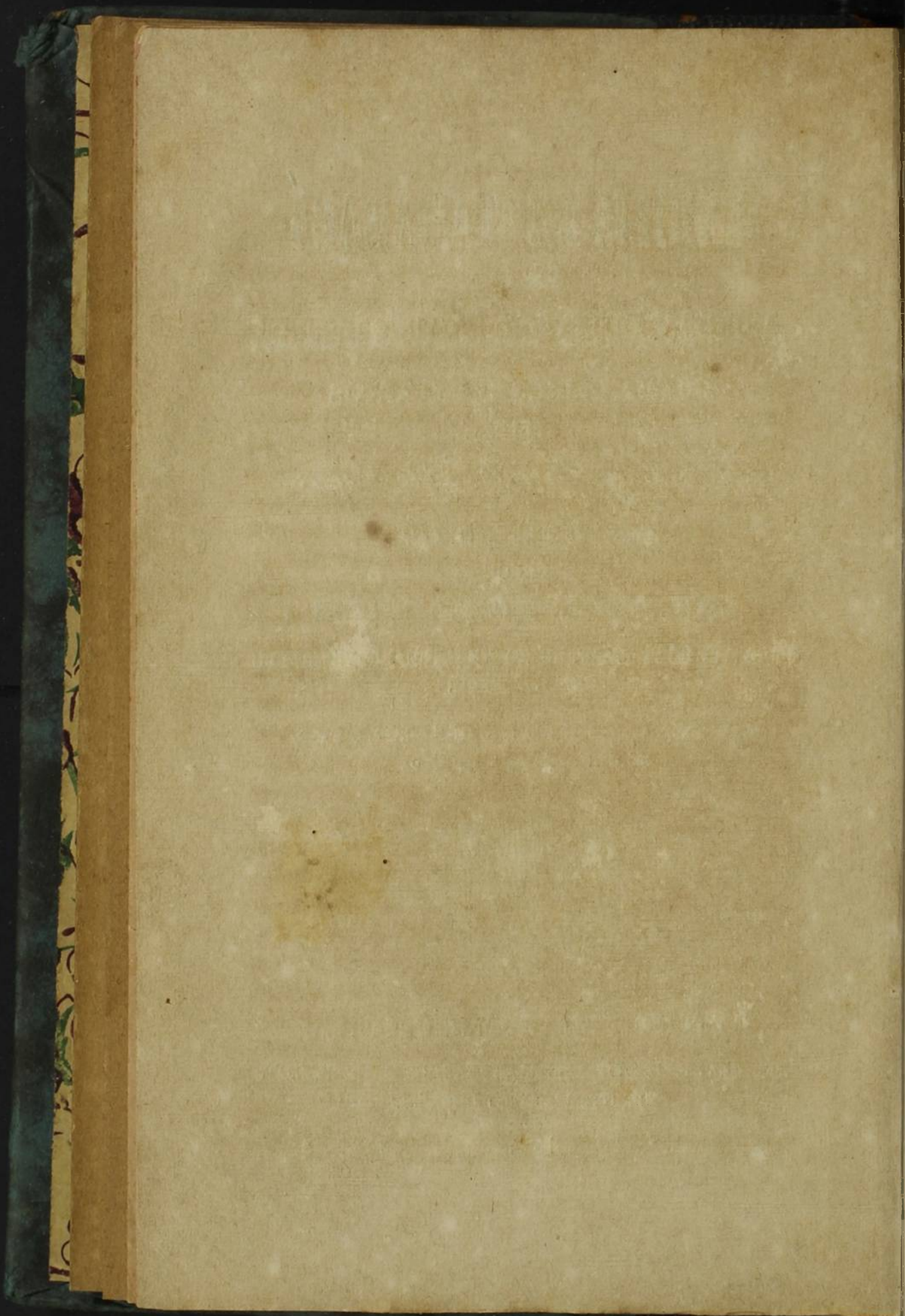
Com additamento de um acto intermedio, por ora,
só destinado para ser lido



RIO DE JANEIRO.

EMP. TYP. — **DOUS DE DEZEMBRO** — DE P. BRITO
impressor da Casa Imperial.

—
1854.



AOS LEITORES.

O assumpto deste drama é tirado de uma legenda em que vem referido um facto tradicional, acontecido no seculo XVII em uma das ilhas da costa da provincia de Pernambuco, e cuja memoria é ligada á existencia, tambem tradicional, de uma antiga mangueira monumental, que, na dita ilha, por muitos annos, o recordou á posteridade daquella época com o seu velho tronco e copados ramos, e depois com o seu nome, que até os nossos dias ficou á localidade aonde ella existio. Essa legenda manuscripta nos foi remettida, por copia, no anno proximo passado, pelo Emprezaario, que nessa época tinha a seu cargo o Theatro Provisorio, e os espectaculos da Companhia Lyrica Italiana, que alli funcionava (1): e esta remessa nos foi feita convidando-nos a compormos sobre esse facto uma peça lyrica, para a scena do dito theatro; e a entregarmos o nosso trabalho ao habil Mestre compositor de musica, que desta se encarregava. Prestando-nos a esse convite, escrevemos o presente libretto; no qual em um Drama Lyrico, abrangemos todos os factos mencionados na dita legenda, ornando e augmentando a acção scenica deste

(1) O Illm. Sr. commendador João Caetano dos Santos.

com outros de nossa imaginação e lembrança, que nos pareceram apropriados, ou convinhaveis para a tornar mais interessante e mais acceta. Neste trabalho, sempre andamos de combinação e accordo com o dito Mestre, afim de offerermos ao publico theatral desta capital um espetaculo lyrico, que podesse agradar-lhe ou merecer ao menos a sua benigna indulgencia. Prestamo-nos portanto muitas vezes ás exigencias do Enr. Maersch, e sempre que ellas não prejudicavam ao nosso plano e aos nossos fitos poeticos; conservando porém sempre a nossa independencia de escriptor poetico em tudo aquillo em que nos pareceu não dever nem poder sacrificar-a. Pelos mesmos principios porque quizemos conservar a nossa, não quizemos tolher a independencia do escriptor musical, ao qual deixamos a plena liberdade de omitir e cortar na execução do seu trabalho o que bem lhe parecesse, com a condição de o libretto ser publicado tal e qual nós o compuzemos, ou consentissemos que se publicasse; marcando-se com haspas ou virgulas á margem os versos e trechos, que não fossem comprehendidos no seu espartito.

Valendo-se desta concessão, o referido Mestre, com o fito de satisfazer ás exigencias da brevidade, e a varias considerações, deixou de abranger no seu trabalho musical varios versos e trechos, que lhe não pareceram essenciaes á acção scenica, ou que elle julgou não convinham ao seu plano de musica, ou poderiam prejudicar ao effeito geral e parcial da peça lyrica, por circumstancias especiaes do nosso theatro; mas que, apesar disso, nós, julgando-os necessarios ou convenientes para a peça poetica, conservamos e publicamos neste libretto, com as ditas haspas ou virgulas marginaes; pelas quaes o leitor ficará sabendo, que elles não foram postos em musica, nem se cantam na peça lyrica da actualidade.

Uma das exigencias do Mestre compositor musical foi a

de escrevermos o drama em 4 actos, e a ella nos prestamos, e satisfizemos, comprehendendo em 4 actos todos os factos da legenda, que nos forneceu o assumpto do drama, ficando assim nelles a acção scenica sufficientemente desenvolvida e completa para um spectaculo lyrico, com um enredo simples e natural; não obrigando-o assim a extender o seu trabalho musical alem dos ditos quatro actos. Mas, com isto, não renunciámos ao direito e faculdade, que tínhamos, como escriptor poetico, de ampliarmos depois o nosso trabalho e offerecel-o neste estado a um circulo de leitores ainda mais amplo, que o da sala do spectaculo lyrico: e como, nos ditos 4 actos, não podemos expôr inteiramente o plano todo do nosso drama, tal qual o havíamos ideado em nossa imaginação, nem desenvolver nelles plenamente os caracteres e idéas, que a este respeito nos haviam occorrido á lembrança, resolvemo-nos a compôr um *acto intermedio*, por ora unicamente destinado e reservado para os leitores, fóra do tempo da representação scenica.

Esse *acto intermedio*, que inserimos neste libretto no seu lugar competente, poderá para o futuro ser posto em musica e representado com os outros, sem inconveniente algum; quando se adopte o expediente de dividir a representação do drama em duas noites, uma para cada uma das duas épocas em que elle se acha dividido: ou quando, querendo o nosso publico theatral ter sufficiente paciencia, como muitas vezes tem tido, de prestar-se a assistir a espectaculos, que excedam á meia noite, se adopte outro expediente; o de fazer representar o drama por um pessoal de actores e cantores duplicado; sendo então os papeis nos actos da 2.^a época desempenhados por actores e cantores differentes dos da primeira: no que haveria a vantagem de uma differença notavel e real, que naturalmente deve existir entre o aspecto das personagens das duas épocas, separadas pelo grande intervallo de

22 annos; e principalmente, quando se encarregassem os papeis das da 1.^a época aos actores e cantores de mais baixa estatura, que melhor poderiam representar os dous amantes na sua idade de 15 para 16 annos. Todos facilmente convirão ácerca da quasi absoluta impossibilidade de obter-se isto ao ponto de causar sufficiente illusão, só com a unidade de actores para ambas as épocas; sendo este um dos grandes inconvenientes a que vão expostas as peças theatraes, cuja acção tem tão grandes intervallos de tempo decorrido entre os varios factos, que nellas se passam, inconveniente este que não podemos evitar neste drama, cujo assumpto, que não foi de nossa escolha, é tal de per si mesmo, que não è possível tratal-o, sem esse grande intervallo; e poderia allegar-se como uma das provas favoraveis á nova escola ultra-romantica, e contraria aos restrictos e rigorosos principios da velha escola classica.

As differentes scenas e trechos deste drama foram por nós compostos primeiramente ora em italiano, ora em portuguez, fazendo depois a versão para a outra lingua. Deixamos á perspicacia dos leitores o advinharem em qual das duas linguas foi cada um delles primeiramente escripto.

Julgamos que o grande parentesco, e a quasi perfeita igualdade nas vantagens respectivas, que cada huma destas duas linguas tem, considerada comparativamente com a outra a respeito da metrificacão, não poderá ser melhor demonstrada com o facto do que ella o ficará pelo presente drama, em que ambas estão postas a par, e andam lutando com igual facilidade, fluencia e successo em todos os metros desde o verso quinario até o endecassyllabo, nas tres especies de cada verso determinadas pela terminacão; e guardando sempre a regularidade da mesma acentuacão predominante em cada verso da mesma estrophe, tão conveniente e necessaria para o commum acordo do rhythmo musical com o

rhythmico metrico, como tem reconhecido e guardam geralmente os versificadores italianos nas peças propriamente lyricas, e destinadas para o canto.

No 1.^o coro do 3.^o acto, verão as pessoas do paiz e de Portugal a facilidade com que a sua lingua nacional se presta para o verso novenario (1) tão usado pelos Francezes, mas quasi desconhecido entre os escriptores de versos Brasileiros e Portuguezes, e tão pouco usado entre os mesmos italianos, que, em tantas peças lyricas theatraes por nós traduzidas neste paiz, só o encontramos empregado em um dos coros do—Bravo de Veneza;— que traduzimos então no mesmo metro, sendo portanto esta a segunda vez que nós o apresentamos na lingua deste paiz aos nossos leitores.

(1) Estamos persuadido de que toda nomenclatura a respeito das varias especies de verso em portuguez, hespanhol, italiano, e francez, que não esteja baseada no numero das syllabas, é anti-systematica e viciosa, por ser falta de clareza, difficil de aprender-se, e conservar-se na memoria, e sujeita a confusão. Portanto abrimos mão della, deixando-a entre as antigualhas sem uso, e adoptando a este respeito a nomenclatura italiana e franceza, plenamente applicavel ao portuguez e hespanhol, por terem todas estas quatro linguas meridionaes da Europa um systema de metrificacão semelhante, baseado no mesmo principio, que é, o do numero das syllabas, e da accentuação predominante. Para esta nomenclatura pôde-se empregar com igual vantagem denominações tiradas da lingua grega ou da latina. Os Italianos servem-se das primeiras unicamente para os versos de 2, 3, 10 e 11 syllabas denominando-os portanto, *dissyllabos*, *trissyllabos*, *decassyllabos*, e *endecassyllabos*; para os outros servem-se das denominações latinas, e chamam aos versos, *quaternarios* ou *quadrissyllabos*, *quinarios*, *senarios*, *septenarios*, *octonarios*, e *novenarios*, segundo o numero das suas syllabas. O mesmo fazem os Francezes, excepto a respeito do seu verso *heroico* ou *alexandrino*, que os Italianos chamam tambem *martelliano*, por haver sido usado pelo Martelli. Este, propriamente fallando, não é senão a reunião de dous septenarios, inteiros ou truncados; assim como o verso de 12 syllabas portuguez e italiano, que era denominado de *arte maior*, outra cousa não é senão a reunião de dous versos senarios. A estas qualidades de versos conviria dar mais propriamente o nome de *biversos* ou *bicarmes*, com o competente adjectivo relativo ao numero das syllabas.

Os italianos, nossos patricios, acharão também neste drama, no seu idioma natal, uma pequena novidade, a respeito de uma qualidade de versos octonarios de que elles não usam e de que muito usam os Brasileiros e Portuguezes; fallamos dos versos de oito syllabas, que tem o acento predominante sobre a 4.^a syllaba. Os Italianos, extremamente sensiveis á perturbação, que estes versos causam na cadencia rhythmica, quando elles concorrem na mesma estrophe com os versos octonarios, que tem o accento predominante na 3.^a, e que são mais cadentes e melhor se prestam para a musica, os baniram inteiramente das suas poesias lyricas, a ponto tal que o celebre Cesar Orlandini na sua—*Dottrina musicale*— fallando de todas as qualidades de versos, que se usam no drama lyrico, e da sua accentuação, e admittindo varias accentuações a respeito de cada uma das outras especies de verso, só admittê para o octonario a accentuação sobre a 3.^a syllaba. O espirito de justiça e imparcialidade, que em tudo nos guia, nos leva neste caso a declarar-nos francamente contra esta exclusão absoluta, e mesquinha limitação a uma só especie deste verso octonario; pois que os versos octonarios accentuados sobre a 4.^a não deixam de ser harmoniosos, cadentes e cantaveis; e tem realmente certa graça, principalmente para o romance, quando empregados com a cautela de não os misturar, como fazem os Portuguezes e Brasileiros, com outros de accentuação differente, cautela de per si só bastante para evitar o inconveniente que os Italianos quizeram prevenir com a sua exclusão absoluta, cahindo assim elles em um defeito, para evitar o outro. A *Historia da Mangueira do Amor*, que vem no 4.^o acto deste drama, provará evidentemente, pelo facto, aos nossos patricios, na sua lingua, a verdade do que asseveramos; e ao mesmo tempo lhes exhibirá um exemplo de versificação lyrica perfeitamente igual á outra de cunho portuguez e brasileiro,

menos a tal mistura, que, para ouvidos italianos e perfeitamente musicaes, seria horrivel e insupportavel. Por elles, e pelo que acabamos de dizer, verão os Brasileiros e Portuguezes, que os principios, que nos levam a ousarmos lhes propôr e inculcar alguma mudança e novidade, são os mesmos que nos animam para com os nossos mesmos patricios; e que nisto seguimos a maxima: que o bom e verdadeiro patriotismo não consiste em viver cega e obstinadamente allerrado aos usos e costumes do seu paiz, repellindo como o selvagem toda innovação, melhoramento e progresso, mas sim em respeitar e conservar do seu paiz o que é bom e realmente util, e em aproveitar dos outros o que realmente tambem o é.

Para que o nosso trabalho (ainda que mui longe da perfeição possivel, e especialmente daquella a que poderia chegar quando sahisse de talentos mais jovens e vigorosos que o de um sexagenario, e principalmente dos que chuparam com o leite a lingua nacional do paiz desde o berço em que nasceram) possa melhor aproveitar aos nossos leitores, adoptamos o costume francez de indicar no libretto as differentes peças musicaes, como sejam arias, duetos, tercetos, quartetos, romances, &c.: o que não só facilitará a comprehensão do espectáculo lyrico, senão tambem poderá servir-lhes de exemplar para a composição de melhores peças lyricas dessas differentes especies na sua lingua materna; pois que nós escrevendo, não somos levados só pelo amor proprio, e pelo desejo de adquirirmos gloria, mas sim pelo de sermos uteis, e de ver os nossos esforços para este fim coroados de algum feliz resultado; pois que *nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.*

E' esta a segunda vez, que nos cabe a occasião e honra de escrevermos um libretto de opera para o theatro lyrico

desta capital (1); aonde, ha 34 annos, (em 1820) sob o reinado de El-Rei D. João VI, representou-se no Real Theatro de S. João (hoje de S. Pedro) um drama jocoso em 2 actos intitulado *O Califa de Bagdad*, com musica de Paulo Rosquellas, actor hespanhol e tenor da companhia lyrica italiana do mesmo theatro naquelle tempo, drama cujo libretto, a instancias do mesmo Rosquellas, foi por nós escripto, e foi publicado depois na occasião da representação, com uma traducção em prosa ao lado, na typographia nacional. Delle existe ainda um exemplar na bibliotheca nacional, e se acha registrado no catalogo desta, na classe da letra L, sob o nosso nome de Academico Concorde de *Dermينو Lubéo*. Esse drama cuja representação não tivemos o gosto de ver, por ter elle ido á scena estando nós exercendo o cargo de Physico-Mór na cidade e provincia de Moçambique, foi aqui muito aceito, e teve muitas representações; e tambem as teve em Montevidéo, para onde o autor da musica levou e fez executar a sua partitura.

Essa opera nada tinha de nacional brasileiro senão o lugar aonde ella nascia, porque, além de ambos os autores, poeta e musico, serem estrangeiros, tambem o eram o assumpto e as personagens; e não apresentava portanto á idéa e coracção dos Brasileiros e Portuguezes um interesse especial, que fallasse aos seus sentimentos nacionaes e patrioticos. A presente porém, se, quanto aos seus autores, se acha nas mesmas circumstancias daquella, assim não é quanto ao seu assumpto e ás suas personagens, que todas são brasileiras e portuguezas; e sobretudo quanto ao facto tradicional sobre que ella versa, e aos sentimentos e entusiasmo patriotico que nella jogam em scena.

(1) Não comprehendemos neste genero de peças a cantata da Armonia Celeste no Brasil, posta em musica pelo Snr. Gianini, e representada em 2 de dezembro de 1851 no theatro da praia de D. Manoel, apezar de ella constituir um longo acto.

Lisongeamo-nos portanto de que, se não outras, ao menos estas qualidades, e a circumstancia de ser obra feita no paiz, a recommendem á attenção e benignidade dos leitores e espectadores cordatos, dos quaes tão sómente, e não dos mais, ambicionamos o conceito e a indulgencia. Contamos com a fortuna de que esta gente, unica digna e capaz de julgar sem prevençãõ e com justiça, pondo-se ao unissono com a Constituiçãõ do imperio, que considera como nacionaes e Brasileiros os individuos nascidos no territorio do Brasil, qualquer que seja a sua origem e casta, só pelo simples facto de terem o seu nascimento no paiz, não deixará de olhar e haver como nacional e brasileiro o que, nesta occasiãõ, é feito aqui no paiz, por um desejo sincero de agradar e ser util a este, e de concorrer por algum modo para os progressos e gloria delle, do seu theatro lyrico, e da sua lingua, á qual, por todos os esforços possiveis á nossa mui limitada capacidade, diligenciamos pôr e mostrar, pelo facto, evidentemente ao nivel da, que, por juizo geral incontraverso, é havida como a mais apta e prestavel para o canto.

Rio de Janeiro, 29 de Março de 1854.—Dr. *L. V. De-Simoni*.



Legenda ácerca do facto occorrido na ilha de Itamaracá, de 1632 a 1655, no reinado de Philippe II de Castella, assumpto do drama—MARILIA DE ITAMARACÁ.

« Havia um fazendeiro na supradita ilha, situada ao norte de Pernambuco, entre este e a Parahyba (a), que tinha uma irmã. Um joven de Pernambuco pedio-a em casamento, o qual foi regeitado. Esse joven, vendo-se repudiado, foi sentar praça de voluntario no exercito de Mathias de Albuquerque, então governador de Pernambuco (b). Na carreira das armas fez grandes progressos (c), e entre outros feitos ha o seguinte. No ataque da Fortaleza do Bom Jesus (d) em 1633, na quinta feira santa (e) batendo-se denodadamente, foi ferido e julgado morto no Arrayal (f) por todo o exercito. Esta noticia chegou ao conhecimento da moça, que muito o pranteou (g). Tendo de partir um navio para Lisboa, logo depois do mencionado ataque, e não se verificando a sua morte, como se havia divulgado, offereceu-se elle para ir neste navio. Porém lá, entregando-se aos estudos, entrou para a congregação dos jesuitas. Decorreram muitos annos, e quando se acabou a guerra dos Hollandezes em Pernambuco (em 26 de janeiro de 1654) (h) voltou com outros padres da mesma ordem a Pernambuco em 7 de dezembro do mesmo anno. E, visitando a supradita ilha, para ver se ainda poderia descobrir a sua amada, parou á porta da casa aonde a tinha deixado, quando sentara praça. Bateo; e quem veio ver quem era, foi a mesma, que elle desejava encontrar: porém ao reconhecê-lo, cahio morta, ou por surpresa, ou julgando ser talvez uma visão. Seus parentes, ou famulos, fizeram-lhe o enterro, tecendo-lhe uma coroa de jasmims, como era costume ás virgens (i), pois o irmão já não existia. Fôï sepultada nas mesmas terras da fazenda, pois que as fazendas, para o norte, costumam ter uma capella da missa, e seu cemiterio particular, onde são enterrados os cadaveres; prestando-se-lhe aos officios religiosos o mesmo amante, então padre jesuita, como dito fica acima, que, depois de concluir tudo, lançou, na terra um caroço de manga para marcar o lugar em que tinham ficado inhumados os restos da sua amante (k), cujo facto deu a este lugar o nome, que ainda hoje conserva, de *Mangueira do Jasmim*, nesta ilha (l). »

NOTAS E OBSERVAÇÕES DO AUTOR DO DRAMA
A' LEGENDA ACIMA.

(a) A ilha de Itamaracá, junto com as terras firmes, que lhe ticam fronteiras ao occidente, formava antigamente uma vasta provincia ou comarca, que comprehendia as terras, que hoje formam a comarca de Goyana. Está separada do continente por um canal estreito e profundo, que por muito tempo foi considerado como rio, com o nome de rio de Santa Cruz. Beauchamp, na sua historia do Brasil, cahe no erro erassissimo de situar esta ilha 8 legoas ao sul de Olinda, estando ella ao norte desta, e segundo a carta geographica da provincia de Pernambuco pelo visconde de Villiers de L'île d'Adam publicada aqui na côrte, em 1848, está situada a 7° 54' de latitude Sul, distando de Pernambuco, em linha recta, sómente 3 legoas. Segundo o *Diccionario Geographico do Imperio do Brasil* por *Millet de Saint Adolphe*, impresso em Paris em 1845, esta ilha tem tres leguas de norte ao sul, e menos de duas na sua maior largura. Porém pela inspecção da carta acima citada, pareceria dever ter maior extensão. Beauchamp dá-lhe 10 legoas de circumferencia, e diz que no anno de 1650 (época mui proxima do facto da legenda) havia nella apenas uma trintena de colonos. Ella foi no principio povoada por Martim Affonso de Souza, que a teve por doação d'El-Rei D. João III em 21 de janeiro de 1555, isto é, um seculo apenas antes do facto de que se trata. Depois foi povoada por outros donatarios. Em 1658 foi invadida pelos Hollandezes, em cujo dominio esteve até á época da expulsão destes de Pernambuco. Hoje em dia faz ella parte da comarca de Goyanna, na provincia de Pernambuco, e ha nella duas povoações consideraveis: 1.^a do lado do Oceano, a da villa de Itamaracá, onde ha a freguezia de Nossa Senhora do Pilar, e 2.^a do lado da terra firme, a freguezia de Nossa Senhora da Conceição. Sua população total, segundo o dito Diccionario, é de 8000 almas. Suas terras são ferteis; e nellas se cultivam o algodoeiro e a canna. A distillação de agoardente, e as suas salinas, augmentam o seu vivo commercio com a cidade de Pernambuco.

(b) E o foi até ao fim do anno de 1635, época em que foi mandado rerder, e chamado á Europa para dar conta da sua gestão; pois as intrigas da Côrte tinham conseguido desconceituar este bravo e honrado general e governador, e fazendo-lhe imputar em grande parte a culpa da perda de Olinda e do Recife, e os mais progressos dos Hollandezes, quando estes foram devidos ao terror e desanimo dos habitantes no principio, e ao abandono e pouco cuidado do governo da côrte de Madrid, que mal attendeu ás reclamações deste governador, cujo zelo e graudes esforços, feitos para salvar o paiz da invasão dos estranhos, e para reconquistar as terras e cidades perdidas, foram atrozmente premiades com uma

encarceração em uma das torres de Lisboa, aonde esteve preso até a época da gloriosa restauração de Portugal e aclamação d'El-Rei D. João IV. em que foi solto. Esta é a única personagem historica mencionada na legenda, e que nominalmente apparece no nosso Drama.

(c) Quaes fossem esses progressos não o podemos saber, por não o dizer a legenda, mas supponho que elles não foram em postos militares, e que não chegou a ser official; e assim no drama é apenas promovido a cabo de esquadra.

(d) A antiga fortaleza do Bom Jesus já não existe. Ella e o Arraial do Bom Jesus, que lhe ficava immediato, ou que della fazia parte por muros, trincheiras e reductos, de que estava cercado, e que com elle o uniam, foram, como diz Rocha Pitta na sua historia, uma criação provisoria, improvisada pelo governador Mathias de Albuquerque, para ali concentrar as forças nacionaes, e servir de asylo aos Brasileiros e Portuguezes, fugidos do Recife e de Olinda, occupados pelos Hollandezes, e para impedir a estes a comunicação com a terra. Beauchamp colloca este lugar fortificado no meio do espaço circular, que fórma as campinas do rio Capiberibe. Rocha Pitta diz: que Mathias de Albuquerque, *por eleição de todos, escolheu um sitio proporcionado a impedir aos Hollandezes o transitto da provincia com progressos por terra, em o qual fabricou-se uma Força com algunos peços de artilharia e sufficiente numero de gente.* Este sitio ou lugar fortificado, segundo o mesmo historiador, *distava uma legoa assim de Olinda como do Recife (povoações de que estavam apoderados os inimigos) para lhes impedir a comunicação de uma a outra pelo isthmo de areia que as aparta.* Foram, diz o mesmo historiador, os nossos fazendo trincheiras e reductos, assistidos de gente menos em numero que de valor, todos desejosos de fazer aquellas provas d'animo que não tinham obrado quando o inimigo lhes tomara as praças. O Diccionario de Millet de Saint Adolphe, acima citado, dá a povoação do Bom Jesus de Pernambuco como situada e assentada nas margens do rio Capiberibe, no lugar onde este rio lança um braço que se dirige para leste, e se perde no Oceano, perto dos Affogados; mas diz que esta povoação era uma das mais consideraveis, e foi atacada, bombardeada, e tomada pelos Hollandezes em 1632, e que o celebre Henrique Dias foi gravemente ferido nesse ataque, defendendo essa posição; o que não combina com as datas historicas do ataque em que o forte do Bom Jesus passou ao poder dos Hollandezes, que foram posteriores, nem com o modo pelo qual isso realison-se, que foi por capitulação, e não por tomada. Consultando nós, a este respeito, a collecção de mappas geographicos antigos do reino de Portugal e suas conquistas, pelo Abbade Diogo Barbosa Machado, que existe na Bibliotheca Nacional desta côrte,

em nenhum, dos que são relativos á provincia e cidade de Pernambuco, achamos notado ou mencionado este forte, nem mesmo em um delles que parece haver sido feito no tempo do dominio hollandez, e em que vem toda a planta da cidade do Recife, de seu porto e arredores, e aonde se acham notadas todas as fortificações. Neste mappa acham-se simplesmente notados dous caminhos, um de cada lado do rio Capiberibe, que, se diz alli, vão dirigidos para o Arraial, sem se dizer qual é este arraial, o qual fica alem dos limites do mappa.

A fortaleza do Bom Jesus e seu Arraial, segundo podemosprehender das historias lidas, que a este respeito não são bem explicitas e claras, principalmente quanto ás datas chronologicas, foram por vezes atacados pelos Hollandezes; e principalmente em tres grandes occasiões memoraveis. Nos dous primeiros destes ataques, os inimigos foram repellidos com grande perda da sua gente: no ultimo os nacionaes e Portuguezes, depois de uma forte resistencia e defeza, viram-se obrigados a capitular e entregar o forte com honrosas condições. O primeiro destes ataques foi entre os annos 1650 e 1652 por Foulques Henrick, que o atacou com dous mil homens; o segundo, que foi em 1655, foi dado por Reimbak com tres mil homens; o terceiro parece ter sido em 1654 ou 1655. No primeiro ha certeza de que assistio Mathias de Albuquerque; no segundo não é bem claro pela historia, que elle assistisse, mas nós o supponmos no Drama. A ser exacto o que diz a legenda, parece ser este segundo ataque aquelle em que occorreu o ferimento do amante da moça da legenda, que deu lugar á noticia da sua morte.

Os Nacionaes e Portuguezes, que guarneciam esta fortaleza, e moravam no seu arraial, não se limitavam unicamente á defeza passiva. Por vezes tomaram a offensiva e fizeram valentes e gloriosas sortidas, indo atacar o inimigo no campo, sem esperal-o na posição forte em que estavam; e a historia falla em uma grande victoria que elles alcançaram por um feito deste genero, no lugar denominado Aguas Frias, e que Mathias de Albuquerque menciona no drama. Falla tambem a historia em um reducto que os Hollandezes fizeram em um lugar elevado, do qual em outra occasião os nacionaes os expelliram ficando senhores da posição, como nós figuramos no drama, em que Mathias de Albuquerque, constando-lhe por correspondencia occulta, que tem com patriotas de Olinda, que o inimigo vem atacar-o, previne-o corajosamente, sahindo do forte, cahindo sobre elle inesperadamente, e derrotando-o, tomando-lhe depois o reducto; acção em que é ferido, e cahe como morto, o bravo amante da moça da ilha. A difficuldade, e diremos mesmo, a impossibilidade de bem representar-se na scena um ataque de uma fortaleza em que devem jogar de perto tiros de canhão, fez-nos adoptar este expediente, que alias não é contrario, antes está de acordo com a historia.

(e) Beauchamp diz que foi na Sexta Feira Santa, e por instigação do pardo traidor e transfuga Domingos Fernandes Calabar, para apanhar os nacionaes e Portuguezes occupados com as funcções do culto religioso desse dia. Rocha Pitta diz que foi na 5.^a

(f) O arraial do Bom Jesus, ou do forte deste nome, que Rocha Pitta diz haver-lhe sido dado por Mathias de Albuquerque.

(g) Isto que diz a legenda, e o comportamento da moça, que nunca em sua vida quiz depois casar, são bastantes razões para presumir, que ella, não só correspondia á paixão do moço, senão tambem, que a paixão sua por este era nella mui forte e profunda, como se figura no drama.

(h) Foi o dia em que se assignou a capitulação dos Holandezes para a entrega da cidade do Recife, cujas chaves recebeu Vieira no dia seguinte, na occasião da sua entrada triumphal na cidade restaurada.

(i) Se era costume fazer-se isso ás virgens, como diz a legenda, não vemos a razão pela qual desse facto da corôa de jasmim, posta na cabeça da moça finada, proviesse o nome de *Mangueira do Jasmim*.

(k) Os lugares onde jazem enterrados os cadaveres dos christãos costumam-se marcar com cruces, e não com caroços de fruta, ou arvores delles nascidas. Tal não podia pois ser o sítio do amante, principalmente sendo elle padre jesuita. Outro foi pois o motivo da plantação desse caroço, o qual talvez tivesse alguma significação particular, ou relação com algum facto anterior, que ignoramos, por não o referir a legenda; mas que nós ideamos, e suppomos no drama, ligando esse caroço á historia dos amores dos dous amantes. Certamente se o moço, padre jesuita, não teve outra idéa nesse seu acto; é mais que provavel que elle ao menos tivesse a de grangear ao tumulo de sua amada uma sombra agradável, e esse ar triste que se suppõe convir, ou condizer á mansão dos mortos.

(l) Occorreu-nos á lembrança que o nome de *Mangueira do Jasmim* póde tambem ter provindo de a moça haver sido chamada, por antonomasia allegorica, o *Jasmin da ilha*, em razão de sua belleza e candura; ou de haver o moço, seu amado, e que plantou a arvore, semeando o seu caroço, tido o appellido, ou alcunha, de Jasmim. Por este motivo, a moça, no drama, é chamada pelos camponezes a *rosa* e o *jasmim da ilha*, e ao moço demos o appellido de *Jasmim*. O leitor poderá adoptar qual das origens melhor lhe parecer, deixando nós isso ao seu criterio.

SOBRE O ASSUMPTO
DO
DRAMA LYRICO
MARILIA DE ITAMARACA'

SONETO.

Á formosura, co'a virtude unida,
Dura, ás vezes, persegue adversa sorte:
Desgraças, afflicções e horrivel morte
Contristam e dão fim á sua vida.

Tal o destino foi da que, nascida
Em uma do Brasil ilha do Norte,
Amou bravo mancebo honrado e forte,
Em vão por elle a seu irmão pedida.

Repellido o ver ella, e depois morto
Da patria entre os heróes crel-o e choral-o,
Quatro lustros solteira, sem conforto;

Feito emfim Jesuita ao avistal-o,
Cahir morta no chão; deixam absorto:
Fazem quasi morrer do mesmo abalo.

Pelo Autor.

INTERLOCUTORES.

Personagens.

Cantores.

ANTONIO PEREIRA DE SOUZA, rico fazendeiro da ilha de Itamaracá, e capitão mór.....	Baixo.
MARILIA, sua irmã, amante de Fernando.....	1.º Soprano.
AMALIA, sua prima, moradora em um lugar a pequena distancia da fazenda de Antonio Pereira.....	2.º Soprano.
CARLOS DE ALMEIDA FLORES rico proprietario de varias fazendas e engenbos, capitão mór, pretendente de Marilia.	Barythono.
FERNANDO JOSÉ DO JASMIM, moço camponez, nascido em Pernambuco de pais pouco abastados, estabelecidos depois na ilha de Itamaracá, nas visinhanças da fazenda de Antonio Pereira, amigo de infancia de Marilia, e depois seu amante, e emfim padre jesuita.	1.º Tenor.
O PADRE PRICR do collegio dos Jesuitas do Recife, em Pernambuco'.....	Baixo prof.
O GENERAL MATHIAS DE ALBUQUERQUE, governador da provincia de Pernambuco, chefe do exercito luso-brasileiro da mesma provincia....	Baixo prof.
UM SARGENTO de tropa de linha, filho de Pernambuco...	2.º Tenor.
O BISPO DA BAHIA, de visita em Pernambuco:—não falla.	
UM CRIADO, que apparece, e falla sómente no acto intermedio.	

Coros e comparsas.

CAMPONEZES e CAMPONEZAS, (colonos da ilha e donos de terras proximas da fazenda de Antonio Pereira); OFFICIAES e SOLDADOS brasileiros e portuguezes de 1.^a linha, de milicias e ordenanças; INDIOS, e NEGROS; DIGNITARIOS DA IGREJA, do fôro, da administração civil; PADRES JESUITAS; FRADES BENECTINOS, CARMELITAS, e CAPUCHINHOS; FAMULOS e FAMULAS de Antonio Pereira e de Marilia; ESCRAVOS e ESCRAVAS dos mesmos.

Localidades.

A acção passa-se no
Acto 1.^o, na ilha de Itamaracá.
Acto 2.^o, perto da fortaleza do Bom Jesus, no arraial do mesmo nome, a uma legua do Recife e de Olinda.
Acto intermedio, no Recife.
Acto 3.^o, no Recife.
Acto 4.^o, na ilha de Itamaracá.

Épocas.

O DRAMA ESTÁ DIVIDIDO EM DUAS ÉPOCAS.

PRIMEIRA EPOCA, NA PRIMEIRA MOÇIDADE.

Acto 1.^o, passa-se no fim do anno de 1632.
Acto 2.^o, passa-se na Semana Santa de 1633.

SEGUNDA EPOCA, VINTE DOUS ANNOS DEPOIS.

Acto intermedio, passa-se em fins de 1654.
Acto 3.^o, passa-se na Semana de Paixão de 1655.
Acto 4.^o, passa-se pouco depois da Pascoa de 1655.

— N. B.—Os versos haspados á margem não foram postos em musica, e não se cantam na representação, segundo o sparti o actual. As alterações, que haja de haver nesta, dependem da determinação de quem a regular e dirigir, quando o drama fôr a scena.

AL LETTORE ITALIANO.

Il nome dell' albero, che i Portoghesi e i Brasiliani chiamano *Mangueira*, e quel del loro frutto detto da essi *Manga* sono in Italia sì poco noti, che non si trovano in veruno de' più moderni Dizionarj italiani, che abbiamo potuto avere alle mani.

Dovendo noi farne uso nel Dramma, abbiamo conservato al primo la terminazione e genere femminile, che ha nella lingua del pubblico del paese per il cui teatro lirico il Dramma fù scritto; a fine di facilitarne l'intelligenza; allontanandoci in questo dalla regola generale, la di essere in italiano i nomi degli alberi del genere maschile, pochi essendo quelli, che, come la quercia, ed altri, lo hanno femminile.

MARILIA DE ITAMARACÁ

ATTO I.

IL GIORNO NATALIZIO.

- 1.^o— Fiori e frutta ed il velo nuziale
- 2.^o— Il serpente e il malagurio :
- 3.^o— L'amplesso e la sorpresa,
- 4.^o— Lo sdegno e lo scacciamento.

SCENA PRIMA.

La scena rappresenta l'esteriore e i dintorni della casa di campagna di Antonio Pereira, in un luogo interiore dell'Isola d'Itamaracá, poco di tante dalla spiaggia, della quale, siccome pure del mare, si vede nella parte piú rimota del fondo della scena, un buon tratto, tra gli alberi, di un pomario d'aranci, e d'un giardino, ambi praticabili e prossimi alla casa. Questa è situata obliquamente all'uno dei lati della scena, ed hà nel suo frontispizio una galleria praticabile, sostenuta da pilastri, senza invetriato, ed alla quale si ascende per quattro o cinque gradini. Dal lato della scena, che corrisponde al proscenio, si prolunga verso di questo un muro di cortile, nella cui parte piú vicina alla casa havvi un piccol uscio aprabile all'uopo. Nel mezzo della scena vi è una giovine manghiera senza frutti ne fiori, ed all'ombra di questa, un longo sedile di legno, ed amovibile. Il lato della scena opposto alla casa è tutto folto d'alberi americani delle regioni equatoriali, e tra questi si vedono la fabbrica di zucchero, o casa dell'Ingegno e vari fasci di canne a zucchero mietute e affastellate.

CORO di CAMPAGNUOLI o coloni dell'Isola, di ambi i sessi, in abito festivo, arrivanti a piccoli stuoli, che si vanno poi riunendo in due, recando ciascuno un mazzetto di fiori, od una ghirlanda di questi. Essi sono accompagnati da Schiavi loro, portanti varj cesti di frutta, e quantiere coperte di bianche tovaglie, con sottovi altri doni.

ACTO I.

O DIA DE ANNOS.

1.º—Flores e fructas e o véo nupcial:

2.º—A serpento e o máo agouro:

3.º—O abraço e a surpresa:

4.º—A indignação e o expellimento.

SCENA PRIMEIRA.

A scena representa o exterior e os arredores da casa de campo ou Fazenda de Antonio Pereira, em um lugar interior da Ilha de Itamaracá, pouco distante da praia, da qual, bem como do mar, avista-se, na parte mais remota do fundo da scena, um bom trajecto por entre as arvores de um pomar de lorangeiras, e d'um jardim, ambos praticaveis, e proximos á casa. Esta fica situada obliquamente em um dos lados da scena, e tem no seu frontespicio uma galeria ou varanda praticavel, sustentada por pilares, sem vidraças, e á qual sobe-se por quatro ou cinco degrãos. Do lado da casa, que corresponde ao proscenio, prolonga-se para este um muro de quintal, em cuja parte mais proxima á casa ha uma pequena porta abriavel para a occasião. No meio da scena, ha uma joven mangueira sem fructas, nem flores, e á sombra d'esta, um assento comprido de madeira e amovivel. O lado da scena opposto á casa é todo basto de arvores americanas das regiões equatoriaes, e por entre estas vê-se a casa do engenho de assucar e varios feixes de canna deste, ceifados, e amontoados.

CORO de CAMPONEZES ou Colonos da Ilha, de ambos os sexos, em traje de dia de festa, chegando a pequenos bandos, que depois vão se reunindo em dous, levando cada um delles um ramallete de flores, ou uma grinalda destas. Elles vem acompanhados por seus Escravos trazendo varios cestos de fructas, e bandejas cobertas com toalhas brancas, e debaixo destas outros presentes.

CORO.

1.° STUOLO. Di rose purpuree,
Di candidi fiori,
Tesseron ghirlande
Campestri cultori,
Per farne a Marilia
Bel dono d'onor,
Nel giorno in che nacque
Sì bello un tal fior.

2.° STUOLO. Dell'isola nostra
Nel vagogiardino,
Marilia è la rosa
E il bel gelsomino ;
Di quella, in bellezza,
Gareggia col fior ;
Di questo, in purezza,
Agguaglia il candor.

TUTTI. Si, ognun dè suoi anni
Applaude al dì bello :
Di fiori un mazzetto,
Di frutta un cestello,
Dal bosco, dal prato
Le viene ad offrir ;
Esulta d'un grato
Sincero gioir.

SCENA II.

ANTONIO PEREIRA, essendosi affacciato alla galleria, visti ed uditi i CAMPAGNUOLI, scende a riceverli ed a riverirli.

ANT. Amici, è veramente,
Grande e sincera l'amistà, che lieti
Oggi vi tragge in sì fiorito stuolo
A festeggiar quel giorno

CORO.

- 1.º BANDO. De rosas purpureas,
De candidas fiores.
Grinaldas trançarão
Campestres cultores,
A fim de a Marilia
Brindar com primor,
No dia em que bella
Nasceo esta flor.
- 2.º BANDO. Aqui, d'esta ilha
No ameno jardim,
Marilia é a rosa,
E o lindo jasmim:
D'aquella, em belleza
Compete co'a flor,
E d'este, em pureza,
Iguala o candor.
- Todos. Sim, todos applaudem
Seus annos com festa:
De flores um ramo,
De fruta uma cesta,
Do bosque, do prado
Vem ledos trazer;
E exultam de amado .
Sincero prazer.

SCENA II.

ANTONIO PEREIRA, tendo chegado á varanda, vistos e ouvidos os CAMPONEZES, desce a recebê-los, e cumprimental-os.

ANT. E' amigos, na verdade,
Grande e sincera essa afeição, que todos
Hoje vos traz em tão florido bando
A festejar o dia

In che le luci aperse al primo raggio
La cara mia sorella,
Che in tenerella etade, orba del padre
E della madre ancor, crebbi qual figlia.
Grato vi son per tanto onore e affetto,
Che ad'essa e a me rendete,
E pei doni, che or tutti a lei traete.

CORO. Ah! grazie non rendi
D'onore dovuto:
È questo un tributo
Che al merto si dà.
È questa, che intendi,
La voce sincera
Dell'Isola intera
D'Itamaracà.
Tributo più giusto
Di questo non v'ha.

ANT. Elogio più augusto
Un labbro non fà!

SCENA III.

AMALIA e detti. Ella ha in mano un velo nuziale piegato, di belli ricami, ed ha udite le ultime parole del coro precedente.

AM. Sì, mio caro cugino,
Nell'isola non v'ha chi ben non dica
Della mia dolce amica,
Della cugina, vostra suora amata,
E da ognun con affetto assai lodata.

(BALLATA)

AM. Anch'io qui le reco
Festiva il mio dono,

Em que os olhos abrio á luz primeira
A minha irmã querida,
Que, n'uma idade tenra, já privada
E do pai e da mãe, criei qual filha.
Grato vos sou por tanta honra e affecto,
Que a mim e a ella tributar viestes;
E por mimos, que todos lhe trouxestes.

CORO.

Ah! não agradeças
Obsequio devido:
Por ser merecido,
Só elle se dá.
E' esta, que ouves,
A voz verdadeira
Da nossa Ilha inteira
D'Itamaracá.

ANT.

Tributo mais justo
Que este não ha.
Louvor mais augusto
Um labio não dá!

SCENA III.

AMALIA e os ditos. Ella traz na mão um véo nupcial do-
brado, de bellos bordados, e tem ouvido as ultimas pala-
vras do Coro precedente.

AM. Sim, meu querido primo,
N'esta ilha não ha quem bem não diga
Da minha doce amiga,
Da prima, vossa irmã muito estimada,
E de todos querida e elogiada.

(BALLATA)

AM.

Tambem eu lhe trago
Festiva o meu mimo.

E giusta son seco
D'amor per amor ;
È fida; lo sono;
Ci amiamo di cor.
Insiem dai prim'anni
Amiche crescemmo;
Tra noi non avemmo
Contese finor :
Ne a chieder s'affanni
Chi tal vede amor.
Per lei questo velo (Spiega è mostra
Trapunsi per l'ora il velo)
Di nozze, che ancora
Non può più tardar ;
Se alfin vuole il cielo
Miei voti ascoltar.
Se l'ultima adesso
A giunger qui sono ;
A darle il mio dono
La prima esser vo';
Già volo, e qual messo, (Entra
Avviso a lei dò. frettolosamente
nella casa.)

SCENA IV.

ANTONIO PEREIRA e i CAMPAGNUOLI.

ANT. Mai vidi due zitelle
Si amiche come queste!
Adesso, amici miei, entrar vi piaccia
In questa vostra casa,
Ove molto a Marilia
Grato e onorevol fià del vostro ossequio
Il pregiabil tributo:
Oggi il suo terzo lustro ella ha compiuto.

E justa lhe pago
O amor, que me tem;
Estima-me, a estimo;
Queremo-nos bem.
Criamo-nos juntas;
Crescemos amigas;
Jámais ouve brigas
Na vida entre nós;
Nem cance em perguntas
Quem isto vê após.

Bordei este véo (desdobra e mostra
Só para o momento o véo)
Do seu casamento,
Que muito tardar
Não pôde, se o céu
Meu voto escutar:
Se sou derradeira
Aqui a chegar,
Ser quero a primeira
Meu mimo a lhe dar;
E a vou, mensageira, (Corre
De pressa avisar. apressadamente
e entra em casa.)

SCENA IV.

ANTONIO PEREIRA e os CAMPONEZES.

ANT. Nunca vi duas moças
Amigas como estas!
Agora, amigos meus, entrar vos praza
Cá nesta vossa casa,
Onde muito a Marilia
Grato e honroso será do vosso obsequio,
O tributo presado:
Hoje o terceiro lustro ha completado.

CORO. Oh dolce etade e bella
Quella del terzo lustro,
In che la verginella
Qual rosa e qual ligustro (*)
Fiorisce ed a se chiama
Gli occhi di tutto il mondo,
Che allor sospira ed ama
In un ardor giocondo,
Che il cor fa palpitar
Di pudibunda brama
Difficil a spiegar !

ANT. Felice chi possiede
Si dolce e bella età!
Ma passa, e più non riede
Allor che se ne v'è !

CORO. Felice chi nei lari
Colla virtù la tien !
Con feste singolari
Or farle onor convien.

TUTTI. Sì, questa etade bella
Andiamo a festeggiar
Nella gentil sorella,
Che il ciel ^{mi} _{ti} volle dar.

(Vogliono incamminarsi verso la casa).

SCENA V.

MARILIA, avvisata da AMALIA della venuta de CAMPAGNUOLI, comparisce con essa nella galeria, e scende lieta è comossa a riceverli, e riverirli. ANTONIO e questi, al vederla, si fermano, rimanendo come estatici, o compiaciuti a contemplarla, nel mentre che vien discendendo.

(*) Il ligustro è un fiore bianco assai commune in Italia, e celebre per quel bellissimo verso di Virgilio :

Alta ligustra cadunt, vaccinia nigra leguntur.

- CORO.** O' doce idade e bella
A do terceiro lustro,
Em que virgem donzella,
Qual rosa e qual ligustro, (1)
Floresce, e em que a si chama
O olhar de todo o mundo,
Que então suspira e ama
Em vivo ardor jucundo,
Que o peito faz pulsar
De almejo pudibundo
Difficil de explicar!
- ANT.** Feliz quem esta bella
E doce idade tem!
Mas passa; e depois d'ella
Ter ido, mais não vem.
- CORO.** Feliz quem em seus lares
Com a virtude a tem!
Com festas singulares
Honral-a pois convém.
- TODOS.** Ora esta idade bella
Pois vamos festejar
Na irmã que, em tal donzella,
Aprove ao céo ^{me}te dar.
- (Querem encaminhar-se para a casa.)

SCENA V.

MARILIA, avisada por AMALIA da vinda dos CAMPONEZES, apparece com ella na varanda, e desce leda e commovida a recebê-los, e cumprimental-os. ANTONIO e estes, ao vel-a, param, ficando como estaticos e satisfeitos a contemplal-a em quanto ella vem descendo.

(1) O ligustro ou alfena é uma flor branca commum na Italia, e celebre por vir mencionada no bellissimo verso de Virgilio:
Alba ligustra cadunt, vaccinia nigra leguntur.

ANT. Ecco, ella stessa or scende.
CORO. Nel fior degli anni bei,
Quale bellezza in lei,
Quanta onestà risplende!

1.° STUOLO. « Chi vide mai più bella
« La rosa al fin d'April
« Là nel paese ond'ella
« Venuta è nel Brasil?!

2.° STUOLO. « Del par l'altra donzella
« È un vago fior gentil!

(Marilia, essendo discesa, saluta i Campagnuoli ed'abbraccia le Campagnuole con grande affabilità; quindi riceve da ciascuna delle persone offerenti i fiori recati, ch'essa consegna alle mani di Ancelle, che vengono a riceverli, e li pongono in vasi, che collocano sul parapetto della galleria, appendendo le ghirlande ai pilastri, nel mentre che le frutta, e gli altri doni sono ricevuti da altri servi che li portano in casa)

MAR. Ah! ben spiegar non posso
Quanta è letizia in me, quanto confusa
È appien grata son'io per tanto onore
A me fatto in tal giorno,
Da voi tutti, onorati
Coltivator di questi fertil campi,
Che devono alle vostre
Buone cure ancor più rendersi al mondo
Utili che natura un dì li fece.
Il mio german vi dica
Per me, quello che dir io non potrei,
Si comossa son'io, benchè il vorrei:

(ARIA)

MAR. Qual, per un cor sincero,
Che la virtude apprezza,
Esser vi può dolcezza,
Quale piacer maggior

- ANT. Eis ella mesma desce.
CORO. Na flor da bella idade
Qual nella resplandece
Belleza, honestidade!
- 1.º BANDO. « Quem vio, quem vio mais bella
« A rosa em fins de Abril
« Lá no paiz d'onde ella
« E' vinda no Brasil?!
- 2.º BANDO. « Tambem outra donzella
« E' linda flor gentil. »

(Marilia, tendo descido, sauda os Camponezes, e abraça as Camponezas com grande affabilidade; logo depois recebe de cada uma das pessoas offerecedoras as flores trazidas, que ella entrega ás mãos de Famulas, que vem recebê-las, e as põe em vasos, que collocam sobre o peitoril da varanda, pendurando as grinaldas aos pilares; ao passo que as fructas e os outros presentes são recebidos por outros serventes, que os levam para a casa.)

MAR. Ah! explicar não posso
Qual é o meu praser, quão confundida
E penhorada estou por tanta honra
Neste dia a mim feita
Por vós todos, ó honrados
Cultivadores destes ferteis campos,
Que aos vossos bons cuidados
Devem o serem inda mais ao mundo
Uteis que os não fizera a natureza.
O meu irmão vos diga
Por mim, o que dizer eu não podera,
Tão commovida estou, bem que o quizera.

(ARIA.)

MAR. Qual, para almas sinceras,
Que amam virtude pura,
Qual pode haver doçura
E qual prazer maior,

Che il posseder davvero
Dell'alme oneste il cor?
Quel bel sentir le lodi
Sul labbro a ognun suonando;
D'onesto popol blando
Cóglier affetto e onor,
Ah! nei più dolci modi,
Sì, palpitar fa il cor!

CORO GENE. Ah! per te, son le lodi
Voci che uscir dal cor:
Quando che il suon tu n'odi,
Credi che il manda amor

MAR. (Amor!.. Amore!.. ah! dessi (frà se)
M'aman di dolce affetto:
Ma il mio Fernando?!.. Ah! fessi
Padron di questo petto!
Coll'amor suo, con lodi
Che, tutto ardor, mi dà,
Nei più soavi modi
D'amor languir mi fà!)

CORO GENE. Ma, se un garzone ardente
A te le lodi dà,
Sei tu chi dolcemente
Parlar, languir lo fà.

(Marilia, fatto un cenno ai venuti, offerendo loro la casa, si ritira a questa con Amalia, le Ancelle e le Schiave. I venuti la ringraziano con un inchino).

SCENA VI.

ANTONIO PEREIRA e i CAMPAGNUOLI.

ANT. Appo il meriggio, amici,
Il banchetto ne aspetta. Allor con voi
Godrò di generoso
Vin di Madera un calice ricolmo

Que o possuir de veras
Da gente honrada o amor?
No labio ouvir de todos
Bello louvor soando,
De um povo honesto e brando
Honras e amor colher,
Fazem em doces modos
O coração bater.

CORO GERAL. Ah! para ti, só vozes
São d'alma as do louvor.
Quando seus sons tu ouves
Crê que os emite amor.

MAR. (Amor!.. Amor!.. Ah! elles (comsigo)
Amam-me com ternura:
Mas meu Fernando?!.. Ah! preso
Meu coração segura!
Com seu amor ardente,
Com um louvor, que der,
Ah! como docemente
De amor me faz morrer!)

C. ANT. AM. Mas, se mancebo ardente
Louvores a ti der,
E's tu quem docemente
O faz fallar, morrer.

(Marilia, feito um aceno aos vindos, offerecendo-lhes a casa,
retira-se para esta com Amalia, as Famulas e Escravas.
Os vindos lhe agradecem com uma cortezia).

SCENA VI.

ANTONIO PEREIRA e os CAMPONEZES.

ANT. Após o meio dia,
Nos espera o banquete. Então comvosco
Hei de, amigos, gostoso,
De bom vinho Madeira um copo cheio

Libar di mia sorella alla salute :
E del nostro caffè poscia una tazza
Gustar in lieto ragionar tra noi
Di quest'albero all'ombra,
Ed in veder la gioia
Dei nostri servi, e le lor rozze danze.
CORO. Tali di questi dì son qui le usanze.
ANT. Un urgente motivo ora mi chiama
Di quest'isola al porto. Rinvenirvi
Qui spero al mio ritorno,
E dar nuova letizia a questo giorno.

(I Campagnuoli si ritirano, dopo un saluto, ripetendo le due prime strofe del coro d'introduzione).

SCENA VII.

ANTONIO PEREIRA.

ANT. Vado a veder se il mio capitan Carlo
Da Pernambuco è giunto ;
Ed oggi, per appunto,
Alla sorella mia vò presentarlo.
Essa ignora finora il mio disegno
D'unirla a questo possessor di grandi
Terre ed ingegni; ma, al vederlo, spero
Che tosto al di lei core
Ricchezza e gioventù parlin d'amore.
(Parte).

SCENA VIII.

MARILIA ed **AMALIA** scendono a passeggiare dinanzi alla casa. Marilia è un poco ansiosa e guarda lontano per vedere se vien Fernando; e non vedendolo, si volge ancor più ansiosa ad Amalia.

MAR. Partito è mio fratello; e qui Fernando
Non venne ancor! ne so perchè! . . Dovea

A' saude libar de minha mana:
E do nosso café logo uma chavena
Entre ledas conversas tomaremos,
Dessa mangueira á sombra,
Vêndo da nossa gente
O vivo regozijo e as rudes danças;
CORO. São aqui de taes dias as folganças.
ANT. Um urgente motivo ora me chama
Para o porto da ilha. A' minha volta
Achar-vos aqui conto,
E o jubilo do dia alçar de ponto.

(Os Camponezes retiram-se, depois de uma cortezia, repetindo as duas primeiras estrophes do coro de introducção).

SCENA VII.

ANTONIO PEREIRA.

ANT. Eu lá vou ver se o meu capitão Carlos
Chegou de Pernambuco;
E quero a minha mana
Hoje mesmo, de plano, apresental-o.
Té agora ella ignora o meu designio
De unil-a a um tal possuidor de grandes
Terras e engenhos; mas, ao vel-o, espero
Que nella fallar hade
Com a grande riqueza a mocidade. (parte)

SCENA VIII.

MARILIA e AMALIA descem a passear diante da casa. Marília está um pouco anciosa: olha ao longe a ver se vem Fernando; e não vendo-o, volta-se inda mais anciosa para Amalia.

MAR. Meu irmão já partio; e aqui Fernando
Inda não stá, nem sei porque. Devia

- Venir di buon mattino
A chiedermi in isposa al mio germano.
- AM. Ben sollo, e perch' il so, quel vel recaì.
- MAR. Impaziente omai
D'attender frutta da quell' arbor, volle
(Indicando la manghiera)
Scieglier ei stesso questo dì sì lieto
A far quella richiesta. Or tardi giunge,
Quandò ei ne venga, e vani
Saran suoi passi.
- AM. Attenderà che rieda
Il cugino dal porto ;
O tornerà più tardi.
- MAR. Ah ! tu le cose
Vedi con alma appien serena. Io temo
Di tutto ognor, sin tra la gioia. Sempre
Mi sta sul cor quell' albero, che ancora
Frutto non diè. (Indicando la manghiera)
- AM. Che importa ciò ? Ma viene
Fernando. (Come vedendolo da lontano)
- MAR. Ah ! sì ! (Lieta con un misto d' ansietà)
- AM. Con lui ti lascio. A lui
Or del ritardo la ragion richiedi. (Parte.)
- MAR. Oh ciel ! vacillo, e mal mi reggo in piedi !

SCENA IX.

MARILIA e FERNANDO.

Nel mentre che Marilia è stata a discorrere con Amalia presso i gradini della galleria, Fernando è venuto: ed all'entrare in scena, ha lasciato vedere fuori dei tronchi degli alberi, tra i quali comparisce, la parte superiore e più sottile di un bastone, o palo che portava in mano, colla parte più grossa all'ingìù, e che ha collocato dietro d'un albero, in modo tale, che solo ne apparisce fuori una parte senza che ne sia visto il rimanente. Il che, fatto, s'avvanza frettolosamente verso Marilia.

- Vir cá de manhã cedo
Para esposa pedir-me ao mano Antonio.
- AM. Bem o sei, e por isso o véo te trouxe.
- MAR. Já todo impaciente
De esperar fructo desse tronco esteril,
Quiz escolher este tão ledó dia,
Para este pedido. Tarde chega
Agora, quando venha,
E os passos perde.
- AM. Esperará que volte
Do porto o primo Antonio,
Ou tornará mais tarde.
- MAR. Ah! tu vês tudo
Com alma mui serena. Eu cá, receios
Em tudo tenho, e até na dita. Sempre
Me peza n'alma ess' arvore, que ainda
Fructo não deu! (Indicando a mangueira).
- AM. Isso o que tem? Mas chega
Fernando (Como vendo-o ao longe)
- MAR. Ah! sim. (Leda com um mixto d'anxiedade)
- AM. Fica com elle, e agora
Pergunta-lhe a razão desta tardança.
- MAR. Oh céos! nos pés o corpo me embalança!

SCENA IX.

MARILIA e FERNANDO.

Em quanto Marilia esteve discorrendo com Amalia. perto dos degráos da varanda, Fernando veio; e ao entrar em scena, deixou ver fóra dos troncos das arvores, por entre as quae apparece, a parte superior e mais fina de um páo que trazia na mão, com a parte mais grossa virada para abaixo, e que elle collocou atraz de uma arvore, de maneira que só apparece fóra uma parte sem que se veja o resto. Feito isto, corre apressado para Marilia.

(DUETTO)

- FER. Dolce amor, Marilia mia !
MAR. Mio Fernando! (abbracciansi mutuamente)
FER. Io ti rivedo ?!
MAR. Ah! sì tardi !
FER. Ancor non credo,
Dir lo deggio, agli occhi miei,
Se qui sono, e se potei
Pien di vita or qui fruir
Di mirarti e d'abbracciarti
Il soave almo gioir.
MAR. Ciel! che ascolto ?! E qual evento
Venne a porti in quel periglio
Che dicesti? Io già mi sento
L'alma tutta abbrividir!
Narra il caso. Adesso, il ciglio
Tu mi festi inumidir! (Si asciuga una lagr.)
FER. Ah! d'un angiol bella immago,
Tremi tu ?! Già salvo io sono.
MAR. Salvo !
FER. Sì, del cielo è dono
Il poterti riveder.
MAR. Ma la causa ?
FER. Già t'appago.
MAR. Tutto il caso io vò saper.

(RACCONTO NEL DUETTO)

- FER. Sulla riva d'un ruscello,
Colto avea, nel qui venire,
Un'fior candido, il più bello
Che mai vidi ne'miei dì;
E quel fior soave offrire
Ti volevo al giunger qui.

(DUETO.)

- FER.** Doce amor, minha Marília!
MAU. Meu Fernando! (abráçam-se mutuamente)
FER. Torno a ver-te?!
MAR. Ah! tão tarde!
FER. Hei de dizer-te
Que a meus olhos o não creio,
Se aqui 'stou de vida cheio,
E se posso agora ter
De abraçar-te, e contemplar-te
O suave almo prazer.
MAR. Céos! que ouço! e qual evento
No perigo que diceste
Veio pôr-te? Neste instante
Já me sinto arripiar.
Conta o caso. Já fizeste
Estes olhos lagrimar. (Enxuga uma lagrima)
FER. Ah! de um anjo imagem bella,
Tremes tu?! Salvo 'stou eu.
MAR. Salvo!
FER. Sim; favor do céu
E' o poder tornar-te a ver.
MAR. Mas a causa?
FER. Vou dizel-a.
MAR. Todo o caso hei de saber.

(RACONTO NO DUETO.)

- FER.** Sobre a margem d'um ribeiro,
Eu colhi, na minha vinda,
Uma flor candida e linda,
Qual na vida nunca vi;
Essa flor de mui bom cheiro
Dar-te quiz ao vir aqui;

Quando un crótalo, nascosto (*)
Sotto l'erba, che il copriva,
Nero e orrendo ne sortiva,
E terribile al suonar
D'atra coda, ch'egli tosto
Scosse irato al suo balzar.

MAR. Ciel! io gelo! E tu, là posto,
Ne potesti, oh Dio! scampar?!

FER. Al periglio repentino,
Lascio il fior, e la man porto
Sopra un palo, che vicino
Per fortuna io trovo là;
E il serpente riman morto
Sotto il colpi ch'ella dà.

MAR. Grazie al ciel! tu sei risorto;
Ma quel fior?

FER. Perduto è là.
Sotto i colpi ch'io vibrava
Sul colúbro al suol disteso,
Con quel rettil pure offeso
Tutto pesto ei ne restò:
Altro invan io ne cercava:
Occhio mio più nol'trovò.

MAR. Tristo fin! Ma or vieni illeso:
Grazie al ciel, che ti salvò!

(Fernando corre a prendere il bastone collocato da lui dietro uno degli alberi; e presolo per l'estremità sottile visibile allo spettatore, ne innalza la parte inferiore più grossa, nella cui estremità, spaccata, stà imprigionato pel collo un orribile serpente a sonaglio già morto, ed attortigliato al bastone, al quale ne è legata la coda con un vimine del bosco.)

(*) Il terribile serpente a sonaglio è detto dai naturalisti *Crotalus horridus*; ed è tutto al di sopra di color nero.

Quando um cascavel, moitado (1)
Sob a relva, que o cobria,
Negro e horrendo alli sahia
E terrivel, ao soar
Da atroz cauda, que, irritado,
Sacudira ao seu pular.

MAR. Céos! eu gélo! E lá parado
Tu pudeste lhe escapar?

FER. No perigo do repente,
Largo a flor, e a mão eu lanço
Sobre um páo, que prompto alcanço,
E por sorte encontro lá.
Morta fica a tal serpente
Sob os golpes, que a mão dá.

MAR. Graça ao céo! ressuscitaste.
Mas a flor?

FER. Perdida está!
Sob os golpes, qu'eu vibrava
Sobre a cobra alli 'stendida,
Com o reptil offendida,
Machucada, ai, lá ficou!
Outra em vão eu procurava:
Olhar meu mais não a achou.

MAR. Triste fim! Mas vens illeso:
Louvo ao céo, que te salvou!

(Fernando corre a buscar o páo, que elle collocara atraz de uma das arvores; e pegando nelle pela extremidade fina visivel ao espectador, levanta a parte inferior deste mais grossa, em cuja extremidade rachada está presa pelo pescoço uma horrivel cobra cascavel, já morta, e enroscada no páo, ao qual está amarrada a cauda da mesma com uma embira do mato.

(1) A terrivel cobra cascavel é pelos naturalistas denominada *Crotalus horridus*, e é por cima de uma côr negra. Talvez seria preferivel dizer aqui, como no italiano:
Quando um crótalo, occultado

- FER. Or qui tratto, o mio ben vedi
Quell orribile serpente. (Mostrandolo)
- MAR. Cielo! è il don che solamente (ritrocedendo
È a te dato a me recar?! innorridita)
Ah mio caro, tu non credi
Quanto il cor mi fai tremar!
- FER. (Avendo posto il bastone col serpente sotto la man-
ghiera appoggiato al tronco.)
In presagi oh! no, non credi,
Ah! mio ben, deh! non tremar :
Cedi ad altri pensier; cedi;
Pensa solo al nostro amar.
Dimmi che m'ami, (abbracciandola)
Che mia tu sei;
Quegli occhi bei
Rivolgi a me;
Se mia ti chiami,
Son io di te.
- MAR. Ah! se tu m'ami, (abbracciandolo)
Se mio tu sei,
Se gli occhi bei
Rivolgi a me,
Se mio ti chiami,
Son tutta in te.
- FER. Ah Marilia!
- MAR. Ah mio Fernando!
- FER. Oh mia vita, e dolce amor!
- MAR. Grazie al ciel pel don vo dando
Di poter vederti ancor.
- FER. Oh Marilia, o giglio puro!
- MAR. Angiol mio consolator!
- FER. Fede eterna, amor ti giuro.
- MAR. Fede eterna, eterno amor.
- FER. In questo sen, diletta, (riabbracciand.)
Scorda il timor, l'affanno,

- FER. Cá trazida, ó minha amada,
Vé agora a atroz serpente. (Mostrando-a)
- MAR. Céos! é o mimo, que sómente (recuando hor-
Te foi dado me trazer?! rorisada)
Tu não crês, quão aterrada
Tu me fazes já tremer!
- FER. (Tendo posto o páo com a serpente debaixo da man-
gueira encostado no tronco).
Em presagios ah não creias,
« Ah! meu bem, longe o temor;
« Entretém outras idéas!
Pensa só no nosso amor.
Dize que me amas, (abraçando-a)
Que tu és minha:
Volve a carinha,
Olha p'ra mi,
Minha te chamas?
Sou eu de ti.
- MAR. Ah! se me amas, (abraçando-o)
Se tu és meu,
Se um olhar teu
Volves p'ra mi:
Se meu te chamas
'Stou toda em ti.
- FER. Ah Marília!
- MAR. Oh meu Fernando!
- FER. Minha vida e doce amor!
- MAR. Graças mil ao céo vou dando;
Inda ver-te é seu favor.
- FER. Oh! Marília! O' lyrio puro!
- MAR. Anjo meu consolador!
- FER. Fé eterna, amor te juro!
- MAR. Fé eterna, eterno amor!
- FER. Nos braços meus, querida, (reabraç.)
Esquece ancias, temores.

Ah! non temer, mai danno
La serpe apporterà.
L'imen che già ne aspetta,
Felici ne farà.

Io t'amerò fedele;
Tu m'amerai costante;
Del viver ogni istante
Gioir per noi sarà.

MAR.

Con te, da te diletta,
Scordo il timor, l'affanno;
Non penso più qual danno
La serpe apporterà;
L'imen, che già ne aspetta,
Felici ne farà.

Tu m'amerai fedele;
Io t'amerò costante;
Del viver ogni istante
Gioir per noi sarà.

SCENA X.

ANTONIO PEREIRA, CARLO e detti, i quali sono da essi
sorpresi nell'atto di dar l'uno all'altro gli ultimi am-
plessi.

(QUARTETTO)

ANT. Che veggo, o scelerati! (Dalla parte più
CAR. Che gioco indegno è questo? vicina al
ANT. Oh ciell in disonesto fondo della
Tal modo, e qui ciò far! scena)
Son ambi congiurati
A tutto trastornar!

MAR. E FER. Oh ciel! (accorgendosi della sorpresa)

ANT. Ah sciagurati!

ANT. E CAR. Mal freno il mio furor!

Não tremas: desabores
A cobra não trará.
O altar, que nos convida,
Felizes nos fará.

Fiel eu hei de amar-te;
Tu me amarás constante;
Da vida cada instante
Prazeres nos dará.

MAR. Comtigo, e tão querida,
Esqueço ancias, temores;
Não penso em desabores,
Que a cobra nos trará.
O altar, que nos convida,
Felizes nos fará.

Fiel has tu de amar-me;
Eu te amarei constante;
Da vida cada instante
Prazeres nos dará.

SCENA X.

ANTONIO PEREIRA, CARLOS e os ditos, os quaes são por
elles sorprendidos no acto de darem-se os ultimos
abraços.

(QUARTETO.)

ANT. Que vejo! oh scelerados! (Da parte mais

CAR. Que indigna brincadeira! proxima

ANT. Oh céos! de tal maneira! ao fundo

Assim! neste lugar! da scena)

Estão bem conspirados

Em tudo transtornar!

MAR. FER. Oh céos! (Reparando na surpresa)

ANT. Ah desgraçados!

ANT. e CAR. Mal domo o meu furor!

MAR. E FER. Ah! noi siam osservati!
Ne ha persi il grande amōr!

ANT. Così, sorella, l'onor ferisci (a Mar. avvicinand.)
Del gran legnaggio da cui discendi?!
Così tu, indegno, procedi e ardisci (a Fer.)
Dell'amizia contro il dover?!
Infami entrambi, esseri orrendi (ad ambi)
Siete, ed infamia dovete aver!

MAR. } Perchè cotanto innoridisci?! (ad Antonio)

FER. \ Perchè ad ingiurie così discendi?!
Perchè colpevoli crèderne ardisci
Contro amistade, contro il dover?!
Non siamo infami esseri orrendi;
Onesto amore sappiamo aver.

CAR. Così m'inganni? così ferisci (ad Antonio)
E me, e il legnaggio da cui discendi?!
Così un'imene propormi ardisci
Con chi alla stirpe manca, e al dover?!
Innanzi a fatti sì indegni e orrendi,
Non si può calma nel seno aver.

FER. In grande'inganno entrambi siete.

MAR. Non è la cosa qual la credete.

M. E F. Onesto e santo questo amor è.

MAR. Egli in isposa mi chiede

FER. Ed in isposa la chiedo a te.

ANT. Tu sposo a lei?!

FER. Io qui ne venni
A domandarla in questo dì. (ad Ant.)

ANT. Giammai l'avrai finch'a miei cenni
La suora mia rimarrà qui. (ad Ant.)

CAR. Quando il volessi, contro i tuoi cenni
Saprei contenderla, o morir qui.
(Ponendo la mano sull'elsa).

MAR. e FER. Ai ! somos observados!
Perdeo-nos muito amor!

ANT. Assim a honra, ó irmã, tu feres (a Mar. aprox.)
Da nobre estirpe da qual descendes?!
Assim procedes, impio, e pretendes (a F.)
Ir da amizade contra o dever?!
Infames ambos, e horriveis seres (a ambos)
Sois, sim, e infamia vós deveis ter !

MAR. } Porque de horrores encher-te queres?! (a At.)
FER. } Porque doestos tão vis desprendes?!
Porque culpados crer-nos pretendes,
Contra a amizade, contra o dever?!
Nós vis não somos horriveis seres;
Amor honesto sabemos ter

CAR. Assim me enganas?! assim tu feres (a Ant.)
A mim, e á raça da qual descendes?!
Assim, tu, nupcias propor pretendes
Com quem á estirpe falta, e ao dever?!
Perante horrendos, vis procederdes
Não póde calma no peito haver.

FER. Estais vós ambos muito enganados:

MAR. Não são os factos quaes são julgados;

MAR. FER. Honesto e santo amor ha aqui.

E para esposa me pede
a peço a ti.

ANT. Tu seu esposo!

FER. Aqui vim eu,
Sim, neste dia, pedil-a a ti. (a Ant.)

ANT. Nunca has de obtel-a em quanto ao meu
Dispor a mana ficar aqui. (a Ant.)

CAR. Quando o quizesse, soubera eu
Vedal-o, ou morto cahir aqui.
(Pondo a mão sobre o pomo da espada).

FER. (Che ascolto mai! che a scoprir venni! (fra sè)
Dunque rivale costui vien qui!)

MAR. (Io del germano rispetto i cenni: (fra sè)
Ma schiava sua non sono or quì.)

ANT. Contro mia voglia, essa, giurando,
Mai dar la mano promise un dì.

MAR. Lo chiese il padre a me spirando;
Ed in quell'ora giurai di sì.

FER. Ne mel'dicesti?! che scopro! e quando! (a Mar.)
Che t'ho perdutà veggio così:

ANT. Questo è lo sposo ch'io destinava (a Mar. mos-
A te, Marilia, nobil signor, trandole Carlo)
Che già ti vide, che già t'amava,
D'ingegni e terre gran possessor.

Ei qui veniva a fin di darti
Il cor, la destra, pieno d'ardor;
Ma tu volesti disonorarti.
Di duol colmarmi e di rossor!

MAR. E tu, germano, la destra mia
Si prometesti a un tal signor,
Senz'a me chiedere, s'io dar potria
Colla mia destra anche il mio cor?!

Ah! non sapevi qual fiamma viva
Per altro core m'accese il sen,
Che voti un giorno io proferiva
Quando Fernando chiamai mio ben!

(Ponendo la mano sul cuore)

FER. Tu prometesti ciò che non era (ad Antonio)
Ne tuo, ne d'altri, fuor che di me:
La tua promessa fù menzognera,
Ed obbligarti non può, ne de'.

Tu non potevi dispor di un core
Che a me diè quella, che avealo in sen,
Che a me promise eterno amore
Qual io per sempre promisi appien.

- FER. (Que estou ouvindo? qual rasguei véo!
Então vem elle rival aqui!) (comsigo)
- MAR. (Respeito as ordens do mano meu: (comsigo)
Mas sua escrava não sou aqui!)
- ANT. Ella jurando já prometteo
Jámais casar-se se oppondo a mi.
- MAR. Meu pai pedio-mo quando morreo:
Eu, nessa hora, lho prometti.
- FER. Nem m'ò disseste?! Ah! que sei eu! (a Mar.)
E quando! Ah! vejo que te perdi.
- ANT. Eis o consorte qu'eu destinava (a Mar. mostr.
A ti, Marilia, nobre senhor, a Carlo)
Que já te vira, que já te amava,
E de fazendas possuidor.
Elle aqui vinha, a fim de dar-te
A mão, e um peito cheio de ardor;
Mas preferiste o deshonnar-te,
Envergonhar-me e encher de dôr.
- MAR. E minha dextra tu promettias
Assim, meu mano, a um tal senhor,
Sem perguntar-me, como devias,
Se dar podia com ella o amor?!
Tu não sabias que chamma viva
Ardor por outrem aqui mantem,
Nem a que votos me fiz captiva
Quando a Fernando chamei meu bem.
(Pondo a mão sobre o coração),
- FER. Tu prometteste o que não era (a Ant.)
Nem teu, nem d'outrem, mas só de mim:
Tua promessa não foi pois vera:
Ella obrigar-te não póde assim.
Dispon d'um'alma se não podia,
Que me deu essa, que a tinha em si,
Que amor eterno me promettia,
Qual para sempre lhe prometti.

CAR. Tu promettesti a me la mano (a Antonio)
Di tua sorella : e un uom d'onor
Se davver sei, pretende invano
A me contenderla questo impostor.

FER. Impostor io! (fremendo di sdegno)

CAR. Misero! (Con sarcasmo e disprezzo)

ANT. Indegno
Della mia stirpe!

CAR. Vile cultor. (Con disprezzo)

FER. A tali insulti d'insano sdegno, e schifo)

AT. CA. A tanta audacia

A. C. F. Già sento accendersi il mio furor.
Se cedo all'impeto primo di sdegno,
Un pugnol vibro ^{a lui} nel cor!
_{a lor}

MAR. Cessate, o all'ira or fate segno,
In tanta smania, solo il mio cor!

A. C. Va, sciagurato, che vane appieno (Con tuono imperioso)
In te son l'ire come il dolor;
Nel cor, nel labbro sento il veleno,
Vanne, paventa il mio furor.
Ad altri affetti apri il tuo seno,
Che invan per essa tu nutri ardor :
Se non l'onore, rispetta almeno
Cotesto luogo, vil traditor.

F. M. Ah! quella serpe, lo veggo appieno,
Colm^o_a d'orrore e di dolor,
Sinistro augurio pien di veleno
Fù di discordia e di furor!
Già mille spade mi sento in seno;

Nulla più spero dal nostro amor:
Ma a te ^{Marilia} _{Fernando} invan, ma almeno
Serberò sempre fedele il cor.
(abbracciandosi nuovamente).

SCENA XI.

MARILIA, FERNANDO, ANTONIO, CARLO, CORO di DOMESTICI e SCHIAVI, e nel fine ANCELLE e SCHIAVI. Carlo vieppiù sdegnoso, al vedere i due amanti nuovamente abbracciarsi al suo cospetto e del fratello di Marilia, vuol metter mano alla spada. Antonio indispettito anche lui alla vista di quest'atto, si risolve a far espellere Fernando in un modo più vile ed ingiurioso.

(FINALE DELL'ATTO)

CAR. L'ira reprimere più non poss'io,
A tal procedere sfacciato e rio:
Invan non pendemi cotesta spada
Dal fianco, e cada sul seduttur.

(sguainando la spada)

ANT. Che fai? Deh! calmati. Or la tua spada
Su villan infimo cader non de': (trattenen-
Troppo onor fóragli: egli sen'vada dolo)
Per altro mezzo degno di se.

Olà, mia gente, tosto volate! (chiamando)
Quell'insolente di qui scacciate:
Giacchè non vuole colle parole,
A pali e sassi ei se n'andrà.

CORO DI DOMESTICI E SCHIAVI (accor. con pali e sassi)
Corriam, corriamo; immantimente
Di qui scacciamo quell'insolente.
Giacchè non vuole colle parole,
A pali e sassi ei se n'andrà.

Mais nada espero do nosso amor.
Porém, ^{Marilia} Fernando, bem que baldado,
Guardarei sempre fiel amor.
(Abraçando-se novamente).

SCENA XI.

MARILIA, FERNANDO, ANTONIO, CARLOS, CORO DE FAMULOS, e ESCRAVOS, e no fim FAMULAS E ESCRAVAS. Carlos inda mais enfadado ao ver os dous amantes novamente se abraçarem á sua presença e do irmão de Marilia, quer lançar mão da espada. Antonio despeitado tambem á vista dessa acção, resolve-se a fazer expellir Fernando de um modo mais vil e injurioso.

(FINAL DO ACTO.)

CAR. Não posso a colera mais ter parada,
A um'acção improba tão descarada!
Em vão não pende-me do cinto a espada;
Caia vibrada no seductor.

(desembainhando a espada)

ANT. Que fazes?! calma-te. A tua espada
Não deve em infimo villão cahir;
Grande honra fora-lhe: mais adequada
Maneira empregue-se de o fazer ir.

(detendo-o)

O' minha gente, correi agora, (chamando)
Esse insolente ponde já fora;
Como não cede a quem lh'o pede,
A páos e pedras elle se irá.

FAM. ESC. (Acudindo com páos e pedras na mão.)
Eia voemos, e incontinente
Fóra lancemos esse insolente!
Como não cede a quem lh'o pede
A páos e pedras elle se irá.

- MAR.** Ah! buona gente frenate l'ira
Egli è innocente, per me sospira;
Perchè si vuole oltre a parole
Con pali e sassi fargli viltà?
- CAR.** Sì, si correte, immantinente
L'ire estinguete nell'insolente
Giacchè non vuole colle parole,
A pali e sassi ei se n'andrà.
- FER.** Ah! buona gente l'ira frenate
E un innocente non maltrate:
Perchè si vuole, oltre a parole,
Con pali e sassi farmi viltà?
- ANT.** Fidi, eseguite l'ordine mio:
- M. FER.** Ah! nò, m'udite, fermate, oh Dio!
- CORO.** Fuori, insolente: vattene, va':
Immantinente sgombra di quà:
- MAR.** Ah no, fermate: è l'amor mio
Nol maltrattate, no, per pietà.
Ah! non m'ascoltano: io manco, oh! Dio!..
A tale insulto, che gli si fa!
(cade svenuta nelle braccia delle ancelle che accorrono
al romore ed ai gridi)
- A. C.** Vanne, si misero, fatto insolente,
Immantinente sgombra di quà.
Vanne che giusto è il trattamento
Che a un folle intento ora si dà!
- FER.** Perchè son povero, quest'indecente
Smacco insolente or mi si dà!
Vado, ma inulto non resti, ó Dio,
Il vile insulto, che mi si fa.
(alzando gli occhi e le mani al cielo e ritirandosi.)

FINE DELL'ATTO PRIMO.

- MAR.** Ah! boa gente, contende a ira;
Elle sómente por mim suspira;
Porque não cede a quem lh'o pede,
Com páos e pedras se insultará?
- CAR.** Sim, apressai-vos, e incontinente
Arremessai-vos ao insolente;
Como não cede a quem lh'o pede
A páos e pedras elle se irá.
- FER.** Ah! boa gente, contende a ira:
Nem o innocente ella aqui fira.
Porque se excede no que se pede,
E páos e pedras vis se me dá?
- ANT.** Cumpri, meus fidos, os meus mandados.
- MAR.** Ah! dai-me ouvidos; ficai parados.
- F. Es.** Fóra insolente; vai-te já, já:
Incontinente foge de cá.
(Ameaçando a Fernando com páos e pedras).
- MAR.** Ah! vos detende; é o amor meu;
Dó d'elle tende: não façais mal.
Ai! me não ouvem: eu morro, oh céo!
Ao ver fazer-lhe injuria tal.
(Cahe desmaiada nos braços dos Famulos, que acodem á bulha e aos gritos.)
- ANT. CAR. FAM. ESC:**
Vai-te, sim, misero, feito insolente,
Incontinente foge de cá;
Vai-te, que justo é o tractamento,
Que a um louco intento ora se dà.
- FER.** Por eu ser pobre, este indecente
Trato insolente a mim se dá!
Vou: mas inulto a mão do céo
Tão vil insulto não deixará.
(Levantando os olhos e as mãos ao céo, e retirando-se.)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ATTO II.

L'ASSALTO DEL FORTE.

- 1.°— Il grido di guerra, e il brindisi militare:
- 2.°— Il soldato valoroso, e la promozione:
- 3.°— La rivista militare, e il giuramento marziale:
- 4.°— La partenza dell'esercito e l'ansietà delle amanti:
- 5.°— La vittoria e la notizia della morte:

SCENA PRIMA.

Luogo campestre a un miglio dall'Arraial e Forte del Buon Gesù, nei dintorni della città di Pernambuco e del borgo d'Olinda. E sparso d'alberi proprj del paese, tra i quali si distinguono palme di cocco, bananieri e manghiere, e fra questi alcune case rustiche sparse quà e là. Una di esse più vicina al proscenio è con taverna aperta, dinanzi alla quale avvi una tavola rozza con banchi e sgabelli all'intorno, coperti dall'ombra d'una manghiera con frutta abbondante e matura.

La scena dapprima è deserta e si odono lontane grida di— ALL'ARMI, ALL'ARMI — varie volte ripetute in diversi luoghi. Poco a poco le grida si fanno più forti e vicine, e dalle case ed altri luoghi della scena, escono molti ABITANTI DELLA CAMPAGNA, i quali si vanno radunando in vari gruppi, che poi si riuniscono in due stuoli, che si parlano a vicenda.

CORO.

- 1.° STU. Delle Quine (*) già il bianco vessillo
Nei dintorni d'Olinda è spiegato,
E minaccia del Bátavo odiato
Il tiranno poter oppressor.

(*) I Portoghesi chiamano *Quinas* lo stemma della loro nazione, a cagione dei cinque scudi che contiene.

ACTO II.

O ATAQUE DO FORTE.

- 1.^o — O grito de guerra, e o brinde militar.
- 2.^o — O soldado valoroso, e a promoção.
- 3.^o — A revista militar, e o juramento marcial.
- 4.^o — A partida do exercito e a anciedade das amantes.
- 5.^o — A victoria e a noticia da morte.

SCENA I.

Lugar campestre a uma milha de distancia do Arraial e Forte do Bom Jesus, nos arrebaldes da cidade de Pernambuco, e da Villa de Olinda. E' espalhado de arvores proprias do paiz entre as quaes se distinguem palmeiras de côco, bananeiras, mangueiras etc., e entre estas algumas casas rusticas, espalhadas cá e lá. Uma dellas mais proxima do procenio está com taverna aberta, diante da qual ha uma meza tosca com bancos, e mochos ao redor cobertos pela sombra de uma mangueira com fructa abundante e madura.

A Scena no principio é deserta, e ouvem-se longinquos gritos de—A'S ARMAS, A'S ARMAS— varias vezes repetidos em differentes lugares. Pouco e pouco os gritos tornam-se mais fortes e approximados; e das casas e outros lugares da scena sahem muitos HABITANTES DO CAMPO os quaes vão-se ajuntando em varios grupos, que depois se reúnem em dous bandos, que fallam reciprocamente um com o outro.

CORO.

- 1.^o BAND. Já das Quinas a branca bandeira
Foi, lá perto de Olinda, arvorada;
E ameaça do Bátavo a odiada
Tyrania e poder oppressor.

2.º STU. Delle trombe guerriere allo squillo,
Corre all'armi la gente dei campi:
E dell'armi s'adoppiano ai lampi,
Il desio di vendetta e il valor.

TUTTI. Là, corriamo noi pur, che, fedeli,
Petto abbiamo di Lusi, e nel core,
Conserviam lealtade ed amore
Per là Fè, per la Patria e pel'Rè.
Armi ed armi suonar sino ai cieli
S'odam l'aure, e ne tremi la terra;
E al terribile grido di guerra,
Sol non s'armi chi un uomo non è.

SCENA II.

IL SERGENTE, colla spada alla cinta e col fucile in mano,
accorrendo frettoloso e tutto acceso d'entusiasmo patrio-
tico, e detti.

SERG. Sì, all'armi, all'armi,
Pernambucani:
Corriamo a unirci
Ai Lusitani.
Cingiam la spada:
Mano al fucil:
Sgombro dai Batavi
Resti il Brasil.

CORO. Sì, sarà sgombro;
E pace avrà,
Al prisco stato
Risorgerà.

CORO E SERG. All'armi, all'armi,
Che tempo e già
E il Brasil, libero,
Respirerà.

2.º BAND. Ao clangor da trombeta guerreira,
Corre ás armas a gente dos campos;
E das armas redobram aos lampos
Da vingança o desejo e o valor.

TODOS. Lá corramos tambem nós, que herdamos
Luso peito com fidelidade,
E que á Patria alto amor, lealdade,
Á fé nossa votamos e ao Rei.
Armas, armas soar pois façamos
Neste ar té os céos; trema a terra:
Só ao grito terrível de guerra
Se não arme quem homem não é.

SCENA II.

Õ SARGENTO com a espada á cinta, e com a espingarda na
mão correndo apressado e todo acceso em entusiasmo
patriotico.

SARG. Sim, armas, armas,
Pernambucanos;
Vamos unir-nos
C'os Lusitanos
Cinja-se a espada;
Mãos ao fuzil;
Limpo dos Bátavos
Fique o Brasil.

CORO. Sim será limpo,
E paz terá;
Ao prisco estado
Resurgirá.

CORO E SARG. Armas, ás armas,
Que tempo é já;
E o Brasil livre
Respirará.

SERG. Se il fucil manca
Soltanto un'asta,
Ogn'arme a cogliere
Nemici basta:
Ove havvi braccio
Alma e valor,
Vincesi, uccidesi
Ogni oppressor.

TUTTI. All'armi, all'armi,
Pernambucani,
Corriamo a unirci
Ai Lusitani;
All'armi, all'armi,
Che tempo è già
E il Brasil, libero,
Respirerà.

(Durante il canto di quest'ultima strofa, Donne, Vecchj e Fanciulli già cresciuti escono dalle case recando armi di varie sorti, e porgendole agli uomini adulti gridano anch'essi, ALL'ARMI, ALL'ARMI. Alcune Donne e vecchj molto attempati non potendo uscir di casa, le porgono dalle finestre. Essendo così tutti gli adulti già provveduti di un arma, il SERGENTE tutto contento, cambiando tuono di voce, dice:)

SERG. Applauso adesso, amici,
Con massima allegria,
A questo dì si dia
Di tutti il più gentil,
Che in altre età felici
Rifulsero al Brasil,
E solo a suoi nemici
Terribile ed ostil.

Vino di Lusa terra
Forte, piccante e buon

SARG. Se o fuzil falta,
 Basta uma lança;
 Qualquer das armas
 O imigo alcança;
 Havendo braço,
 Alma e valor,
 Vence-se, mata-se
 Ao oppressôr.

Todos. Sim, armas, armas,
 Pernambucanos;
 Vamos unir-nos
 C'os Lusitanos:
 Armas, ás armas
 Que tempo é já;
 E o Brasil livre
 Respirará

(Durante o canto desta ultima estrophe, Mulheres, Velhos, e Crianças já crescidas sahem das casas, trazendo armas, de varias qualidades, e entregando-as aos homens adultos gritam tambem elles— A'S ARMAS, A'S ARMAS— Algumas Mulheres e Velhos muito adiantados em idade não podendo sahir de casa, as dão pelas janellas. Achando-se assim todos os adultos já providos de uma arma, o SARGENTO, todo contente, mudando de tom de voz diz:)

SAR. Agora, amigos meus,
 Com maxima alegria,
 Saudemos este dia
 Mais bello que outros mil,
 Que em ledos tempos seus
 Raiaram ao Brasil,
 E sò a imigos seus
 Terrivel como hostile.

Vinho de Lusa terra
Forte, picante e bom

Vengane a dar in guerra
Forza, coraggio e tuon.

(Dalla vicina taverna apport. boccali di vino e bicchieri che
ognuno riempe per sè).

Il cálice già n'empia
Ognun di voi per sè:
Gridiam: Viva la Patria, (alz. la voce.)
E viva il nostro Rè.

CORO. Si, venga, venga vino: (empiono i bicch.)
Ben empia ognun per sè:
Gridiam: Viva la Patria,
E viva il nostro Rè.
(alzando il bicchiere e lo vuotano bevondo)

SERG. Or voi mi secondate,
Che un brindisi vo'far:
Al cálice tornate:
Ciascun dee ricolmar.
(tornano a riempere i bicchieri)

(BRINDISI MILITARE)

SERG. Salute e fortuna
A chi, nel far guerra,
Vuol sgombra sua terra
Da stranio oppressor;
Arrida propizio
A sì nobil zelo,
E a vincer, del cielo
Lo guidi il favor.

SE. CORO. Beviamo, beviamo,
Che dice il Signor:
Pel Rè, per la Patria,
Si vince o si muor.

SERG. Fortuna e salute
Ai buoni, agli amici,
E morte ai nemici,
A estranio poter.

Venha nos dar na guerra
Força, coragem, tom.

(a um aceno seu trazem da taverna copos e cangeirões de
vinho, e os põe sobre a meza).

Agora o vosso copo

Delle eia pois enchei:

Gritemos: Viva a Patria, (levant. a voz)

E viva o nosso Rei.

CORO.

Sim, venha, venha vinho:

O vosso copo enchei: (ench. os copos).

Gritemos: Viva a Patria

E viva o nosso Rei.

(levantam o copo e o esvasiam bebendo).

SARG.

Agora, acompanhai-me,

Que um brinde cà farei:

De novo os vossos copos

De vinho bem enchei.

(tornam a encher os copos).

(BRINDE MILITAR)

SARG.

Saude e fortuna

A quem, nesta guerra,

Quer livre esta terra

Do estranho poder:

Seus nobres esforços

O cèò abençõe,

E a força lhe dôe

Que o leve a vencer.

COR. E SA.

Bebamos, bebamos,

Que diz o Grão Ser:

Por seu Rei e Patria,

Vencer ou morrer. (bebem um trago).

SAR.

Fortuna e saude

Aos bons, aos amigos;

E morte aos imigos,

A estranho poder.

Non è, no, per essi
Si nuovo e bel suolo :
La fossa essi solo
Qui possono aver.

CORO SER. Beviamo, beviamo,
Che dice il Signor:
Pel Rè, per la Patria,
Si vince o si muor. (bevono il resto)

SERG. All'armi, or all'armi:
Il ber dee finir.

SER. COR. All'armi, si, all'armi:
Vittoria o morir.
Marciamo, marciamo:
Vittoria o morir.

(Partono al suono d'una marcia militare. Le donne, i vecchi
e fanciulli si ritiramo).

SCENA III.

FERNANDO solo con assisa di semplice soldato di truppa di
prima linea.

FER. Già stanco e fatigato,
Di polvere cosperso e di sudore,
Qui, per fortuna, all'uopo
Incontro ove mi sieda. Alcuni istanti
Or qui riposérommi alla fresc'ombra
Di si bella manghiera. Oh! come è dessa
Carca di frutti già maturi e belli!
Albero, oh! che al pensier mi rinovelli!

(APOSTRAFE ALLA MANGHIERA. ROMANZA)

FER. O pianta appien ferace,
Che carica sei tutta
Delle tue belle frutta,
Ed ombra a me fai quì,

Só nossa e não delles
E' terra tão nova:
Só nella uma cova
Aqui podem ter.

COR. e SA. Bebamos, bebamos,
Que diz o Grão Ser;
Por seu Rei e Patria,
Vencer, ou morrer. (bebem o resto)

SARG. A's armas ás armas,
Acabe o beber.

SA. e COR. A's armas, ás armas,
Vencer ou morrer.
Marchemos, marchemos;
Vencer ou morrer.

(Partem ao som de uma marcha militar. As mulheres, velhos, etc., retiram-se.)

SCENA III.

FERNANDO só. com farda de simples soldado de tropa de
1.ª linha.

FER. Cançado e fatigado,
Coberto de suor e de poeira,
Neste lugar encontro
Por fortuna um assento. Alguns instantes
Aqui descansarei á fresca sombra
De tão bella mangueira. Oh! como toda
Está de linda fructa carregada!
Arvore, oh que lembrança é suscitada!

(APOSTROFE A' MANGUEIRA. ROMANCE)

FER. O' arvore fecunda,
Que estás tão carregada
De fructa sazoadada,
E a cuja sombra estou,

Qual è la man felice
Che te piantava un dì?
Se la tua fronda tace,
Ne il tronco è più loquace,
La frutta tua mi dice
Che il cielo benedì
Mano così felice,
Ma questa maledì!

(alzando e guardando la sua mano).

Si maledetta fù cotesta mano
Quando il seme piantò d'arbor, che mai
Frutto non diede, e che fatal presagio
A me fù di dolor e alla mia cara,
Che sempre invan sospiro,
Col pensier sempre il lei. Ah! no, non ponno
Gli aspri travagli e scene della guerra
Marilia cancellar dal mio pensiero,
Ne quell'infame ingiuria
Che in l'isola fatal per lei soffersi!
Se tanto io non amassi
Quell'angelo del ciel sceso alla terra,
Più non vivrebbe il suo german, ne l'empio
Rival protervo! sol per essa tutto
Soffersi, e soffro ancor; e in questa guisa,
Vivo penando in militar assisa!

(ARIA)

FER.

Per te mio bene amato
Senz'allegrezza io vivo,
Di te, di me captivo,
Di questa assisa ancor.
In trarmi afflitto il Fato
Cospira colla Sorte,
Sì che nemmen vuol Morte
Por fine al mio dolor.

Que mão afortunada
Um dia te plantou?
Se a folha em ti se calla,
Nem o teu tronco falla,
A tua fructa diz:
Que o céo abençoou
A essa mão feliz,
Mas esta mal fadou.

(Levantando e olhando a sua mão)

Maldiçoada, sim, foi esta dextra
Quando a arvor plantou, que nunca deo
Um fructo só, e que fatal presagio
De dôr foi para mim e a minha amada,
Por quem em vão suspiro,
Sempre nella pensando! Ah! não, não podem
A féra lida e as distrações da guerra
Marilia me riscar do pensamento,
Nem essa infame injuria,
Que por ella soffri na fatal ilha!
Se tanto eu não amasse
Esse anjo do céo descido á terra,
Já não vivera seu irmão, nem esse
Rival protervo! Só por ella tudo
Soffri e 'stou soffrendo; e desta guisa,
Vivo penando em militar devisal!

(ARIA)

FER. Por ti, meu bem querido,
 Sem alegria eu vivo,
 De ti, de mim captivo,
 Da farda que vesti.
 Tão, em moer-me, unido
 O Fado está co'a Sorte,
 Que até nem quer a Morte
 A dôr findar-me assi.

Ma perchè, Marilia mia,
Accusar così la Morte?
Non è dessa, ne la Sorte
Chi ancor vivere mi farà:
Sei tu, sì, che ancor nel mondo
Bella esisti, e ancor l'adorni,
E che ancora de'miei giorni
L'alma sei, l'amenità.
Gemo e soffro in pianti e pene,
Ma qui vivo ove tu vivi;
Non vò cosa che mi privi
Di pensare ancora a te.
Viver dee quest'alma mia
In quel mondo ove tu sei:
Tra le fiamme ancor vivrei
Quando io fossi accanto a te.

(Torna a sedersi pensieroso, volgendo gli occhi a terra,
rientrando nella sua solita malinconia).

SCENA IV.

Il SERGENTE e detto.

SERG. Già menai quella gente
Al novello Arraial, che lo zeloso
Mattia d'Albuquerque, a egual distanza
Del Recife e d'Olinda,
Formò di Buon Gesù col santo nome;
« E dove in breve tempo
« Edificossi un Forte
« Guarnito di tremenda artiglieria,
« Che quartier general è divenuto
« Dell'Esercito Patrio. Io corro adesso
« La verso il General ch'altri ridotti
« In riva andò a formar del Beberibe,
« Che fatali al nemico

Mas porque, minha Marilia,
Accusar assim a Morte?
Não é ella, nem a sorte
Quem me faz inda viver:
E's tu, sim, que neste mundo
Bella existes, e lhe crias
Mais encanto, e dos meus dias
E's a alma, o môr prazer.
Gemo e soffro em dôr e pranto;
Vivo aonde o meu bem vive:
Nada quero que me prive
De pensar ainda em ti,
Viver deve esta minh'alma
Onde estás, cá nesta esphera:
Eu no fogo até vivera,
Quando fosse junto a ti.

(Torna a sentar-se pensativo, olhando para o chão, e entrando de novo na sua costumada melancolia.)

SCENA IV.

O SARGENTO e o dito.

SAR. Já levei essa gente
Para o novo Arraial, que o desvelado
Mathias de Albuquerque, a igual distancia,
Do Recife e de Olinda
Formou de Bom Jesus c'o santo nome,
« E aonde, em breve tempo.
« Fabricou-se uma Força
« Com peças de tremenda artilharia,
« Que quartel general tem se tornado
« Do Exercio da Patria. Eu corro agora
« Lá para o General, que outros reductos
« Foi na margem formar do Beberibe,
« Que fataes ao imigo

« Saran come fù quello
« Ove ei tutta perdè la sua flottiglia.
Ma, chi vedo?! Fernando!
Che fai tu li seduto? (avvicinandosi a Fer.)
Dimmi, da te compiuto
Fu l'ordine a te dato?

FER. Al'far del giorno
Fu compiuto, e sol io vivo ritorno.

SERG. E non andasti sol?

FER. Recai quel foglio
Che a me desti : e in Olinda
Vi lesse il capitan paesan nostro,
Che de Batavi là si finge amico,
E al quale era diretto,
Ogni secreto detto
Del nostro General. To' la risposta, (gli con-
Che quasi a me sottratta segna la lettera)
Fù da un picchetto, che incontrai tornando:

SERG. E come da color libero uscisti?

FER. Colla spada che invan non porto allate.

SERG. E solo torni?

FER. Dissi. (torna a sedersi tutto tristo)

SERG. Sei soldato ! e sospirando)

(ARIA)

SERG. Bravo! ognor più t'ammiro
E lodo il tuo coraggio
Se in tutto egual vantaggio
Hai tu, come in ardir,
Della tua vita il raggio
Tardi vedrai finir.
Coraggio, or via, coraggio :
Codardo è il tuo sospir

« Serão como o foi esse
« Em que toda perdeu sua flotilha.
Mas... quem vejo?! Fernando!
Que fazes hi sentado? (aproximando-se-lhe)
Dize-me: tens cumprido
A ordem a ti dada?

FER. Foi cumprida
Na madrugada, e volto eu só com vida.

SARG. E não andaste só?

FER Levei a carta
Que me deste; e em Olinda
Leo nella o Capitão nosso patricio,
Que dos Batavos lá se finge amigo,
E a quem foi dirigida,
Os desfarçados ditos
Do nosso General. Eis a resposta (entrega-
Que empolgada ia sendo lhe a carta).
Por um piquete, que encontrei na volta.

SARG. E como dessa gente te livraste?

FER. Com a espada, que em vão não trago ao lado.

SARG. E tu só tornas?

FER. Disse. (torna a sentar-se todo triste

SARG. E's um soldado, e suspirando).

(ARIA)

SAR. Bravo! Inda mais te admiro,
E louvo-te a coragem;
Se tens igual vantagem:
No mais, como em ardil,
Tarde farás viagem
A tua vida hostile.
Coragem pois, coragem:
Teu suspirar é vil.

Del militar la vita
Non è per tristi pianti:
Nelle città gli amanti
Piangono sol così.
D'amor qui la ferita
Non dura più d'un dì:
La fiamma è già sparita
Appena si senti.
Allegro vo' vederti,
Mio caro; ah! ridi ah! si.
Or vanne al campo, e avverti
Che un vero amico hai qui.

(Fernando mosso dalla giovialità e tenera amicizia del Sergente, lascia spuntare sul labbro un leggiero sorriso; ma vinto nuovamente dalla sua malinconia, non potend^o corrispondere alle consolazioni dell'amico Sergente gli dà un amplesso, e senza più far parole, s'incamina verso il campo dell'esercito Luso-Brasiliano).

SCENA V.

II SERGENTE.

SERG. Se tutti come questo
Fosser gli altri soldati, da gran tempo
Un Batavo qui più non avria piede.
È daver un eroe
Pien d'animo e valor: ma sempre mesto
Lo rende quell'amor tanto ostinato,
Che ne forma un'afflitto, un sventurato.
Ma già vien di ritorno (guardando dentro le
Il General Mattia, scene al lato opposto a
Col suo Stato Maggior. quello per cui parl' Fer.)

Do militar a vida

Não é de tristes prantos;

Só na cidade tantos

Choram amando assi.

Nunca de amor ferida

A um dia excede aqui.

A chamma, após sentida,

Não passa mais d'alli.

Alegre quero ver-te

Meu caro, sim; Ah! ri.

Ao campo volta, e adverte:

Tens bom amigo aqui.

(Fernando, movido pela jovialidade e terna amizade do Sargento, deixa despontar no labio um leve sorriso; mas vencido novamente pela sua melancolia, não podendo corresponder ás consolações do amigo Sargento, dá-lhe um abraço, e sem mais palavras, encaminha-se para o campo do exercito Luso-Brasileiro).

SCENA V.

SARGENTO só.

SARG. Se todos como este

Fossem os mais soldados, de ha muito

Um Bátavo aqui mais não pisarial

E' um verdadeiro heroe

Cheio d'alma e valor. Só sempre triste

O traz esse amor seu tão obstinado,

Que faz d'elle um afflicto, um desgraçado.

Mas ahi vem de volta. (olhando dentro dos

O General Mathias, bastidores para o lado

Com o Estado Maior... opposto ao para o

qual partio Fernando).

SCENA VI.

IL GENERALE MATTIA D'ALBUQUERQUE col suo STATO
MAGGIORE, CARLO, un CAPITANO di prima linea ed il
SERGENTE.

GEN. Bravo Sergente,
Mandasti il foglio mio?

SERG. Ecco il riscontro.
(consegnandogli la lettera avuta da Fer.)

GEN. Sì tosto! Chi recollo, e il mio trasmise?

SERG. Un giovin pieno di valor che in nulla
Ritien la vita ov'è periglio, e vola
Audace e senza tema,
Sol colla cura estrema
Di compiere il dover; è tal soldato
Che un picchetto, egli sol, spento ha lasciato!

GEN. Quando?

SERG. Nel suo ritorno: e non è questa
La primiera prodezza. In un assalto
La presso del Recife
Spense col brando suo due capitani,
Al nemico strappando una bandiera!

GEN. Ed è ancora soldato?!
Capitan (*) Caporal sia nominato.

(TERZETTO)

GEN. Chi serve ben la Patria
E il Rè, di premio ha merto:

(*) Al Capitano di prima linea, il quale s'inchina e udito l'ordine, va a stendere il brevetto di nomina, sedendo alia tavola che è sotto l'albero, e il quale prima di stenderlo chiama il Sergente, facendo i gesti e gli altri atti di chi domanda sotto voce il nome e gli altri dati necessarj. Il Sergente fa i gesti e gli atti di chi risponde alle di lui inchieste. Conchiuso il brevetto, il capitano lo consegna al Sergente. Tutto questo non interrompe il canto, ne il seguito del dramma).

SCENA VI.

O GENERAL MATTHIAS D'ALBUQUERQUE com o seu ESTADO MAIOR, CARLOS, um CAPITAO de Primeira Linha e o SARGENTO.

GEN. Bravo Sargento,
Mandaste a minha carta ?

SARG. Eis a resposta. (Entrega-lhe a carta).

GEN. Oh! já!.. Mas quem a trouxe e levou a minha?

SARG. Um moço cheio de valor, que em nada
Reputa a vida, onde ha perigo, e corre
Audaz e sem receio,
Só com cuidado extremo
De cumprir seu dever, e tal soldado
Que um piquete, elle só, ha destroçado.

GEN. Quando ?

SARG. Na sua volta; e não é esta
A primeira proeza. Em um ataque,
Lá perto do Recife,
Dous Capitães matou co'a sua espada,
Arrancando ao inimigo uma bandeira.

GEN. E ainda é soldado ?!
Capitão, (*) seja cabo nomeado.

(TERCETO)

GLN. Quem serve bem a Patria,
E o Rei, premio merece:

(*) Ao Capitão de 1.^a Linha, o qual faz uma cortezia, e ouvindo a ordem, vai lavrar o titulo de nomeação, sentando-se á meza, que está debaixo da arvore, e o qual antes de o lavrar chama o Sargento, fazendo os gestos e outros actos de quem pergunta em voz baixa o nome e os outros dados necessarios. O Sargento faz os gestos e actos de quem responde ás suas perguntas. Concluido o titulo, o Capitão o entrega ao Sargento. Tudo isto não interrompe o canto nem o seguimento do Drama).

Ma piccol premio è certo,
Questo a si gran valor.
Se darlo io già potessi,
Molto il darei maggior.

(Il Generale si pone a leggere la lettera ricevuta dalle mani del Sergente. Carlo si mette a commentare i detti del Generale ad alta voce col tuono e le maniere d'un adulatore.)

CAR. Si, vuol la disciplina,
Voglion del Rè gli editti,
Che i gradi, in premio ascritti
Ad ogni militar,
Giammai, se sia promosso,
A'salto abbian da andar.

SERG. Il Rè, la disciplina, (a Carlo)
Gli editti io, sì, rispetto:
Ma non mi parla in petto
Tai cose il core alfin.
Sergente avrei già detto
Quel bravo Gelsomin.

CAR. Che dici?

SERG. Quel Fernando
È un vero paladin.

CAR. (Il mio rival! « Non posso (sdegnato e
« Udir di lui parlar, fra sè)
« Senza in le fanci un osso
« Sentirmi attraversar).

GEN. (Dopo aver letto la lettera).
Stolto il nemico crede
Soprendermi a mio danno,
Nel Forte in cui risiede
La nostra forza! inganno! (con riso sard.)
Lo scaltro in sua lusinga
Or, or ben preverrò:
Prima che qui mi stringa,
Io sopra lui sarò.

Mas pouco premio è esse
A tanto e tal valor !
Se da-lo já podesse,
O déra assáz maior.

(O General põe-se a lêr a carta recebida da mão do Sargento.
Carlos mette-se a comentar os ditos do General em alta
voz com o tom e maneiras de um adulator).

CAR. Sim, quer a disciplina,
Do Rei as ordens querem,
Que os postos, que se derem
A todo militar,
Jâmais, se o promoverem,
A salto hajam de andar.

SAR. Respeito a disciplina, (a Carlos).
O Rei, as leis respeito;
Mas não me diz no peito
Meu coração assim:
Sargento houvera feito
Ao bravo meu Jasmim.

CAR. Que dizes?!

SARG. O Fernando
E' um vero paladim.

CAR. (O meu rival! « Não posso (irado e comsigo)
« Ouvir nelle fallar,
« Sem na garganta um osso
« Sentir-me atravessar!)

GEN. (depois de ter lido a carta)
Estulto o imigo pensa
Me surprender com damno
No Forte, aonde immensa
E' nossa força! engano! (com riso sardonico)
O esperto, antes que acerte,
Eu bem prevenirei:
Antes que aqui me aperte,
Lhe acima cahirei.

Si d'Accque Fredde il giorno
Per lui rinnoverò;
E con suo danno e scorno
Vittoria appien ne avrò.

Già tutto è ben disposto
Per il miglior successo:
Gli ordini mando adesso,
Ne obuzzi io temo più:
Spingo l'armata io stesso
Dal Forte Buon Gesù:
E sloggerà dal posto
Ch'egli usurpò lassù.

(mostrando col dito un luogo dentro le scene)

CAR. Adesso! « In sacro giorno?..

GEN. « Di cui maggior profitto
« A nostro danno e scorno
« La fellonia vuol trar,
« Che inspira in suo delitto
« L'iniquo Calabar.
« No, del Giovedì Santo
« Le preci e i riti ancor
« All'empie insegne tanto
« Or non traranno onor.
« Anche, in servir la Patria,
« Onorasi il Signor.

Adesso, oggi, sì, voglio
Dargli il tremendo assalto.

CAR. Se il zel non crede orgoglio...

(con voce e tuono sommesso)

GEN. Parlar lei può ben alto.

CAR. Allor vostra Eccellenza
Profitto assai può trar,
Dal gran valor e ardenza
Del bravo militar

O dia d'Agua Frias
Eu lhe renovarei;
Com seu desdouro e damno,
Victoria alcançarei.

Já tudo está disposto
Para o melhor successo:
As ordens ora expeço,
E sem temer o obús,
O exercito arremesso
Do Forte Bom Jesús.
Hade largar o posto,
Onde trepou sem jus. (Mostrando com o
dedo um lugar dentro dos bastidores.)

CAR. Hoje?! « em tão sacro dia?!...

GEN. « Que com infernal mira,
« Malvada felonía
« Pretende aproveitar!
« A que em seu crime inspira
« Ao impio Calabar!

« Da Quinta Feira Santa
« As preces e as funcões
« Não trarão gloria tanta
« Dos impios aos pendões:
« Quem faz serviço á Patria,
« A Deos faz oblações!

Hoje, sim, hoje quero
Dar o tremendo assalto.

CAR. Desculpa-me um esmero? (com voz e tom

GEN. Pode fallar bem alto. muito submissos)

CAR. Então Vossa Excellencia
Bem pode aproveitar
O grão valor e ardencia
Do bravo militar,

Promosso a Caporale,
Per merito senza eguale

(con simulazione e sarcasmo)

GEN. Sì, certamente.

CAR. Deve

In quell'assalto fier,
Come si ardito, e lieve,
Fra i primi esser primier.

GEN. Dubbio non havvi alcuno.

Sergente, a te fidato

(al Serg.)

Riman di tal soldato

Vantaggio all'uopo aver;

Perchè il valor a ognuno

A palme apre il sentier.

SERG. Lasciate; egli, al mio lato,
Sarà, sarà, il primier,
Che, qual leone irato,
Corra a scacciar l'altier,
Dal luogo ove postato
Ne addita al cannonier.

Là meco delle Quine

L'insegna planterà;

E il Batavo in rovine

Sepolto lascierà;

GEN. Bravo! con tai soldati,
Si, si, si vincerà;

O saprem tutti osati

Con gloria morir là.

SERG. Da bravi, e da soldati

Si, si, si vincerà;

O saprem tutti osati

Con gloria morir là.

A Cabo, promovido,
Por merito subido.

(Com simulação e sarcasmo)

GEN. Sim, certamente.

CAR.

Deve

No ataque, que se der,
Por ser ousado e leve,
Um dos primeiros ser.

GEN.

Não ha duvida alguma:

Sargento, ao teu cuidado

(ao Sarg.)

Fica de tal soldado

Saber-te aproveitar;

« Pois o valor costuma

« Vencer e triumphar.

SAR.

Deixai: elle, ao meu lado,

Hade o primeiro ser,

Que, qual leão irado,

Vá o féro acommetter,

Lá onde está postado,

E canhonar nos quer.

Comigo lá das Quinas

A insignia plantará;

E o Bátavo em ruinas

Sepulto deixará.

GEN.

Bravo! com taes soldados

Havemos de vencer,

Ou todos denodados

Com gloria lá morrer.

SAR.

Sim, como bons soldados,

Havemos de vencer,

Ou todos denodados,

Com gloria lá morrer.

CAR. (Como um dos mais soldados (comsigo).
Talvez que, sem vencer,
Com os outros desgraçados
Lhe occorra lá morrer). (vão-se).

SCENA VII.

A muito nova povoação denominada Arraial do Bom Jesus, annexada ao Forte do mesmo nome, a uma legua de distancia do Recife da cidade de Pernambuco, e da Villa de Olinda. Praça rodeada irregularmente de casas feitas umas de taboas, outras de páos travados e unidos, e tapados com terra, tendo todas sómente o andar terreo, e sendo cobertas de palha, ou folhas de palmeiras americanas. Todas tem um aspecto assáz novo, indicando haverem sido feitas ha pouco tempo, e com pressa, como habitações urgentes e provisórias. As janellas e portas estão todas fechadas com rotulas ou grades de madeira com portinholas de alçapão, quer naquellas, quer nestas, sendo porém nas grades ou rotulas das portas a totalidade abriavel horizontalmente para fóra sobre dobradices. Um muro de páos travados e unidos com terra, e com frestas para vêr fóra e fazer fogo para a occasião, cêrca toda a casaria, e por ambos os lados, prolonga-se até os muros da fortaleza, que vê-se no fundo da scena, sobre uma pequena eminencia, toda munida de artilharia, com sentinellas que passeiam sobre os baluartes, e outras á porta da mesma fortaleza, e a aquella pela qual sahe-se do Arraial em um lado da scena.

ANTONIO PEREIRA, MARILIA, e AMALIA, em traje de viagem, entrando, na praça pela porta do muro, que rodêa o Arraial.

ANT. Em fim, graças ao céo,
Neste lugar chegamos,
Ora seguro asylo
A' fugitiva e afflicta
Nossa misera gente,
Que o Recife invadido
É incendiada Olinda abandonava,
Adversa ao fero e insupportavel jugo
Do estrangeiro, que ali se aninha agora.

MAR. Quanti disagi, oh Dio! quanti tormenti!

AM. Or via, fatti coraggio,
Che Dio ne assisterá.

ANT. Ma qui, mie care,
Incaminarsi veggo (vedendo sortir truppa dalla
Molte guerriere squadre. fortezza)
Ben fia che in quella casa (mostrando una delle
Or noi ci raccogliam, ivi chiedendo case)
Sacra ospitalità, che nessun niega,
In si fatali eventi.

AM. Forse con questa gente (a Mar.)
Viene il mio caro sposo,
E forse il tuo Fernando.

ANT. Apressiamci, che vengono avanzando.
(Entrano in una delle case indicata da Ant.)

SCENA VIII.

Al suono di una musica militare, vengono sortendo ed avanzando dalla Fortezza e si radunano nella piazza, per la rivista generale, i varj corpi dell'Esercito Luso-Brasiliano, ciascuno colla sua bandiera.

Questi corpi sono di truppa di prima linea, Milizie, ed Ordinanze, e tra essi un battaglione di negri, e varj stuoli d'Indiani con archi e frecce, e in fine un treno d'artiglieria. Le ordinanze sono armate con lance o spuntoni, e spade. Ciascuno dei varj corpi militari ha i suoi uffiziali ed un capo che lo conduce.

Alle porte e finestre delle case, e tra l'una e l'altra di queste compariscono DONNE, VECCHJ e FANGIULLI, scuotendo nell'aria fazzoletti bianchi, in segno d'applauso. MARI-LIA ed AMALIA compariscono anch'esse alla finestra della casa in che sono entrate. ANTONIO PEREIRA viene da questa con la sua assisa di Capitan Maggiore a complimentare i capi dei diversi corpi dell'Esercito. IL SERGENTE e FERNANDO, questo in assisa di Caporale, sono tra le file dell'Esercito. Essendo questo tutto schierato, viene il

MAR. Que incommodos, ó céos! quantos tormentos!

AM. Ora, anima-te, prima,
Deos nos assistirá.

ANT Mas vejo, ó caras,
Para aqui virem vindo (vendo sahir tropa da
Muitas guerreiras filas. fortaleza).
Bom será nessa casa (indigitande uma das
Nos irmos recolhendo, alli pedindo casas)
Sacra hospitalidade, em taes eventos,
Por ninguem recusada.

AM. Talvez com esta gente (á Marilia).
Venha meu caro esposo,
Talvez o teu Fernando.

ANT. De pressa, que vem elles avançando.

Entram todos tres em uma das casas, indicada por Antonio.

SCENA VIII.

Ao som de uma musica militar, vem sabindo e avançando da Fortaleza, e ajuntam-se na praça para a revista geral, os varios corpos do Exercito Luso-Brasileiro, cada um com a sua bandeira,

Estes corpos são de tropas de 1.^a linha, Milicias e Ordenanças, e entre elles um batalhão de Negros, e varios bandos de Indios com arcos e frechas, e no fim um trem de artilharia. As Ordenanças estão armadas com lanças. ou chuços e espadas. Cada um dos varios corpos militares tem seus officiaes, e um chefe que o conduz.

A's portas e janellas das casas, e entre uma e outra destas apparecem MULHERES, VELHOS, e CRIANÇAS sacudindo nos ares lenços brancos em signal de applauso. MARI-LIA e AMALIA apparecem tambem ellas á janella da casa em que entrarão. ANTONIO PEREIRA vem desta com a sua farda de Capitão-Mór, comprimentar os chefes de varios corpos do Exercito. O SARGENTO e FERNANDO, este com farda de Cabo, estão nas fileiras do Exercito. Estando

GENERALE MATTIA d'ALBUQUERQUE col suo Stato Maggiore. Al suo comparire, l'Esercito gli presenta le armi: le bandiere fanno il saluto corrispondente alla dignità del Generale; tutti i tamburi battono, e tutto l'Esercito e gli spettatori in scena prorompono in lieti evviva esclamando:

CORO GENERALE Viva, viva il nostro Ré:
Viva il nostro General.

I Generale si cava il capello, e saluta l'Esercito, corrispondendo ad ognuna delle acclamazioni a suo riguardo, con un atto di ringraziamento. Dopo di che, fatto il giro della piazza, e venuto nel mezzo di questa, dopo aver passato in rivista le truppe, sguaina la spada, e così prende a parlare:

(ALLOCUZIONE ALL'ESERCITO)

GEN. Valorosi Guerrieri,
Alla nostra fedeli
Santa Religione, ed all'augusto
Monarca Rè de'Lusi,
Oggi spero da voi, dal vostro brio,
Gran prova di valor e di prodezza
« In difesa di questa
« Nuova nostra Brasilica Fortezza,
« E della cara Patria
« Tanto invasa ed oppressa
« Dal avaro stranier, che sepellirne
« Vuol tra le sue rovine.
« Ma forse è giunto il fine
« Della sua crudeltà, poichè lo aspetta
« Brasilica vendetta;
« Ed or che insano crede
« Qui venirne e sorprenderne, fra poco
« Su lui ci troverà nel suo ridotto.
« Sì da me la condotto,
Ognun di voi mi segua a vincer pronto
Od a morir. Or qui solennemente

este todo formado, vem O GENERAL MATHIAS D'ALBUQUERQUE, com o seu ESTADO MAIOR. Ao seu apparecer o Exercito lhe apresenta as armas; as bandeiras fazem a continencia, que corresponde á dignidade do General: todos os tambores tocam, e todo o Exercito e os espectadores em scena rompem em ledos vivas esclamando:

CORO GERAL. Viva, viva o nosso Rei;
Viva o nosso General.

O General tira o seu chapéo, e sauda o Exercito, correspondendo a cada uma das acclamações a seu respeito, com um acto de agradecimento; depois do que, feito o gyro da praça, e chegando ao meio desta, após de ter passado em revista as tropas, descambainha a sua espada, e assim começa a fallar.

(ALLOCUÇÃO AO EXERCITO)

GEN. Valorosos Guerreiros,
Fieis á nossa avita
Santa Religião, e ao augusto
Monarcha Rei dos Lusos,
Hoje espero de vós, do vosso brio,
Mil provas de valor e de proeza,
« Para a defesa desta
« Nossa nova brasilia fortaleza;
« E da querida Patria,
« Tão invadida e oppressa
« Por cobiçoso estranho, que enterar-nos
« Quer em suas ruinas.
« Mas o fim talvez chega,
« Das suas crueldades, pois o espera
« Brasileira vingança.
« E agora qu'elle insano
« Crê virnos surprender, hade mui breve
« Nos achar sobre elle em seu reducto.
« Sim por mim conduzidos,
Segui-me todos vós a vencer promptos,
Ou a morrer. Aqui solememente,

Sulle nostre bandiere
Giurate tutti compiere il dovere.
(Tutto l'Esercito stende le armi e pronunzia il seguente).

(GIURAMENTO)

C. DELL'ESERC. Giuriamo, si, teco
Nel campo, e nel Forte,
Far guerra al nemico
Insino alla morte :
Si, vincer giuriamo,
O tutti morir,
E far dalla Patria
L'estraneo sparir.
Giuriamo, e alla santa
Parola, che diamo,
Il braccio pur vanta
Col brando qui ancor
Leal qual lo abbiamo
Dai padri alzar cor.
A udirne chiamiamo
Dal cielo il Signor.
Il Luso e il Brasilio,
Non sanno mai dir
Invano, o mentendo:
Vittoria o morir:
E ciò proferendo,
Mai sanno tradir,
Giuriamo, giuriamo,
Vittoria o morir.

GEN. In questo istante, o prodi,
Respirate la prima
Aura d'indipendenza e libertade.
Poscia più lusinghiero
Quel bel giorno verrà lieto e sereno
In che libero il piè calchi il terreno.

Sobre o estandar-te nosso,
Jurai todos cumprir c'o dever vosso.

(Todo o exercito extende as armas e pronuncia o seguinte)

(JURAMENTO)

CORO DO EXERCITO. Juramos, comtigo
No campo e no Forte,
Bater o inimigo,
Até vir a morte.
Sim, todos juramos
Vencer ou morrer,
Livrar nossa Patria
Do estranho poder.
Juramos; e á santa
Palavra, que damos,
O braço levanta
Co'a espada na mão,
Tal qual nós o herdamos
Leal coração;
A ouvir-nos chamamos
A Eterna razão.
O Luso, o Brasilio,
Não sabem dizer
Embalde ou mentindo:
Vencer ou morrer.
Em tal proferindo.
O sabem manter.
Juramos, juramos,
Vencer ou morrer.

GEN. Neste instante, ó valentes,
Respirais a primeira
Aura de independencia e liberdade.
Logo mais lisongeiro
Esse dia virá ledo e sereno
Em que livres pizeis neste terreno.

(ARIA)

Tremendo or già risuoni
Il nostro inno di guerra.
Alto il cannon lo intuoni,
Alto il dirà la terra,
Ed ogni ostil straniero,
In quel rimbombo udir,
Senta terror sì fiero,
Che sol pensi al fuggir.
Ah! sì tremendo ei suoni,
Che faccia inorridir
Le Batave legioni,
E annunzi il lor morir.

Un colpo di cannone dá il segnale per incominciare il canto dell'Inno Marziale. Tutti i tamburi battono ed, al loro frastuono, prorompe il suono d'una musica marziale dell'Orchestra, alla quale vien poi ad unirsi e combinarsi quella della banda militare in scena, e del canto, sul motivo dell'Inno Nazionale Brasiliano (*) formando coll'altra, affatto differente, un'armonia maestosa. L'inno è cantato da un picciol Coro di 8 voci, il di cui canto alterna con quello del Coro generale, che canta la strofa intercalare. Al fine d'ogni strofa, si ripete il colpo di cannone.

(*) L'Inno Nazionale di qualunque popolo é la manifestazione, e l'espressione musicale del suo spirito d'indipendenza. Questo spirito, per quanto mai che sia occulto, o modificato, sempre esiste e traspira in qualche modo in ogni tempo, ed in ogni atto, detto, e canto del popolo, che di questi è l'autore. Esso pertanto non poteva non esistere, almeno virtualmente, e non manifestarsi in qualche modo negli atti, detti e canti dell'epoca di che si tratta, quantunque si rimota ed anteriore all'indipendenza reale del Brasile, e ed all'epoca in che d'Inno Nazionale Brasiliano fù composto. Pertanto il motivo di questo, che si fa sentire tra i canti guerrieri e patriottici di quel tempo, lungi dall'essere un anacronismo è una verità morale e politica, espressa dalla musica, alla quale impossibile sarebbe il ritrovare altro mezzo per esprimer-la; poi ché nessun altro segno convenzionato e conosciuto esiste se non questo, che corrisponde a tale idèa, e a tale sentimento.

(ARIA)

Tremendo agora soe
O nosso hymno de guerra;
Alto o canhão o entoe,
Alto o repita a terra;
E quando o imigo estranho
O seu ribombo ouvir,
Sinta terror tamanho,
Que só cuide em fugir.
Ah! tão tremendo soe
De espantos inculir;
Aos Bátavos atroe,
Lhes faça a morte ouvir.

(Um tiro de peça dá o signal para principiar o canto do Hymno Marcial. Todos os tambores tocam; e ao seu ruído, rompe o som de uma musica marcial da Orchestra com a qual vem depois unir-se e combinar-se a da banda de musica militar em scena, e do canto, sobre o motivo do Hymno Nacional Brasileiro (*) formando com a outra, inteiramente differente, uma harmonia magestosa. O hymno é cantado por um pequeno Coro de 8 vozes, cujo canto alterna com o do Coro geral, que canta a estrophe intercalar. No fim de cada estrophe repete-se o tiro de peça.)

(*) O Hymno Nacional de qualquer povo é a manifestação e expressão musical do seu espirito de independencia. Este espirito por mais occulto ou modificado, que seja, sempre existe e transpira de algum modo em todos os tempos, e em todos os actos, ditos e cantos do povo autor destes. Elle portanto não podia deixar de existir, ao menos virtualmente, e de transpirar por algum modo nos actos, ditos e cantos da época de que se tracta, apezar de tão remota e anterior a independencia real do Brasil, e á época em que o Hymno Nacional Brasileiro foi composto. Portanto o motivo deste hymno, que faz-se ouvir por entre os cantos guerreiros e patrioticos d'aquelle tempo, longe de ser um anachronismo, é uma verdade moral e politica expressada pela musica, á qual impossivel seria achar outro meio para expresso-la; pois que nenhum outro signal musical convencional e conhecido existe senão esse, que corresponda a essa idéa e a esse sentimento.

(INNO PATRIOTICO MARZIALE)

Picc. C. **Brasilesi, e voi pur Lusitani,**
Su corriam riuniti, ed avanti;
Ai stranieri oppressori arroganti
Andiam tutti l'orgoglio a fiaccar.

Vegga, sì, quai pensieri ebbe vani
Chi suppose poterne calcar,
E il suol nostro or invàderne a brani,
Onde poscia su noi dominar.

C. GENER. **O Brasiliani,**
E Portoghesi,
Fuoco di morte
Sugli Olandesi,
Che loro schiavi
Ne voglion far:
Andiam quegli empj
A sterminar.

Picc. C. **Della Patria inceppata, che geme,**
Accorriam ai lamenti, al clamore:
La vendetta risponda al furore
Di chi opprimer ne vuole e spogliar:
Brasiliano, e buon Luso non teme
Di morir per la Patria salvar:
Egli vive per essa; ed insieme
Vuol con essa aver vita, o spirar.

C. GENER. **O Brasiliani,**
E Portoghesi,
Fuoco di morte
Sugli Olandesi,
Che loro schiavi:
Ne voglion far!
Andiam quegli empj
A sterminar.

(HYMNO MARCIAL PATRIOTICO)

PEQ. C. Brasileiros e Lusos, unidos,
Eia todos marchemos avante:
Ao estranho oppressor arrogante
Vamos todos o orgulho esmagar.
Vejam sim quanto estão illudidos
Os que julgam poder-nos calcar,
E usurpar-nos terrenos queridos,
Para após sobre nós dominar.

C. GERAL. O' Brasileiros,
E Portuguezes,
Fogo de morte
Nos Hollandezes,
Que nos pretendem
Escravizar :
Vamos aos impios
Exterminar.

PEQ. C. Sus, da Patria algemada, que geme,
Acudamos ao pranto, aos clamores.
A vingança responda aos furores
De quem quer nos despir, subjugar.
Brasileiros e Lusos a morte
Não assusta em a Patria salvar:
Elles vivem por ella; e igual sorte
Querem ter em viver e expirar.

CORO GER. O' Brasileiros,
E Portuguezes,
Fogo de morte
Nos Hollandezes.
Que nos pretendem
Escravisar
Vamos aos impios
Exterminar.

(Terminato l'inno, tutto l'Esercito parte per la battaglia, sortendo per la porta dell'Arraial, condotto dal Generale, e seguito dal suo Stato Maggiore. Antonio Pereira tutto acceso dall'entusiasmo patriottico e guerriero anch'esso lo accompagna, poco, o nulla pensando in siffatta occasione all'abbandono in che rimangono la sorella e la cugina. Carlo, anch'esso, parte, o fa mostra di partire coll' Esercito.)

SCENA IX.

MARILIA ed AMALIA, avendo visto partire coll'Esercito anche Antonio Pereira escono frettolose ed ansanti dalla casa ove si erano rifugiate; a fine di trattenerlo: ma lo trovano già distante e scomparso; e piene d'ambascia e tremanti, al vedersi sole, compiangono il loro stato.

MAR. Fratel! (chiamando con tutta la forza della

AM. Cugin! (idem) voce).

MAR. AM. Già è lungi!

Oh Ciel! noi qui restiamo
Or sole e abbandonate! Oh Dio del cielo,
Salvate tutti noi, la Patria nostra;

AM. Salvatemi lo sposo.

MAR. Il mio fratello,

Il mio Fernando. » Io tremo!

« Il periglio di tutti è adesso estremo!

(DUETTO)

MAR. AM. Ah! dessi al fiero assalto
Già fuori andar del Forte;

A molti dar la morte

Da prodi essi sapran;

« Ma ohimè! la stessa sorte

« La forse incontreran!

AM. « Marilia!

(cercando consolazione una nell'altra)

MAR. Amalia!

(Acabado o Hymno, todo o Exercito parte para a batalha, sahindo pela porta do Arraial, conduzido pelo General, e seguido pelo seu Estado Maior. Antonio Pereira, todo acceso em enthusiasmo patriotico e guerreiro, tambem o acompanha, pouco ou nada pensando em tal occasião no abandono em que ficam a irmã e a prima. Carlos tambem parte, ou finge partir com o Exercito).

SCENA VIII.

MARILIA e AMALIA, tendo visto partir com o Exercito tambem Antonio Pereira, sahem apressadas e anciosas, da casa para onde se refugiaram, a fim de o deterem; mas o acham já longe e desaparecido; e cheias de angustias, e tremendo ao verem-se sós, lastimam o seu estado.

MAR. Irmão ! (chamando con toda a força dá voz)

AM. Primo !

MAR. E AM. Já foi-se !

Oh céos ! nós cá ficamos
Abandonadas, sós. O' Deos do céo,
Salvai a todos nós, e á patria nossa.

AM. Salvai o meu esposo.

MAR. O mano meu,
O meu Fernando. « Eu tremo !
« De todos o perigo é agora extremo !

(DUETO)

MAR. e AM. Ah ! para o féro assalto
Lá vão fora do Forte:
A muitos dar a morte
Valentes saberão.
« Mas ai ! a mesma sorte
« Talvez encontrarão !

AM. « Marilia ! (buscando consolação uma na

MAR. « Amalia ! (outra)

MAR. AM. Oh cielo !
« Ah ! che tremendo istante !
AM. « Lo sposo mio !
MAR. « L'amante !
AM. « Cugin !
MAR. Fratel !
MAR. AM. Che orror !
« In rischio or son di morte !
Salváteli, o Signor.

(odonsi colpi di cannone: esse s'inginocchiano colle man
giunte)i

« Fate che fuor del Forte
« Trionfi il lor valor.
AM. Salvate il mio consorte.
MAR. Salvátemi il mio amor.
MAR. « Salvate il fratel mio,
AM. « Ed il cugino ancor:
MAR. AM. « Pietà di lor, mio Dio!
Pietà di questo cor.

La musica termina in un pianissimo. Quindi cambiando di tuono e di carattere, comincia ad esprimere il soffio di un blando venticello, di cui Marilia ed Amalia dan segni di sentir, la grata impressione sul loro volto ravvivato dalla soave freschezza di tale aurette).

MAR. Blanda mi lambe il volto
Un aura che s'avanza!
AM. Un raggio di speranza
Mi sembra traveder !
MAR. AM. L' affanno a noi fia volto (abbracciand-
In giubilo davver ? consolate).

Ah! se il mio promesso
diletto sposo
Salvo e san torno a veder,
Di sua vita al ciel pietoso
Darò grazie lieta in ver.

MAR. e AM. « Oh céos!
« Ah! que tremendo instantel
AM. « O esposo meu!..
MAR. « O amante!..
AM. « O Primo!..
MAR. « O Irmão!..
MAR. e AM. « Que horror!
« Em risco estão de morte!
Salvai-os, ó Senhor.
(Ouvem-se tiros de peça: ellas ajoelham de mãos juntas.)
« Fazei que além do Forte
« Triumphe o seu valor:
AM. Salvai o meu consorte.
MAR. Salvai o meu amor.
MAR. « Salvai o mano meu.
AM, « O primo meu tambem.
MAR. AM. Delles dó tende, ó céo!
Da dôr, que est' alma tem!

(A musica acaba n'um pianissimo; depois mudando de tom e caracter, principia a exprimir o sopro de uma branda aragem, da qual Marilia e Amalia dão signal de sentir a agradavel impressão sobre seu rosto, reanimado pela suave frescura della.)

MAR. Branda lamber-me o rosto
Já vem um' aura mansa!
AM. Um raio de esperança
Parece-me entrever!
MAR. e AM. « Em jubilo o desgosto
« Mudado virá ser?
Ah se o meu ^{jurado} querido esposo
Salvo e são eu torno a ver,
Hei de leda ao céo piedoso
Sua vida agradecer;

Avrá l'alma il piú gioioso,
Il piú vivo almo piacer!
Se tornasser trionfanti
E d'alloro coronati?! (una ail'altra).
Quanto i nostri dolci amati
Ne sarian piú cari ancor!
Il piú dolce degli istanti
L'alma nostra avrebbe allor. (rientrano
in casa).

SCENA X.

Dopo alcuni istanti di calma e silenzio, comparisce CARLO venendo dalla porta del muro della piazza, dalla quale era sortito cogli altri per ire alla battaglia. Egli viene pauroso e fuggente; poi si ferma ad udire se sente più colpi di cannone: e come questi sono cessati, fatto piú tranquillo, e respirando con minor anzietà, dice.

CAR. Ah! i colpi di cannone
Tacciono adesso alfin. Dunque l'atroce
Conflitto finiria? . . .
Tutti là stanno a spender la lor vita
In quella zuffa : ma la mia riserbo
Ad uopo assai migliore,
Che l'arischiarla in guerra in mezzo al campo.
« Già so che qui soletta
« Riman Marilia con Amalia, e voglio
« Veder se parlo ad'essa, e se mai posso,
« Più venturoso adesso,
« Quell'amor ottener non pria concesso.

(ARIA) (*)

CAR. « Ella adesso, derelitta,
« Forse a me fia meno altera,

(*) Quest'aria non essendo essenziale all'azione può ommettersi: e nello spartito attuale, per brevità, a senno dell'abil Maestro, è ridotta a poche parole declamate tratte dai versi non virgolati.

E sentir o mais gostoso,
O mais vivo almo prazer.
Se voltarem triumphantes,
E de louro coroados?!
Quanto mais apreciados
Nossos Bens nos hão de ser?!
O mais doce dos instantes
Nossas almas hão de ter.

(Tornam a entrar em casa.)

SCENA X.

Depois de alguns instantes de calma e silencio, apparece CARLOS, vindo pela porta do muro da praça pela qual sahira com os outros para irem á batalha. Elle vem espantado, e fugindo: depois pára a escutar se ouve mais tiros de canhão; e como estes pararam, feito mais tranquillo, e respirando com menos ancia, diz:

CAR. Ah! os tiros de peça
Callam-se agora em fim. Então o horrivel
Conflictio acabaria?...
Todos lá 'stão gastando a sua vida
Nesse combate: mas a minha eu guardo
Para melhor emprego,
Que o despendel-a em guerra lá no campo.
« Já sei que aqui sosinha
« Fica Marilia com Amalia, e quero
« Vêr se fallo com ella, e em fim se posso,
« Mais venturoso agora,
« Obter o amor, que ella negou-me outr'ora.

(ARIA *)

« Ella agora, derelicta,
« Talvez seja mais humana,

(*) Esta aria não sendo essencial á acção, póde omittir-se por brevidade: e por isso, na partitura actual, como julgou conveniente o habil Maestro compositor, fica reduzida a poucas palavras declamadas, tiradas dos versos não virgulados.

« Ed ascolti un po' men fiera
« Da me l'umil supplicar.
« Perchè proprio d'alma afflitta
« È pietade all'altre usar.
• Lungi d'essa or è Fernando;
« E in la pugna oltre quel Forte,
« Già trovato avrà la morte,
« Nè potrà più qui tornar.
« Già mi vado rallegrando
« Ch'ei non m'abbia a frastornar.
« Ma se ancora in vita ei fosse?..
« Ah! non sia, che più speranza,
« Vivo lui, no, non m'avanza
« Di Marilia conquistar.

(Si odono nuove cannonate, e colpi di moschetteria)

Nuovi colpi! Ah! già, nel petto
Del rivale abbominato,
Rapidissimo, aggiustato
Un, mortal, ne vada a dar:
Dell'ingrata il vil diletto
Là si veda alfin restar.

Mora, si, mora;
Viva sol io,
Coll idol mio,
Onde goder,
Beato ognora,
Almi piacer.

(**) Cessano i colpi di cannone e di moschetteria, e si odono lontane grida di VITTORIA, VITTORIA).

Quali grida! dal campo
Son essi di ritorno!
Forse per me felice é questo giorno.

(**) Nello spartito attuale le grida di vittoria e due versi del recitativo non virgolati precedono le due ultime strofe, o le parole tratte da queste per il canto.

« Talvez menos ouça ufana
« Meu humilde supplicar;
« Porque proprio d'alma afflicta
« E' o das mais se apiedar.
« Longe d'ella está Fernando,
« E, na guerra além do Forte,
« Hade, espero, achar a morte,
« Sem poder aqui voltar.
« Já me estou regosijando
« De não tel-o a me estorvar.
« Mas se vivo inda estivesse?...
« Ah! não seja; pois, se existe,
« Esperança não subsiste
« De Marilia conquistar:

(Ouvem-se novas canhonadas, e tiros de mosquetaria)
CAR. Novos tiros! Ah! no peito

Do rival abominado,
Rapidissimo, acertado,
Delles um, mortal, vá dar:
Dessa ingrata o vil acceito
Lá se veja em fim ficar.

Morra, sim, morra,
Viva só eu,
Com o bem meu,
Para gozar
Almos prazeres
Sem acabar.

(**) Cessam as canhonadas e tiros de mosquetaria; e ouvem-se longinuos gritos de—Victoria, Victoria—).

CAR. Que gritos! já do campo
De volta elles vem vindo!

Para mim talvez este é um dia lindo.

(**) Na partitura actual os gritos de —VICTORIA, VICTORIA— e dous versos não virgulados do recitativo, precedem as duas ultimas estrophes, ou as palavras dellas tiradas para o canto.

SCENA XI.

Si odono nuovamente grida di — VITTORIA — ma più vicine, e poi una musica militare, che si viene avvicinando; e poco dopo rientrano nella piazza, per la porta del muro dell'Arraial, i varj corpi dell'Esercito Luso-Brasiliano colle loro bandiere crivellate dai colpi delle palle di fucile. I soldati e gli uffiziali portano i loro capelli ornati di rami di caffè e di palme americane. MARILIA ed AMALIA ricompariscono alla finestra della casa ove sono entrate, ed i vecchj DONNE e FANCIULLI nelle altre, e tra le case: dopo l'Esercito comparisce il GENERALE MATTIA col suo STATO MAGGIORE, ed ANTONIO PEREIRA. All'apressarsi dell'Esercito, CARLO si ritragge in disparte dietro uno dei canti delle case, e poscia opportunamente viene a mischiarsi coi venuti, e canta con essi come se con essi tornasse vincitore dal campo di battaglia.

(EPINICIO)

C. DI MILIT. Vittoria! vittoria!
Cantiamo contenti:
Dè Batavi spenti
L'orgoglio svani;
E quel de'fuggenti
Già più non e qui.
È nostra la gloria
È nostra sì, sì.

GEN. Il forte è già salvo,
E il Batavo audace,
O spento là giace
Nel campo, o fuggi.
Sloggiato dal posto,
« Che forte avea fatto,
« Disperso, disfatto,
« Appieno spari.

TUTTI. « Vittoria! vittoria!
« L'estraneo fuggi

SCENA XI.

Ouvem-se de novo longinquos gritos de—VICTORIA—porém mais proximos; e depois uma musica militar, que vem se aproximando: e pouco depois entram novamente na praça, pela porta do muro do Arraial, os varios corpos do Exercito Luso-Brasileiro com as bandeiras crivadas por tiros de ballas de fuzil. Os soldados e os officiaes trazem seus chapéos ornados de ramos de café e de palmeiras americanas. MARILIA e AMELIA apparecem de novo á janella da casa, aonde entraram; e os VELHOS, MULHERES, e CRIANÇAS nas outras, e entre as casas. Depois do Exercito, apparece o GENERAL MATHIAS com o seu Estado-maior, e ANTONIO PEREIRA. Ao aproximar-se do Exercito, CARLOS retira-se para um lugar apartado, atraz de uma das esquinas das casas; e depois opportunamente vem misturar-se com os vindos, e canta com elles como se com elles voltasse vencedor do campo da batalha).

(EPINICIO)

COR. DE MILIT. Victorial victoria !
Noss'alma se expanda;
Nos mortos da Hollanda
O orgulho acabou;
E, em fuga quem anda,
Seu proprio levou;
E' nossa hoje a gloria;
Sim nossa ficou.

GEN. O forte está salvo;
E o Batavo audaz,
Ou morto lá jaz,
Ou longe voou.
« Expulso do posto
« Em que se fez forte,
« Derrota de morte
« Sofreu; abalou.

TODOS « Victoria, victoria:
« O estranko avoou:

« E nostra la gloria
« E nostra si, si.
« Al cielo sia lode,
« A voi, Brasiliani,
« E a voi, Lusitani,
« Sia gloria del par.
« Eroi vi mostraste ;
« E allori cogliete;
« Che degni ne siete
« Sapeste provar.
« Vittoria! vittoria!
« Dal giogo il più vil,
« Fulgente di gloria,
« Risorge il Brasil.

SCENA XII.

MARILIA ed AMALIA avendo visto dalla finestra ANTONIO PEREIRA tornato, vengono liete e frettolose ad abbracciarlo: altre Donne Vecchj e Fanciulli scendono alla piazza.

MAR. AM. Ah! torni, o Fratello ?!
Cugino

MAR. Che gioia!

AM. Che sorte!

ANT. Ma il caro consorte? (ad Antonio)
Di guardia restó.
Nel campo ei, pugnando,
D'onor si colmó.

AM. Respiro! (tutta lieta e consolata)

MAR. E Fernando?

ANT. Fernando?! Nol so: (con isdegno e non-
La viene il Sergente, curanza)
Con esso egli andó.

AM. Ti calma. (a Marilia)

GEN. « E' nossa hoje a gloria:
« Sim nossa ficou,
« Ao céo louvor dê-se:
« A vós Brasilianos,
« A vós Lusitanos,
« Mil honras tambem.
« Heróes vos mostrastes,
« E louros colhestes:
« E prova assaz destes
« Que assentam-vos bem.

TODOS Victoria! victorial
Do jugo o mais vil,
Fulgente de gloria,
Resurge o Brasil.

SCENA XII.

MARILIA e AMALIA, tendo visto da janella ANTONIO PE-
REIRA de volta, vem ledas e pressurosas abraçal-o.
Outras Mulheres, Velhos, e Criações descem tambem á
praça.

MAR. e AM. Ah! voltas, ó Mano!
Primo!

MAR. Que dita!
AM. Quesorte!
E o caro consorte? (a Antonio)

ANT. De guarda ficou:
Na guerra, pugnando,
Assaz se illustrou.

AM. Respiro! (toda alegre e consolada)
MAR. E Fernando?
ANT. Fernando?! Não sei: (con enfado e
pouco caso)
Lá vem o sargento:
Com elle este andou.

AM. Socega. (a Marilia)

MAR. Non posso:
Io tremo! ahi! che di?!
Mio Dio! non sei mosso?
Mi strazj cosí?!

SCENA XVI.

Il SERGENTE collo stendardo Olandese in una mano e la spada insanguinata nell' altra, seguito da un corpo di truppa, e da un stuolo d' Indiani e Negri.

SERG. Qui del Bátavo, già vinto,
Ecco il drappo abbominato:
Da Fernando fù strappato
Sul ridotto ove ei s' alzò.
Ma quel prode, o avversa sorte!
Poi trafitto giù piombò:
Nel cader senti la morte;
E in mia man ei lo lasciò!

MAR. Ahi! Fernando! (sviene ed é soccorsa dalle donne)

GLI ALTRI Oh cruda sorte!

SERG. Ma di gloria ei si colmò.

AN. AM. Ma mirate, la meschina
Or di sensi già mancò.

GLI ALTRI Infelice!

SERG. Poverina!
E' colei ch' ei tanto amò.

CAR. (Già la sorte ben cammina,) (fra se)
(Già l' ostacolo cessò.)

(Marilia fá alcuni movimenti per i quali dà segno di vita: poi poco a poco va rivenendo).

(RONDÓ FINALE DELL ATTO)

MAR. (semidelirante)
Ah Fernando!.. Ah! mio Fernando!
Ove sei? di te che fú?..

MAR. Não posso,
Eu tremo! Ai de mim!
Céos! o rigor vosso,
Pois mata-me assim?

SCENA XIII.

O SARGENTO, com o estandarte Hollandez crivado de tiros de ballas em uma mão, e a espada ensanguentada na outra, seguido por um corpo de tropa, e um bando de Indios e negros.

SAR. Eis do Bático, vencido,
O estandarte abominado;
Por Fernando foi levado
Do reducto onde se içou.
Mas o bravo, oh adversa sorte!
Lá ferido após tombou.
No cahir, sentindo a morte,
Nesta mão elle o largou.

MAR. Ai! Fernando! (desfallece e é soccorrida pelas mulheres)

OS OUTROS. Oh cruel sorte!

SARG. Mas com gloria se illustrou?

AM. AT. Mas olhaj, vede, a mesquinha
Sem sentidos já ficou.

OS OUTR. Infeliz!

SARG. Ah! coutadinha!
Eis quem elle tanto amou.

COR. (Já a sorte bem caminha! (comsigo).
Já o obstaculo cessou!)

(Marilia faz alguns movimentos, pelos quaes dá signaes de vida: depois pouco e pouco torna a si).

(RONDÓ FINAL DO ACTO)

MAR. (semidelirante).
Ah Fernando! Ah meu Fernando!
Onde estás?... Que foi de ti?

Quando piú ti vedrò? quando?
Nella terra, no, mai piú!
Tu sei spento: io qui restando,
Spenta sono come tu!
Non ti valse, no, pugnando,
Nè il valor, nè la virtù!

CORO GENER. Non gli valse, no, pugnando,
Nè il valor, nè la virtù!

MAR. Terminata e la mia vita!
Nulla v' ha che in questo mondo,
Come amabile e giocondo,
Piú mi possa serenar.
Quest' é l' ultima ferita
Che puó l' alma sopportar.
La speranza é omai finita:
Puó la vita or pur cessar.

CORO GENER. Di quest' angelo la vita
Volle il Fato funestar.
Ma la speme appien finita
Ah non voglia ancor le far.

FINE DELL' ATTO II.

Quando mais te verel ? quando ?
Ah ! jámais, jámais aqui !
Tu morreste ! eu cá ficando,
Como tu tambem morri!
Nem virtude, peleijando,
Nem valor valeu a ti !

C. GER. Nem virtude, peleijando,
Nem valor valeu-lhe assi !

MAR. Acabou-se a minha vida!
Nada ha mais, que, neste mundo,
Como amavel e jucundo,
Possa est' alma serenar.
Eis a ultima ferida,
Que ella pode supportar.
A esperanza está perdida:
Pode a vida se acabar.

C. GER. O Destino quiz a vida
Deste anjo funestar !
Mas não queira em sua lida
A esperanza lhe acabar.

FIM DO 2.º ACTO.

ATTO INTERMEDIO.

IL CASTIGO DELL' AMBIZIONE.

- 1.^o—Il rimorso e il pentimento:
- 2.^o—La buona notizia e la donna felice:
- 3.^o—Il sogno dell' amante, e il desio della morte:
- 4.^o—La mala nuova e la partenza repentina:
- 5.^o—La desolazione momentanea, e l' arrivo sospirato.

SCENA I.

Sala con porte e finestre laterali, ed alcova nel fondo, con cortine alla entrata di questa, in una casa della Città di Pernambuco. In essa una tavola ed altri mobili di noce d' India di forme antiche, secondo l' uso del secolo XVII nel Brasile. Presso la tavola una sedia: sulla tavola il necessario a scrivere, alcuni libri, e carte scritte, ed una cetra o viola Brasiliana. E' giorno già chiaro; ma prima dello spuntar del sole. Nella prossima chiesa suona la campana a defunto.

ANTONIO PEREIRA, in veste da camera, e con berretto bianco in testa, sorte dall' alcova alzando uu poco la cortina, in modo a lasciar vedere il letto dentro di questa. Il suo sembiante ed aspetto sono d'uomo ammalato. Egli viene avvicinandosi alla sedia, che è presso la tavola.

ANT. Ah! nell' intera notte,
Possibil non mi fù di sonno un' ora!
Soltanto, al far del dì, lieve sopore
Mi trasse alcun riposo.
Ma quel funebre suon dal vicin tempio
È venuto a destarmi,
E l'alma a contristarmi,

ACTO INTERMEDIO.

O CASTIGO DA AMBIÇÃO.

- 1.º — O remorso e o arrependimento:
- 2.º — A boa noticia e a mulher feliz:
- 3.º — O sonho da amante, e o desejo da morte:
- 4.º — A má noticia, e a partida repentina:
- 5.º — A desolação momentanea e a chegada suspirada:

SCENA I.

Sala com portas e janellas lateraes, e alcova no fundo com cortina na entrada desta, em uma casa da cidade de Pernambuco. Nesta sala uma mesa e outros trastes de jacarandá de formas antigas, segundo o uso do Seculo XVII no Brasil, junto da mesa uma ou duas cadeiras; sobre a mesa o necessario para escrever, alguns livros. e pape's escriptos e uma guitarra ou viola brasileira. E' dia já claro: mas antes da sahida do sol. Na proxima igreja toca o sino a defunto.

ANTONIO PEREIRA em chambre, c com barrete branco na cabeça, sahe da alcova levantando um pouco a cortina de maneira a deixar ver a cama dentro della. Seu semblante e ar são de homem doente. Elle vem chegando-se para a cadeira, que está perto da mesa.

ANT. Ah! me não foi possivel
Uma hora de somno em toda noite!
Só, do dia ao romper, leve madorna
Me trouxe algum descanso.
Mas o funebre toque desta igreja
Eis já veio acordar-me,
E a alma contristar-me

Coll' idea della tomba!
 Già qualcun, che viveva, or più non vive!
 Io pure, egro qual sono,
 Forse fia che non tardi
 Ad aver egual sorte!
 Oh vita! oh mondo! il fin di tutto è morte!
 Siede sconsolato ed abbattuto. Dalla vicina chiesa si ode
 il canto del seguente)

(CORO RELIGIOSO INTERNO)

C. INT. La nostra santa Fé, Signor, proteggi,
 Che salvasti da reo giogo oppressor!
 L' eretico confondi, o ne correggi
 L' error, che al gregge il toglie ed al pastor!
 Conosca, che il poter, con che tu reggi,
 Alfin, benchè clemente, è punitor.

ANT. (dopo aver ascoltato il canto del coro con attenzione)
 Punitor!.. Dentro il core,
 Io sentii ribombar quella parola!
 Si punitor è Dio, per chi non fassi
 Degno di sua clemenza; ed io.. ma veggio
 Amalia, che a me vien. Nel suo sembiante
 Ella parmi più lieta.

SCENA II.

AMALIA e detto.

AM. Buon di, Cugino Antonio.

ANT. E a voi del pari,

AM. Il mattin è assai bello. Come state?

ANT. Sempre molto soffrendo. E quai novelle
 Di mia suora mi dai?

AM. Misera! Ah! dessa, nell' intera notte,
 Afflitta, irrequieta e vaneggiante

Com a idéa da tumba !
Alguem, que vivo estava, já não vive.
Eu tambem, tão doente,
Talvez muito não tarde
A ter a mesma sorte!

Oh vida! oh mundo! O fim de tudo é mortal
(Senta-se desconsolado e abatido. Da proxima Igreja ouve-se
o canto do seguinte).

(CORO RELIGIOSO INTERNO).

C. INT. A nossa Santa Fé, Senhor, protege,
Que livraste de atroz jugo oppressor;
E converte ou confunde o impio herege,
Que anda fóra da grei e sem pastor:
Conheça, que o poder, que o mundo rege,
Em fim, bem que clemente, é punidor.

ANT. (depois de ter ouvido o canto do coro com attenção)
Punidor! Dentro d'alma
Eu senti retumbar essa palavra!
Sim Deus é punidor para os indignos
De sua alta clemencia! E eu... mas vejo
Amalia, que aqui vem. No seu semblante
Parece mais alegre.

SCENA II.

AMALIA e o dito.

AM. Bom dia, Primo Antonio,

ANT. E a ti o mesmo.

AM. A manhã é mui bella! Como estas?

ANT. Sempre muito soffrendo. E que noticia,
De Marilia me das?

AM. Misera! ah! ella toda a noite inteira
Afflicta esteve, inquieta, e em vaniloquios,

Stette, fra pianti, gemiti e sospiri;
 Ma poi, sull' albeggiar, un dolce sonno
 Venne a farla tranquilla, ed or riposa.
 Forse fia che un po' meglio, e in se, si desti.

ANT. Il ciel lo voglia pur. Il miserando
 Stato di lei, e di Fernando il tristo,
 Ma glorioso fine,
 Tanto l' animo mio hanno commosso,
 Che turbato io ne vado; e già mi pento
 Di ciò che feci, quando
 Tanto a furor la presi
 Con quel giovin sì prode.

AM. Adesso è tardi.
 (Ben é che ambizion soffra sua penal)
 (Parte per la porta opposta a quella onde era venuta.)

SCENA III.

ANTONIO PEREIRA solo, e seduto, e poi alzandosi, e passeggiando lentamente, ma con inquietudine ed agitazione interna.

ANT. È tardi, sì, per mia sventura! Il Fato
 Volle che m' accecasti, e dessi retta
 In allora all' iniqua
 E stolta ambizion d' apparentarmi
 Con nobile casato, e ricco assai,
 Della sorella mia pel' maritaggio!
 Volle ch' io dispregiassi
 Il più nobile cor, per un codardo,
 Chel dal campo fuggi della battaglia,
 Che difendea la patria! Il ciel severo
 Ora m' affligge ed, oltre al tormentarmi
 Con un mal, che i miei giorni ognor minaccia
 Mi strugge con rimorsi, e tremar fammi,
 Non scl pe' giorni miei,

Em gemidos, em prantos e suspiros;
Mas, ao manhecer, um brando somno
Veio emfim socegal-a, e ainda dorme:
Talvez melhor acorde, e em seus sentidos.

ANT. O céo assim o queira. O miserando
Estado della, e de Fernando a triste
Mas gloriosa morte,
Tanto o animo meu tem commovido,
Que pertubado eu ando, e me arrependo
D'aquillo que fiz, quando
Enfureci-me tanto.
Contra tão bravo moço.

AM. Agora é tarde.
(Bom é que da ambição a pena soffra).
(parte pelo lado opposto ao pelo qual veio).

SCENA III.

ANTONIO PEREIRA só e sentado, e depois levantando-se e
passeando lentamente, mas com inquietação, e agitação
interior.

ANT. E' tarde sim ! desgraça ! Quiz o fado
Que me cegasse, e desse
Ouvidos á malvada
Estolida ambição de aparentar-me
C'uma nobre familia, e muito rica,
De minha cara irmã por casamento!
Quiz, que eu desprezasse
Um nobre coração por um cobarde,
Que fugio lá do campo da batalha,
Que defendia a Patria! O céo severo
Me agasta agora; e além de atormentar-me
Com remorsos me rala, e tremer faz-me
Não só pelos meus dias,

Ma per la suora ancor, che, afflitta e mesta
Langue per mia cagion, e pietà desta.

(ARIA)

Ah! d' un angiol d' allegria,
Feci un alma sventurata!
Discacciai con villania
L' onestà dell' or privata!
La ricchezza io sol volea
Circondata da splendor!
Ed infame ella si fea,
Si che obbrobrio causa e orror!

CORO INT. Tardar suole, o ciel clemente,
Il tno braccio punitor;
Cade poi subitamente:
Sempre coglie il peccator.

ANT. Ciel pietoso, ah! mi perdona
Quell' error, oprar si cieco. (s' ingi-
Ah! perdona: o se vuoi meco nocchia)
Esser fier nel tuo furor;
Salva almeno quella buona
Creatura, intatto fior
Di virtute. A lei tu dona
Pace uguale al suo candor:
Senta sol la mia persona
Il tuo braccio punitor.

CORO INT. Sempre coglie, allor che tuona,
Il tuo braccio punitor,
Vita, beni, alma, e persona
D' accecato peccator.

ANT. Peccator accecato! io, sì, lo fui,
Per mala ambizion! Io son perduto!
E a forza lo confesso:
Me il ciel vendicator punisce adesso!

(Torna a sedersi ancor più abbattuto)

Mastambem pela irmã, que, triste e aflicta,
Por causa de mim soffre, e dó suscita.

(ARIA).

ANT. Ah! de um anjo de alegria,
Eu fiz uma desgraçada!
Expelli com vilania
A pobreza, bem que honrada!
A riqueza eu só queria
Rodeada de esplendor!
Esta, infame se fazia,
Tal que opprobrio causa e horror!

CORO INT. Tardar soe, ó cêo clemente,
O teu braço punidor,
Mas depois cabe de repente:
Sempre alcança ao peccador!

ANT. Céo piedoso! ah! me perdoa (ajoelha)
Esse erro, essa cegueira.
Ah! perdoa, ou quando queira
Me punir, o teu furor;
Salva ao menos essa boa
Creatura, intacta flor
De virtude, e a paz lhe doa,
Que merece o seu candor:
Sinta só minha pessoa
O teu braço punidor.

CORO INT. Sempre alcança, quando toa,
O teu braço punidor,
Vida, bens, alma, e pessoa
Do obcecado peccador!

ANT. Peccador obcecado! eu sim o fui,
Por malvada ambição! Estou perdido!
E' forçoso que o diga:
Deos vingá-se de mim, e me castiga (tor-
na a sentar-se ainda mais abatido).

SCENA IV.

AMALIA, ritornando con un mazzetto di fiori in mano, e detto.

AM. Quando si sveglierà, voglio che vegga
La cugina, al suo letto,
Questi fior di rugiada ancora aspersi,
Che colsi nel giardin. La loro vista
Forse fia che l' allegri.

ANT. Ah! tu t' inganni.
Fiore non v'ha, ne cosa amena e bella,
Che un core non contento allegrar possa.
Forse, in quell' alma afflitta,
Di questi fior la vista
Serva a più farla trista,
Richiamandole a mente
La memoria di quelli,
Che ricevè, sì belli,
Nell' infelice dì degli anni suoi,
Che di pianto e dolor le resi poi.

AM. Può darsi ma, al vederli
Sul ramo lor, non stette in poter mio
Il resister di coglierli al desio.

(PRELUDIO ALLA BALLATA)

AM. Sì freschi, sì belli,
Cugino, tai fiori
Non membran fors' elli:
Delizie ed amori?
Non dicon! t' appressa
E vieni a goder,
Coll' alma tua stessa,
Dell' aure il piacer?

SCENA IV.

AMALIA, voltando com um ramalhete de flores na mão, e o dito.

AM. Quando a prima accordar, quero que veja
Perto de sua cama
Estas flores, que, mádidas de orvalho,
Apanhei no jardim. A vista dellas
Talvez a alegre um pouco.

ANT. Ah! tu te enganas.
Flores não ha, nem cousa amena e bella,
Que alegrem coração nada contente.
Talvez n'ess'alma afflicta
Destas flores á vista
Maior tristeza invista.
E a lembrança na mente
Lhe desperte daquellas,
Que recebeo tão bellas
No dia de seus annos desditoso,
Que após de dôr tornei-lhe e lacrymoso.

AM. Pode ser. Mas não pude,
No seu ramo somente ao avistal-as,
Resistir ao dejeso de apanhal-as.

(PRELUDIO Á BALLATA)

AM. Tão frescas, tão bellas,
Meu primo, estas flores
Lembrar não vem ellas
Delicias e amores?
Não dizem; chegai-vos,
E vinde gozar
Suave perfume
Delicia do ar?

ANT. Questo a te dicon essi,
Perchè tu sei felice, e appien contenta;
Forse che si parlarle altri non senta.

(BALLATA)

AM. Felice! lo sono;
Lo sono perchè
Trovai il più buono
Consorte, qual è,
Bel, fido e sincero
Il mio Gabriel,
Che è proprio davvero
Un angiol del ciel.

Felice, lo sono;
Contenta poi? no;
Che, se ben ragiono,
Tal esser non può
Chi da più d'un mese
Non vede, ed invan
Finor tanto attese
So sposo lontan.

Davvero contente
Le spose non van
Se, a fianco, presente
Lo sposo non han;
Se, questo desio
Non hanno nel cor,
Da lor già fuggio
La fiamma d'amor.

Ma, in me, nel cui petto
Ell'arde tuttor,
Lo sposo è il diletto,
La brama del cor:

ANT. Isto a ti dizem elias,
Por tu seres feliz, e mui contente!
Talvez fallem a alguem diversamente.

(BALLATA)

AM. Feliz! o sou eu;
Feliz sou, porque
A sorte me deu
Um homem qual é,
Do céo anjo vero,
O meu Gabriel,
Que tanto é sincero,
Formoso e fiel.

Feliz o sou eu:
Contente? isso não:
Pois, no pensar meu,
Tal satisfação
Não tem, quem o esposo
Um mez a esperar,
Com peito saudoso,
Sem vel-o, ha de estar.

Esposa contente
Deveras não ha,
Se a ella presente
O esposo não 'stá.
Se este desejo
Mais ella não tem,
Bem claro então vejo
Que não lhe quer bem.

Mas neste meu peito
Constante no ardor,
O esposo è, de feito,
Suspiro do amor:

E quando nol vedo
Contento non ho,
Ne mai l'avrò, credo,
Fin ch'io nol vedrò.

ANT. Consólati, fra poco,
Tù lo vedrai:

AM. Davvero?!

ANT. Vedi; il negretto Armindo
Già vien recando un foglio. Forse in esso
Avrai di che gioir. Porgi. (*) Vediamo.
(*) (a un negretto che arriva con due lettere)
Ah! sono due! Vien questo (**)
(**) (aprendo una delle lettere)

Dal Capitan del Porto, amico mio.

AM. Ei lo è pur del mio sposo.

ANT. *Avvistasi un naviglio, (leggendo)*
Che, pei segnali suoi, rassembra quello,
Che della Compagnia
I venerandi Padri,
Dal Bâtavo fugati,
Al fin dal Portugal qui riconduce,
A sparger della Fè la santa luce.

AM. Benvenuti sian pure!
Ma non son essi il mio maggior desio.

ANT. Vediamo l'altro. (Aprel'altra lettera e vista la
firma dice). È il General chi scrive.
Godo assai di potere soddisfarla (leggendo)
Quanto a ciò che mi chiede. Il suo cugino
Gabriel d'Oliveira questa sera
Dal Forte sortirà, per un riposo,
Col rilascio d'un mese. Oltre a felice
Or contenta esser devi,

E quando o não vejo,
Contento não ha:
De ve-lo no ensejo,
Sò sim o haverá.

ANT. Consola-te; que breve
Has de ve-lo

AM. De veras ?!

ANT. Olha; o negrinho Armindo
Já vem com uma carta. Talvez nella
Tenhas tu de folgar. Dá cá (*) Vejamos
(* a um negrinho, que chega com duas cartas.)
Ahl são duas! Vem esta (**)
(**) abrindo uma das cartas).

Do Capitão do Porto amigo meu.

AM. E tambem de meu homem.

ANT. *Avista-se um navio, (lendo).*
Que, pelos seus signaes, parece aquelle,
Que aqui da Companhia
Os venerandos Padres,
Que o Bátavo expellira,
Emfim de Portugal já reconduz
A espalharem da fé a santa luz.

AM. Bemvindos sejam elles !
Mas não são elles meu maior desejo.

ANT. Veja-se a outra. (abrindo a outra carta).
(vista a assignatura.) E' o General que escreve.
Muito estimo poder satisfaze-la (lendo).
Quanto a aquillo, que pede. O primo seu
Gabriel d'Oliveira, nesta tarde,
Do Forte sahirá para um descanso,
Com licença de um mez. Contento agora,
Além de feliz, ficas,

AM. Questa sera?!
Oh benedetto foglio!

(Corre a prender la lettera dalle mani di Antonio, e baciandola con trasporto, se la stringe al seno, ed eselama)

Che bello e dolce giorno!
Che ventura è la mia!

ANT. Sì, per te solamente!

AM. Oh che allegria!

(Antonio s'alza, e ritirasi per una delle porte all'interiore della casa. Amalia rimane un istante come rapita in éstosi di giubilo e piacere).

SCENA V.

AMALIA sola, rivenendo a se dall'éstasi sua.

(ARIA)

AM. Io vedrò l'amato sposo
Sano e salvo a me tornar,
Vincitor e glorioso,
E più degno d'io lo amar.
Si più nobile, e più bello
Deggio adesso il ritrovar,
Or che in lui l'eroe novello
Della Patria avrò a mirar.

Piena di giubilo
Lo abbraccerò:
Al seno in éstasi
Lo stringerò:
E, dell'assenza
Spento il dolor,
Dirò coll'anima
Tutta in ardor!

AM. Nesta tarde !

Oh abençoada carta !

(corre a pegar na carta, que está nas mãos de Antonio, e beijando-a com transporte, a aperta ao seu peito).

Que ventura è a minha !

Que bello e doce dia

ANT. Para ti tão somente !

AM. Oh que alegria !

(Antonio levanta-se, e retira-se por uma das portas para o interior da casa. Amalia fica por alguns instantes como enlevada em extase de jubilo e prazer).

SCENA V.

Amalia só, tornando a si de seu extase.

(ARIA)

AM. Eu verei meu caro esposo
São e salvo em fim tornar,
Vencedor e glorioso,
E mais digno d'eu o amar:
Sim, mais nobre e mais formoso
Nesse instante o hei de achar;
Tendo um novo heroe da Patria
Nelle agora a contemplar.

Cheia de jubilo,
Hei de abraça-lo:
Ao peito, em extase,
Hei de aperta-lo;
E, da saudade
Matando a dôr,
Hei de dizer-lhe
Com todo o ardôr:

Tu, terror sei de' nemici
Della terra a noi gradita :
Se' il mio ben; sei la mia vita;
Del Brasil sei lo splendor;
Sei l'onor di chi t'è unita
Dall'altare, e dall'amor.

Dio t'ha salvo da perigli,
Per la Patria liberar,
E onde tu qui venga a lato
La tua sposa a consolar.
Nel mio sen, mio bene amato,
Vieni adesso a riposar.

Si, nel mio seno
Posa in quest'ora:
Esso e di quella,
Che più t'adora,
Che in santo nodo
Teco far suol
Un'alma sola,
Un corpo sol.

Io tripudio e altera sono
In ridir, che mio tu sei !
Tu, sì bel, se quindi e quinci
Mi sorridi e dolce e buono,
Grande sei allor che vinci
Fatto eroe, e tra più bei;
Quando riedi trionfante,
Coll'allor della vittoria,
A diffonder la tua gloria
Sopra questa sposa amante,
E a far sì, ch'indi ammirato
Dica il mondo, e il dice a se,
Nel vedermi teco allato :
Che felice donna ell' è !

Tu, terror dos inimigos
Desta terra tão querida,
E's meu bem, és minha vida;
Do Brasil és o esplendor,
Honra desta a ti unida
Pelo altar e pelo amor.

Deos salvou-te dos perigos
Para a Patria libertar,
Para vires, a meu lado,
Tua esposa consolar:
Nos meus braços, meu amado,
Vem agora descansar.

Sim, neste seio
Descança agora.
Elle è o d'aquella,
Que mais te adora:
Porque, comtigo,
Por santo nõ,
Forma um só corpo,
Um'alma só.

Eu me alegro, exalto e ufano
Em dizer, que me pertences:
Se és bello em te sorrindo
Tão amavel, tão humano;
Grande ficas quando vences,
Feito heroe, além de lindo;
Quando voltas triumphante,
Com os louros da victoria,
Expandir a tua gloria
Sobre a tua esposa amante,
E a fazeres, que admirado,
Diga o mundo, e a si o diz,
Em me ver comtigo ao lado:
Que mulher ! como é feliz !

Piena di giubilo
 Lo abbraccerò;
 Al seno in èstasi
 Lo stringerò;
 E, dell' assenza
 Spento il dolor,
 Darogli un bacio
 Pieno d' amor.

(Nel trasporto dell' èstasi sua d'amore appassionato, bacia il mazzetto di fiori, che tiene in mano, come se in esso baciasse il caro consorte; e in questa dolce illusione, parte per la porta opposta a quella per la quale era venuta dal giardino. Terminato il canto di Amalia, e, al ritirarsi di questa, ódesi dalla vicina chiesa, in tuono allegro e festivo, il seguente.

(CORO RELIGIOSO INTERNO)

Allegratevi, o giusti, nel Signor; (1)
 Esultate felici e gloriosi,
 Voi di cuor retto e scevro di livor,
 Ch' empj mezzi mai fecer venturosi:
 Allegratevi o giusti nel Signor,
 Ch' egli della letizia è il sommo autor.

SCENA VI.

MARILIA, sortendo da una della porte laterali, che mette nella sua stanza. Ella vien trista, sconsolata, ed abbattuta, con capelli sciolti, al terminare il canto degli ultimi due versi del Coro Interno: poscia più tardi comparisce AMALIA)

MAR. Allegri canti suonano in quel tempio!
 Ma poss' io allegrarmi?
 Il mio ben, sul mattin, io vidi in sogno,

(1) È una parafrasi del versi dei Salmo—*Lætamini i domino et exultate justis.*— *Et gloria, mini omnes recti corde.*

Cheia de jubilo,
 O abraçarei
 Ao peito, em extase,
 O apertarei;
 E, da saudade
 Matando a dôr,
 Hei de beijal-o
 Cheia de amor.

(No transporte do seu extase de amor apaixonado, beija o ramalhete de flores, que tem na mão, como se nelle beijasse o querido consorte; e nesta doce illusão, parte pela porta opposta á pela qual viera do jardim. Acabando o canto de Amalia, e ao esta retirar-se, ouve-se da proxima igreja em tom alegre e festivo o seguinte.)

(CORO RELIGIOSO INTERNO).

Alegrai-vos, ó justos, no Senhor: (*)
 Exultai, vós de gloria e dita cheios,
 Cujó coração recto e sem livor
 Não vai ditas buscar por impios meios:
 Alegrai-vos, ó justos, no Senhor,
 Pois elle é da alegria o summo autor.

SCENA VI.

MARILIA, sahindo de uma das portas lateraes, que conduz ao seu quarto. Ella vem triste, desconsolada, e abatida com o cabello solto, ao acabar o canto dos ultimos dous versos do Coro Interno: depois mais tarde comparece AMALIA.

MAR. Alegres cantos soam nesse templo:
 Mas eu posso alegrar-me?
 Vi, sim, pela manbã meu bem em sonho

(*) *E' a paraphrase dos versos do psalmo—Lætamini in domino et exultate justi—Et gloriamini omnes recti corde.*

E mi sentii felice in quell' istante:
 Ma fù lampo, che splende e di repente
 In un bujo maggior lascia la gente.
 Parèami di vederlo
 Come se vivo fosse! Era si vivo
 Il mio Fernando, come in quell' istante,
 In che quello mi die' tènero amplesso,
 Dopo avermi narrato
 L' incontro colla serpe,
 Che animoso egli uccise; ma che, morta,
 Malagurio a noi trasse in la ventura.
 Nulla aveva egli, nò, di sepultura.

(RACCONTO)

Era bel, come il più bello
 De' bei fior, che là nel prato,
 Fra l' erbetta, ancor novello,
 Ad ogn' occhio è lieto e grato;
 E, qual suole il bel colore
 Far più bello il più bel fiore,
 Sulle chiome di quel volto,
 Il valor e l' onestà
 Risplendean così, che molto
 Ne aumentavan la beltà.

Ma, più bel, che il suo bel viso,
 Era ancora il suo sorriso,
 In cui tutta risplendea
 La celeste voluttà,
 Con che Amor un' alma bea,
 Che già vinta a lui si dà.

Io lo vidi, e così bello!
 Ma fù sogno, e nulla più.
 Solo in mente or rinnovello
 Quel bel sogno, che già fù.

E feliz me senti n'aquelle instante.
Mas foi fuzil, que brilha e de repente
Em mòr escuridão já deixa a gente.
Parecia-me vel-o,
Como se vivo fosse. Era tão vivo
O meu Fernando, como nesse instante
Em que aquelle me deu tão terno amplexo,
Após que me contara
O encontro co'a serpente,
Que animoso matou, que porèm. morta,
Máo agouro nos trouxe na ventura,
Nada tinha elle, não, de sepultura.

(RACONTO)

Era lindo, qual mais linda
Entre as flores, que, no prado,
Entre a relva, e ha pouco vinda,
E' da vista alegre agrado.
E assim como a linda côr
Faz mais linda a linda flor,
Sobre as formas desse rosto
Um valente, e honesto ar,
Tanto brilho havião posto,
De a belleza lhe augmentar.

Mas seu rosto, já tão lindo,
Mais o era em se sorrindo;
E alli todo então luzia
Esse encanto celestial
Com que amor mais extasia
Quem se rende a imigo tal.

Eu o vi, e tão formoso!
Mas foi sonho e nada mais:
Só na idéa inda te gozo
Bello sonho, que lá vais.

In quel sogno diletto,
Verso lui bramava io gir:
Verso me, tutto amoroso,
Egli pur volea venir:
Ma, non so che mai togliea
L'avanzarci in quell'istante!
Da lui lungi io mi vedea!
Da me lungi il caro amante!
Uno sforzo e ardore anhele
Uno all'altro ci appressava!
Una man di ferro e gelo
Ci teneva, e ci arretrava!
Nella lotta allor gemendo
Fra l'affanno ed il tremore,
Mi svegliò terrore orrendo
Tutta molle di sudore,
Freddo sì, che quel di morte
Nol' potrebbe assomigliar;
E tornai alla mia sorte,
Al mio pianto, al sospirar.

Si, questo è il mio destino,
Fin che quaggiù mi rimarrò nel mondo,
Oh mondo! come tristo

Senza lui per me sei!

Come più bello, o cielo, (avvician. alla finestra e guard. il cielo)
Sei dopo il suo morire!

Il mio solo conforto in te vegg'io:

E soltanto a te vola il desir mio.

(Prende la sedia e la porta vicino alla finestra; poscia prende la cetra, che è sulla tavola, ed al suono di questa, sedendosi sulla sedia, canta con estatico trasporto la seguente).

{CANZONE RELIGIOSA}

Chi dagli occhi a me remove
Un'istante il mortal velo,

Nesse sonho deleitoso,
 Para elle eu quiz correr.
 Para mim, todo amoroso,
 Elle o mesmo quiz fazer;
 Mas não sei o que prendia
 Nossos passos nesse instante:
 Longe d'elle inda me via,
 De mim longe o caro amante.
 Um esforço e ardente anhelos
 Um ao outro nos chegava:
 Uma mão de ferro e gelo
 Nos detinha e atraz puchava:
 E, na lucta, ambos gemendo,
 Entre as ancias e os tremores,
 Acordei n'um susto horrendo,
 E coberta de suores
 Tão gelados, que os da morte
 Não puderam ser iguaes;
 E voltei á minha sorte,
 Ao meu pranto, aos priscos ais.

Sim, este é meu destino,
 Em quanto eu cá permanecer no mundo.
 Oh mundo! como triste
 E's para mim sem elle!
 Como mais bello, ó céo, (aproximando-se á janella)
 E's após sua morte! nella e olhando para o céo).
 Minha consolação em ti só vejo;
 E somente a ti voa o meu desejo.

(Pega na cadeira e a leva perto da janella: pega depois na viola, que está sobre a mesa, e ao som desta, sentando-se sobre a cadeira, canta com estatico transporte a seguinte:)

(CANÇÃO RELIGIOSA)

Quem dos olhos me remove
 Um instante o mortal véo,

Per veder la man, che move
 Tutti gli astri in sen del cielo?
 Per veder quel sovran piede,
 Che su lor padrone incede,
 Quel gran piè, che dalle stelle
 Se un istante sol declina,
 Nascer fa, dov'ei cammina,
 Rose gigli e gelsomin,
 E le piagge fa sì belle
 Di magnifici giardin.

AW. (Che durante il canto di Marilia è comparsa alla porta della sala, per la quale era partita, ed essendosi inoltrata alcuni passi dietro Marilia, si era posta ad ascoltare senz' esserne vista, prende a secondare in voce sommessa il canto di questa. per non interromperla nella sua estasi, e far allo stesso tempo alcune riflessioni su ciò che dice la cantante)

Il poter, che tai fa quelle,
 E poter che non ha fin.

MAR. (continuando a cantare tutta assorta nel suo pensiero, senza udire la voce e le parole di Amalia)

Quella man, che in movimento
 Cielo e terra ognor mantiene,
 Cessar fece in un momento
 Quel di vita del mio bene!
 E quel piè, sì poderoso,
 Passeggiando nel suo prato,
 A un bel giglio fù dannoso.
 Era questi il bene amato!
 Quella man vedere adesso
 Io vorrei, veder quel piè,
 E dir loro: or via, lo stesso,
 Per pietà, deh fate a me!

AM. (cantando in voce sommessa come sopra)
 Fior nessuno a morte è messo
 Pria dell' ora da quel piè.

Para eu vêr a mão, que move
Quantos astros tem o céu ?
Para vêr o pé, que os pisa
Qual dominio todo seu,
Esse pé, que, se do céu
Um instante se desliza,
Faz nascer, aonde pisa,
Rosas, lirios e jasmims,
E das terras, desta guisa,
Faz magnificos jardins ?

AM. (que durante o canto de Marilia compareceu á porta da sala pela qual ella partira, e tendo dado alguns passos adiante atraz de Marilia, tem-se posto a escutal-a, sem ser vista por ella, põe-se a segundar com outras palavras, e em voz baixa, o canto de Marilia para não interrompel-a no seu extase, e fazer ao mesmo tempo algumas reflexões sobre o que está dizendo a cantante, e diz :)

O poder, que as ameniza,
É poder, que não tem fim.

MAR. (continuando a cantar, toda absorta no seu pensamento, sem ouvir a voz e as palavras de Amalia).

Essa mão, que em movimento
Sempre traz a terra e o céu,
Fez cessar, n'um só momento,
O da vida do bem meu.
Esse pé, tão poderoso,
Passeando no seu prado,
Pisou nelle um liz mimoso!
Era este o meu amado!
Essa mão quizera agora,
Esse pé, quizera, sim,
Vêr, dizer-lhes: fazei ora,
Por quem sois, o mesmo a mim.

AM. (cantando em voz baixa como acima)
Flor nenhuma, antes da hora,
E' pisada, e morre assim.

(Amalia dopo aver risposto al detto da Marilia nel canto degli ultimi versi, le ripete ciò che essa le ha detto ultimamente, ma adesso con alta voce, e approssimandosi più; e poi con aria gioviale, e il tuono di un amabile scherzare le dice)

AM. Ebben? vuoi tu morir?! e calpestata?!
Morir! per man nessuna.
Calcatal ne da Dio. Vita, si, vita,
Che certa è ognor la morte.
Ne chiederla fa d' uopo.

MAR. Ah! tu m' udivi!

AM. Udii, si, questi tuoi tristi pensieri;
Di morte che omai tu lasciar dovresti
Rimedio non v' essendo all' avvenuto.

MAR. Che dici?!

SCENA VII.

ANTONIO PEREIRA, che viene frettoloso ed ansante con una lettera aperta in mano dalla porta per la quale era partito; ma andando sempre con difficoltà come un uomo debole ed ammalato, e dette.

ANT. Ohimè ohimè! tutto è perduto!
(Marilia ed Amalia rimangono sbigottite e spaventate).

(TERZETTO)

MAR. Come?

AM. Perchè?

ANT. Non perdasi
Il tempo: adesso, adesso
D' uopo e partir. Nell' isola...

MA. AM. Che avvenne?

ANT. Ahi! d' un eccesso
De' servi assai v' ha tema.

MA. AM. Oh ciel! solo al pensarlo,
Nel petto il cor mi trema!

(Amalia após deſhaver respondido com o seu canto aos ultimos versos de Marilia, lhe repete o que acabou de dizer-lhe; mas agora com voz alta: e chegando-se mais a ella e com um ar jovial e o tom de um amavel brincar, lhe diz:)

AM. Então? queres morrer?! e ser pisada?!
Morrer?! por mão nenhuma.
Pisada?! nem por Deos. Vida e mais vida,
Que a morte é sempre certa;
Nem preciso é pedil-a.

MAR. Ah! tu me ouvias?!

AM. Ouvi sim: esses tristes pensamentos
De morte, que deixar já tu deveras,
Remedio não havendo ao occorrido.

MA. Que dizes?!

SCENA VII.

ANTONIO, vindo apressado e ancioso, com uma carta aberta na mão, pela porta pela qual partira, mas andando sempre com dificuldade, como um homem fraco e doente, e os ditos.

ANT. Ai! que tudo está perdido!
(Marilia e Amalia ficam abaladas e espantadas).

(TERCETO)

MAR. Como?

AM. Porque?

ANT. Sem perda
De tempo, neste instante,
Convém partir. Na ilha...

MA. AM. Que houve?

ANT. Ai! um levante
Dos servos se receia.

MA. AM. Oh céos! eu estremeço
Sómente a tal ideia!

ANT. Del perfido nemico
 Orrende son le trame!
 Gravissimo è l'intrico,
 E il suo disegno infame.
 Ne v'ha misfatto o scempio
 Ch'ei non s'attenti osar,
 Sè grande lucro all'empio.
 Il cuor viene a tentar.
 Di tutto in questo foglio
 Raggiaglio mi si dà.
 Forza è far viaggio, il voglio
 E subito sarà:
 Poichè dentro d'un ora
 La nave dee partir,
 E noi sovr'essa ancora
 Entrambi dobbiam ir.

MAR. E Amalia?

ANT. Qui rimane.
 Oggi il cugin qui vien.

MA. AM. Oh ciel!

ANT. È il caso immane,
 Ma pur partir convien.
 Convien che noi la stiamo
 A fin di prevenir,
 Che i beni, che v'abbiamo,
 Non abbiano a perir.
 Sinor la nostra gente
 Consérvasi fedel;
 Ma è duopo immantinente
 Partir, anchè in battel.

MAR. German,
 AM. Cugin, tu sì languente?!

Métterti in un vascel?!

AM. Do perfido inimigo
 Ha intentos horrorosos:
 Gravissimo é o perigo
 Os planos são dolosos;
 Nem crime ha que os malvados
 Não ousem perpetrar,
 Se lucros avultados
 Alguem lhes acenar.
 De tudo nesta carta
 Noticia se me dá;
 Forçoso é que se parta;
 O quero, e seja já :
 Pois dentro de uma hora
 O barco vae partir :
 E nós com elle embora
 Ambos devemos ir.

MAR. E Arnalia?

ANT. Ella aqui fica.
 O primo hoje aqui vêm.

MA. AM. Oh céos !

ANT. O caso implica:
 Mas já partir convêm,
 Convêm que lá 'stejamos
 A fim de prevenir,
 Que os bens, que alli contamos,
 Não tenham de se ir.
 Por ora, a nossa gente
 Conserva-se fiel :
 Mas cumpre incontinentemente
 Partir, fosse em batel.

MAR. Mano,
 AM. Primo, tu tão doente!

Metter-te em um baixel ?

ANT. Così, ben duramente,
Lo vuol destin crudel!

MAR. E noi dovremci, or, ora
Da Amalia separar?

ANT. Sì, senza più dimora
Andiamci ad imbarcar.

M. A. E Amalia, oh sorte fiera!
Sola riman così?

ANT. Già dissi, innanzi sera
Oggi il cugin vien qui.

Allor che il rivedrai
Le nostre scuse fà;
E le ragion dirai
Di tal rapidità.

(ad Amalia)

Quà presto il mio cappello:
La mia zimarra quà:
Il ciel col suo flagello
Me perseguendo va.

M. A. Del cielo un fier flagello
Su noi sentir si fa.

(Un servo, che comparve alla porta durante il discorso d'Antonio, corre all'alcova e reca il cappello, il bastone, e la zimarra di Antonio, ed ajuta a questo a spogliarsi della veste da camera ed a vestire il nuovo abito. Marilia corre frettolosa alla sua stanza per vestirsi da viaggio. Mentre Antonio si veste Amalia così lamenta la sua situazione).

AM. E me felice hai detta,
Cugin, contente appieno!
La scena in un baleno
Ve' come si cangio'!

Rimango io qui soletta
Or ambi voi partendo;
Lo sposo non venendo,
Perduta appien sarò.

ANT. Assim, hem duramente,
O quer sorte cruel!

M. A. E havemos nós de, agora
Mesmo, nos separar?

ANT. Sem a menor demora,
Devemos embarcar.

M. A. E a Prima assim sosinha,
Ai! fica, sem ninguem?

ANT. Já disse, que á tardinha
O Primo hoje aqui vem.

Logo que vel-o possas,
Tu nos desculparás,
E destas pressas nossas
A causa lhe dirás.

(a Amalia)

Depressa, o meu chapéo;
Já, já meu samarrão:
Com seu flagello o céo
Me faz perseguição.

M. A. Com seu flagello o céo
Em nós carrega a mão.

(Um criado, que compareceu á porta durante a falla de Antonio, corre á alcova e traz o chapéo, bastão, e samarrão de Antonio, e ajuda a este a despir o chambre, e vestir o novo traje. Marilia corre depressa ao seu quarto para vestir traje de viagem. Em quanto Antonio se veste, Amalia assim vai lastimando a sua situação).

AM. E tu disseste, Primo,
Que sou feliz, contente!
Vê como derepente
A scena já mudou!

Eu fico sem arrimo,
Em ambos vós vos indo;
O esposo meu não vindo,
Perdida então estou!

Oh ! che sventura ! oh Dio !
 Di me che mai sarà ?
 In ogni affanno mio,
 Chi mi soccorrerà ?

ANT. Marilia, olà, Marilia, (già vestito e chiamando)
 T'affretta; vieni, olà :
 Vieni, che il tempo vola
 E l'ora è giunta già.

MAR. Son quà. Non è possibile (tornando in abito
 Più presto m'abbigliar, da viaggio)
 (Oh! che momento orribile!
 Amalia ho da lasciar!)
 (Oh ciel! che mar di guai!
 Di me che mai sarà ?
 Se più la vedrò mai,
 Or solo il ciel lo sa.)

ANT. Partiam, che giunta è l'ora ;
 Partiamo: vieni orsù,
 Che, per maggior dimora,
 Or tempo non v'è più.

M. A. (abbracciansi reciprocamente una all'altra coi sentimenti e trasporti proprj di una dolorosa separazione, e d'un lagrimoso commiato. Antonio licenziandosi da Amalia, vedendo che una e l'altra si trattengono molto nelle loro tenerezze, cerca come, e il più che può, di separarle.)

M. A. Oh ciel! che inaspettata
 Partenza! Oh che dolor!
 Son tutta sgomentata,
 Mi trema in petto il cor!

Addio, Cugina amata!
 Affetto serba a me:
 Di me non si i scordata,
 Ch'io nol sarò di te.

Oh! que desgraça! oh céos!
De mim o que será?
Quem, nos desgostos meus,
Quem mais me valerá?

ANT. Marilia, olá Matilia, (já vestido e chamando)
Appressa-te; vem já:
Vamos, que o tempo voa;
Chegada a hora está.

MAR. Cá 'stou. Não é possível (voltando em traje de
Mais apressada andar. (viagem)
(Oh! que momento horrivel!
Amalia hei de deixar!
(Oh! que desgraça! oh céos!
De mim o que hade ser?
Agora sabe Deos
Quando hei de mais a ver!)

ANT. Partamos, já são horas:
Partamos, eia, já,
Que, para mais demoras,
Mais tempo já não ha.

MAR. AM. (abraçam-se reciprocamente uma á outra com os
sentimentos e transportes propios de uma do-
lorosa separação, e lachrymosa despedida. Anto-
nio, despedindo-se de Amalia, vendo que ambas
se demoram muito em suas ternuras, procura
como, e o mais que pode, separal-as.)

M. A. Oh céos! que inesperada
Cruel separação!
Estou sobresaltada!
Me treme o coração!
Adeos, ó Prima amada,
Conserva-me affeição:
De mim fica lembrada,
Que eu não te esqueço, não.

ANT. Oh ciel! che inaspettata
Notizia! oh che terror!
Quest'anima è turbata,
Mi trema in petto il cor!

Addio, Cugina amata;
Serbami affetto ognor.

(ad Amalia)

(La man più sento irata
Del cielo punitor!)

(fra sè)

(Il servo gli dà il bastone, ed egli parte con Marilia. Amalia, dopo di averli accompagnati sino alla porta, viene nella massima afflizione verso il proscenio).

SCENA VIII.

AMALIA e poi il SERVO, che ritorna, alcuni istanti dopo per la porta, per la quale érano usciti Marilia ed Antonio).

AM. Anche a me la sventura ecco arrivata!

SER. Per istanti soltanto.
Il Signor Gabriel la scala ascende.

AM. Il mio consorte! Oh gioja!
Io corro ad abbracciarlo.

(Parte rapidamente tutta lieta e nel massimo trasporto, scomparendo per la porta da cui il servo è venuto).

SER. Già la donna felice è consolata!
E Marilia la sola sventurata!

FINE DELL'ATTO INTERMEDIO.

ANT. Oh ceos! que inesperada
Noticia! que afflicção!
Minh'alma está turbada!
Me treme o coração!

Adeos, ó Prima amada, (a Amalia)
Conserva-me affeição.
(Mais cada vez irada (consigo)
Do céo me pune a mão!)

(O criado lhe dá o bastão, e elle parte com Marilia. Amalia, após de os ter acompanhado até a porta, vem, na maior afflicção, para o proscenio.)

SCENA VIII.

AMALIA e o CRIADO, que volta àlguns instantes depois, pela porta, pela qual partiram Marilia e Antonio.

AM. Eis tambem a desgraça a mim chegada!

CRI. Por instantes somente.
O Senhor Gabriel a escada sobe.

AM. O meu consorte! Oh dita!
Eu já corro a abraçal-o. (parte alegre no maior
transporte de jubilo pela porta por onde veio o criado)

CRI. Eis a mulher feliz já consolada:
E' Marilia somente a desgraçada.

FIM DO ACTO INTERMEDIO.

ATTO III.

IL GESUITA.

- 1.º—Il sogno, e il conflitto del dovere e della passione:**
- 2.º—L' uomo confuso e ridotto a nulla e poi consolato:**
- 3.º—Le preci e la missione:**
- 4.º—La benedizione, e l' imbarco.**

SCENA I.

Stanzā di Fernando, nel Colleggio de' Gesuiti, nel Recife dellā Cittā di Pernambuco. Il fondo della stanza è suscettibile di farsi trasparente ed, all' uopo, dar luogo alla visione di oggetti al di là della parete della stessa. La finestra di questa porge verso uno dè lati della Chiesa del Colleggio; ha invetriato a due porte, una delle quali è aperta, e l'altra chiusa. Nel lato opposto alla finestra havvi la porta della stanza. Accostata alla parete di uno dè lati, evvi una scansia con libri; vicino a questa un tavolino da studio, con sopravi una lucerna di ottone accesa, carta, calamaro, alcuni libri, un orologio a polvere, e presso il tavolino una sedia. Verso il fondo, un letto di noce d' India già apparecchiato e senza cortina, colla testa accostata alla parete dal lato della finestra. Presso a questo, ed accostato alla parete, un inginocchiatojo di noce d' India, e sopra questo la Biblia, il Breviario, ed un vaso d' acqua di terra cotta, detto nel paese—moringue.—Alla parete, al di sopra del inginocchiatojo, evvi appeso un crocefisso coll' immagine velata da un panno di color paonazzo, come è proprio in settimana santa e di passione.

FERNANDO, in semplice abito di Padre Gesuita, sta coricato e dormendo sul letto, al di sopra della coltre, la quale, per il suo stato quasi intatto, indica èsservi il dormente coricato su da poco tempo, dopo una longa veglia. É un po' prima del far del giorno, all' ora in che, nella prossima chiesa, si canta il mattutino, seguito da altre preci. Per la finestra della stanza, ódesi dalla Chiesa il seguente.

ACTO III.

O JESUITA.

- 1.º—o sonho e o conflicto do dever e da paixão.
- 2.º—O homem confundido reduzido a nada e após consolado.
- 3.º—As preces e a missão.
- 4.º—A bemçam e o embarque.

SCENA I.

Quarto de FERNANDO, no Collegio dos Jesuitas, no Recife da cidade de Pernambuco. O fundo do quarto è susceptivel de se tornar transparente, e, para a occasião, dar lugar á visão de objectos além da parede do mesmo. A janella deste dá para um dos lados da Igreja do Collegio; tem vidraça de duas portas, uma das quaes está aberta e outra fechada. No lado opposto á janella, ha a porta do quarto. Encostada á parede de um dos lados, ha uma estante com livros: perto desta uma mesa de estudo, e acima della uma candêa de latão accesa, papel, tinteiro, alguns livros, uma ampulheta, e junto da mesa uma cadeira. Para o fundo, uma cama de jacarandá, já apromptada e sem cortinas, tendo a cabeceira junto á parede do lado da janella. Junto á mesma, e encostado á parede, um genuflexorio de jacarandá, e sobre este a Biblia, o Breviario, e um moringue. Na parede, acima do genuflexorio, está pendurado um crucifixo, com a immagem coberta por um panno de côr roxa, como é proprio em semana santa e da paixão.

FERNANDO, em simples habito de Padre Jesuita, está deitado e dormindo, na cama, por cima do cobertor, que, pelo estado quasi intacto, indica haver-se o dormente deitado sobre elle ha pouco tempo, depois de uma longa vigilia. E' um pouco antes do romper do dia, á hora em que, na proxima igreja, se cantão matinas, seguidas por outras preces. Pela janella do quarto, ouve-se da igreja o seguinte.

(CORO INTERNO)

CORO INTERNO. Signor, che del cielo
Creasti le stelle,
E cose sì belle
Che il mondo contien,
Di luce e virtute,
Tu, diva sorgente,
Rischiara la mente
In cerca del ben.

(Al terminare il canto del Coro, un soffio di vento, venuto dalla finestra, spegne la lucerna; e la stanza, che già era illuminata da poca luce, diviene più scura ed appena richiarata da un fioco raggio di luna, che viene dalla finestra. Dopo una breve pausa silenziosa, si odono di nuovo le voci del Coro Interno intonando, in modo più religioso e più mesto, la seguente giaculatoria.)

CORO INTERNO Guai a quell' uomo,
Dice il Signore,
Che il proprio core
Non sa domar.

Egli infelice
Rende se stesso;
Ne gli è concesso;
Pace trovar.

(Terminato il canto del Coro, la musica dell' orchestra, che era giunta al tuono e carattere i più mesti, comincia a farsi men trista e passa al dilettevole ed appassionato. Poco a poco, il fondo della stanza si va facendo trasparente, per un chiarore al di là di questa, e (come per un rarissimo velo) si vede MARILIA seduta sotto la manghiera dell' Isola d' Itamaracá, tale come fù vista nell' primo atto, ed avente in mano una cetra, o viola brasiliana, al suon della quale canta la seguente)

(CORO INTERNO).

CORO INTERNO Senhor, que do céo
Creaste as estrellas,
E as cousas tão bellas,
Que o mundo contem,
Da luz, da virtude,
Tu, fonte divina,
A mente illumina
Em busca do bem.

(Ao acabar do canto do Coro, um sopro de vento, vindo pela janella, apaga a luz da candêa; e o quarto, que já estava alumeado por um luz fraca, torna-se mais escuro, e apenas lumeado por um fraco luar, que vem da janella. Depois de uma breve pausa silenciosa, ouvem-se de novo as vozes do Coro Interno, entoando, em modo mais religioso e mais triste, a seguinte jaculatoria).

CORO INTERNO Diz Deos ao homem:
Sempre o mal cabe
A quem não sabe
Paixões domar.

Elle a si mesmo
Faz degraçado:
Nunca é-lhe dado
A paz gozar.

(Acabando o canto do Coro, a musica da orchestra, que chegara ao tom e character mais méstos. principia a fazer-se menos triste, e passa ao delectavel e apaixonado. Pouco e pouco o fundo do quarto vai-se tornando transparente; por uma claridade além da parede, a qual vai augmentando além desta; e como por um rarissimo véo, vê-se MARI-LIA, sentada debaixo da mangueira da Ilha de Itamaracá, tal como foi vista no primeiro acto, e tendo na mão uma cythara, ou viola brasileira, ao som da qual canta a seguinte.

(CANZONETTA BRASILIANA)

MAR. Al diletto mio Fernando
Io giurai eterno amor,
E, per esso, sospirando,
Sempre langue questo cor.
Ma, chi sa, ah! chi sa quando
Egli qui ritornerà,
Dolce e tenero parlando,
E suo ben mi chiamerà?!

(Fernando, che sta coricato supinamente, ed al quale si fanno presenti in sogno questa visione e questo canto, quale solleva più volte udirlo dai labbri della stessa sua diletta, nel bel tempo del suo primo ed unico amore, profondamente commosso, ma sempre dormendo, fa, nel suo sonno, grandi ed inutili sforzi per alzarsi; e geme, come sotto un' oppressione di cuore incubatoria, che gli impedisce di alzarsi ed avvicinarsi alla sua bella, di cui appena può, con difficoltà, pronunziare il nome per chiamarla. In questo mentre, un altro soffio di vento, più forte, fa aprire la porta dell' invetriato della finestra, che ancora era chiusa, e sbattendola con violenza contro il muro, ne fa rompere uno o più vetri. La visione sparisce all' istante; e Fernando al fracasso della finestra e de' rotti vetri, risvegliandosi subitamente, sbalza dal letto, tutto agitato ed attonito al tempo stesso, guardando all' intorno; e dopo esser rimasto alcuni istanti in questo stato, corre ansioso ed afflitto per la stanza esclamando)

FER. Ah! fu sogno! fu sogno!
Illusion infida, ingannatrice,
Maligna, tentatrice,
Che mi venne a mostrar la mia diletta,
Quella Marilia amabile e perfetta,
Che non posso scordar, ne il potrò mai;
Perchè eterno è l' amor, che le giurai!

(Passeggiando agitato, viene a trovarsi di rimpetto al crocifisso, e gettandovi lo sguardo, rimane colpito al vederlo; si ferma; e rivolto ad esso esclama:)

(MODINHA BRASILIANA)

MAR.

Ao querido meu Fernando
Eu jurei eterno amor;
E, por elle, suspirando,
Gemo e peno em triste dôr.
Mas, oh céos ! quem sabe quando
Outra vez aqui virá,
Terno e doce me fallando,
E seu bem me chamará ?

(FERNANDO, que está deitado de costas, e ao qual se fazem presentes em sonho, esta visão e este canto, tal qual muitas vezes costumava ouvir-o dos labios da mesma sua querida, no bello tempo do seu primeiro e unico amor; profundamente commovido, mas sempre dormindo, faz no seu somno grandes e inuteis esforços para levantar-se; e geme, como debaixo de uma oppressão de coração incubatoria, que lhe impede o levantar-se, e aproximar-se á sua bella, da qual apenas pôde, com difficuldade, pronunciar o nome para chamal-a. Neste comenos, outro sopro de vento, mais forte, faz abrir a porta da vidraça da janella, que ainda estava fechada, e fazendo-a bater com violencia contra a parede, faz romper um ou mais vidros della. A visão desapparece instantaneamente; e FERNANDO, á bulha da janella e dos vidros quebrados, acordando de repente, salta da cama todo agitado e attonito ao mesmo tempo, olhando ao redor; e após de haver ficado alguns instantes neste estado, corre ancioso e afflicto pelo quarto exclamando).

Ah! foi sonho! foi sonho!
Illusão infiel, enganadora,
Maligna, tentadora,
Que veio me mostrar a minha amada,
Essa Marilia amavel e perfeita,
Que não posso olvidar, nem poderei;
Pois eterno é o amor, que lhe jurei!

(Passeando agitado, vêm achar-se defronte do crucifixo, e lançando os olhos sobre este, fica abalado a esta vista; pára; e voltando-se para elle exclama:)

Ma, ohime! che dico? O Dio,
A voi pur non fec' io
Solenne alta promessa? e ad essa or maneo!
Ah! invan là nell' Europa
Io l' ombre ricercai de' sacri chiostri,
Onde estinguervi appieno
D' amor la viva fiamma,
Che sempre mi consuma,
« E che vieppiù divampa,
« Maggior che al primò giorno,
« Ora che il patrio suolo a calcar torno!
« Qui tutto al mio pensiero
« Or parla di Marilia, e ad ogni istante
« Fin nel sogno ne veggio il bel sembiante.
Io sino la nel cielo, in sen di Dio,
Penserei a Marilia;
Ed ogni ardor, per essa, onde smorzarmi,
Necessario sarebbe annichilarmi.

(ARIA) (1)

FER. « Ah! si, v' offende, o Dio,
« Questo mio core amante,
« Pensando ad ogni instante
« A quella ch' egli amò,
« Che, contro il voto mio,
« Pur amo, ed amerò!
« Si, dal pensier, lo sento,
« Nessun può cancellarla!

(1) N. B. Cantandosi quest' aria, si sopprimono i quattro ultimi versi antecedenti, sostituendo loro i virgolati, che li precedono: essendo stati i detti 4 ultimi versi antecedenti, qui messi in sostituzione a quest' aria, che nello spartito attuale è stata ommessa dal Maestro per giusti motivi speciali.

Mas, ai! que digo? O' Deos,
Não vos fiz tambem eu
Solemne alta promessa? e a ella falto!
Ah! em vão lá na Europa
As sombras procurei dos sacros claustros
A fim de extinguir nellas
De amor a viva chamma,
Que sempre me consome,
« E que sempre mais arde
« Maior que em seu começo,
« Ora que o patrio solo a pisar torno!
« Cá tudo ao pensamento
« Me falla de Marilia, e a cada instante,
« Té vejo em sonho o bello seu semblante.
Eu até lá no céo de Deos no seio,
Pensaria em Marilia;
E, para o ardor por ella hoje apagar-me,
Necessario seria o aniquilar-me.

(ARIA) (*)

FER. « Ah! vos offende, ó Deos
« Meu coração amante,
« Pensando a cada instante
« Naquelle a quem amei,
« Que, contra os votos meus,
« Ind' amo, ind' amarei.
« Sim, do meu pensamento
« Ninguem póde riscal-a,

(*) N. B. Cantando-se esta aria, suprimem-se os ultimos quatro versos, que a precedem, substituindo-lhes os virgulos, que os antecedem, tendo os ditos quatro versos sido postos aqui em substituição a esta aria, que, na partitura actual, foi omittida pelo Maestro, por justos motivos especiaes).

« E sempre, sempre amarla
« È forza a questo cor!
« Mia colpa, e mio tormento
« Or è cotesto amor.

« (Comincia in cielo ad albeggiare)

« Invan già spunta in cielo
« Il mattutino albor:
« Per me, d' oscuro velo
« Il ciel si copre ognor!
« Ardo, ad un tempo, e gelo
« Nel pianto, e nel dolor!

« (La sua ambascia è cresciuta, e nel sommo grado di questa
« egli s' inginocchia dinanzi al crocefisso)

« Ah! pietà del mio tormento,
« O mio Dio! Da questa vita
« Omai grave ed abborrita,
« Deh! venitemi a levar!
« Sol con voi, là in cielo, spento,
« L' amor mio può terminar.

« (Ciò detto, alzasi subito per l' occorrenza di un nuovo
« pensiero, e cambiando tuono esclama:)

« Ma che dico? Ah! ch' io spirando
« Si d' amor morirei pieno,
« Che non so se, a Dio nel seno,
« Cesserei allor d'amar:
« E potrei pur, sospirando,
« A Marilia ancor pensar!
« Per non più l' amar Fernando,
« D' uopo è lui annichilar.

(Il P. Priore de' Gesuiti avendo visto mancare al coro per cantare il mattutino il P. Fernando, che soleva essere uno de' più assidui; è venuto a sapere la cagione della mancanza: e dal limitare della porta, su cui si era fermato, ha udite le ultime parole di questo.)

« E' sempre e sempre amal-a
« Forçoso ao coração!
« Meu crime, e meu tormento
« Só neste amor estão.

« (Principia a amanhecer)

« Desponta em vão no céu
« O matutino albor:
« Sempre de escuro véo,
« A mim o encobre o horror.
« Ardo e tambem 'stou eu,
« Gelando em pranto e dôr.

« (A sua afflicção é chegada ao maior auge, elle ajoelha
« diante do crucifixo)

« Tende vós de mim piedade,
« O' meu Deos, e desta vida,
« Já pesada e aborrecida,
« Vinde, ah! vinde me tirar!
« Só em vós, na eternidade,
« Meu amor póde acabar.

« (Dito isto, levanta-se immediatamente, por occorrer-lhe
« um novo pensamento, e mudando de tom, exclama:)

« Mas, que digo? Ah! que, expirando,
« Tão de amor morrera eu cheio,
« Que não sei, se em vosso seio
« Cessaria então de amar;
« E pudera, suspirando,
« Em Marilia inda pensar!
« Para não a amar Fernando,
« E' preciso o aniquilar.

(O P. Prior dos Jesuitas, tendo visto faltar ao coro para cantar matinas, o P. Fernando, que costumava ser um dos mais assíduos; veio saber a causa dessa falta: e do limiar da porta onde parou, já tem ouvido ás ultimas palavras de Fernando).

SCENA II.

Il P. PRIORE avanzando dalla porta della stanza, ed avvicinandosi a FERNANDO, con grave contegno e parlando a questo con tuono autorevole, ed allo stesso tempo benevolo.

PRI. Quali inique bestemmie,
Insano, proferisti?!
Cattolico qual sei, e ben ne' dogmi
Istrutto della fè, che professiamo,
Creder puoi che giammai alma creata
Annichilata sia? e che, nel cielo,
Essa, di Dio nel seno, ancora serbi
Terrene affezion?!

FER. Ben so, mio caro,
Padre Prior, ben sollo, ed anche il credo,
Che questo esser non può; ma tale e tanta
È la fiamma d' amor, che per Marilia...

PRI. (interrompendolo prontamente)
Taci, mio figlio; già tel' dissi: è colpa
Il più pensar ad essa
In cotesto recinto, e in quelle vesti.
Sai che a Dio e a Loyola il promettesti.
(breve pausa per dar tempo a riflettere).

(DUETTO)

PRI. Prega devoto, e implora
La paternal bontade
Di Dio, che, per pietade,
Ti venga ad ajutar:
Il suo voler adora;
Tutto potrai scordar.

FER. Devoto il labbro implora
La paternal bontade
Di Dio, che, per pietade
Mi venga ad ajutar:

SCENA II.

O P. PRIOR vindo avante da porta do quarto, e aproximando-se a FERNANDO, com grande gravidade, fallando a este com tom de autoridade, e ao mesmo tempo benigno.

PRI. Que blasfemias iniquas,
Insano, proferiste?!
Catholico, qual és, e bem nos dogmas
Instruido da fé que professamos,
Crer podes que jámais alma creada
Aniquilada seja? e que, no céo,
Ella, de Deos no seio, inda conserve
Terrenas afeições?

FER. Bem sei, meu caro
Padre Prior, bem sei, e mesmo o creio,
Que não pode isso ser, mas tal e tanto
E' o ardor da paixão, que por Marilia...

PRI. (interrompendo-o promptamente)
Cala-te, filho; já t'o disse, è crime
O pensares mais nella
Aqui neste recinto, e nessa veste.
Sabes que a Deos, e a Ignacio o prometteste.
(Breve pausa para dar-lhe tempo a reflectir.)

(DUETO).

PRI. Reza devoto, e implora
A paternal bondade
De Deos, que, por piedade,
Se digne te valer.
Sua vontade adora.
Que tudo has de esquecer.

FER. Devoto o labio implora
A paternal bondade
De Deos, que, por piedade,
Se digne me valer;

Ma non può cor, che adora,
L' idolo suo scordar!

PRI. « Lo scorderai tu, quando
« Con Dio t' abbraccerai,
« E, la sua fé portando
« Ne' boschi a penetrar,
« Mille alme acquisterai
« Al ciel col predicar.

FER. « Come salvar tant' alme
« Se questa è già perduta?
« Come otterà tai palme
« Già vinta ed abbattuta,
« E s' ella già vien meno
« D' ambascia e di dolor,
« E più non può nemmeno
« Viver, gemendo ognor?!

PRI. Figlio tu, in ogni detto,
Insulti l'Ente Eterno;

FER. Sì, ben lo so, mi getto
Nel fondo dell' Inferno;
Ma dove?..

PRI. (interrompendolo rapidamente con vigore e vehe-
menza.)

Ove pretendi

Marilia tu trovar?

Teco in gli abissi orrendi

Ad árdere e penar?!

FER. Mio Padre, io tremo io gelo
A questo tuo parlar!

PRI. « Sì bella creatura
« Candida, ingenua e pura,
« Qual dici tu, formata
« Ad esser solo amata,
« Con Dio, nel Paradiso,
« Non devi un dì trovarla?

- Mas coração, que adora
Não pode se esquecer.
- PRI.** « Esquecerás tu, quando
« Com Deos bem te abraçares,
« E, sua fé levando
« No meio dos certões,
« Mil almas conquistares,
« Ao céo, com pregações.
- FER.** « Como salvar mil almas,
« Se a minha está perdida?
« Como obterá taes palmas
« Se ella está vencida?
« Se ella já succumbe
« A' dôr, ás afflicções,
« Se nem viver lhe incumbe
« Em mil lamentações!
- PRI.** Filho, com esse dito,
Insultas ao Eterno!
- FER.** Sim, eu me precipito
No bárathro do Inferno:
Mas onde? . . .
- PRI.** (interrompendo-o rapidamente com vigor e vehemencia)
Onde tu queres
Tua Marilia ver?
No abysmo onde estiveres
Em chammas e a soffrer?
- FER.** Meu Padre, eu tremo, eu gelo
A este teu dizer!
- PRI.** « Tão bella creatura,
« Candida, ingenua e pura,
« Qual dizes tu, formada
« Só para ser amada,
« Com Deos, no Paraiso,
« Não has de um dia achal-a?

« Fra eterno gaudio e riso
« Non devi tu cercarla?
« Non la vedrai tu allato
« Di quei che la creò,
« Che a lei quel tutto ha dato
« Con che sì t'incantò?

FER. « (È vero: io son turbato!
« Rispondere non so!) (fra sè)

PRI. « Non dee, quel, che dicesti
« Angiol dal ciel disceso,
« Da eterne fiamme illeso,
« Tornarne in frà i celesti,
« Onde i divini cori
« Degli angeli aumentar,
« E mille inni canori
« A Dio sempre intuonar?

FER. « Si, Padre, si, Marilia,
« Solo può 'star con Dio:
« Ad essa dunque or io
« Voglio là in cielo andar:
« Si, veder voglio Iddio,
« Onde lei pur mirar:
« Fors' ella il suo bel velo
« Nel mondo ebbe a lasciar.

PRI. « Senz' essa dunque il cielo
« Te non sapria chiamar?

FER. « Senz' essa?! Io, si, lo svelo:
« Bel nol saprei trovar,

PRI. Vanne; perduto sei:
Marilia non vedrai,
Perchè, con Dio, non dei
Esser nel ciel giammai.

« No eterno gaudio e riso
« Não has de procural-a ?
« Não has de a ver ao lado
« D'aquelle que a criou,
« Que tudo lhe tem dado
» Com quanto te encantou?

FER. « (E' isso: eu, perturbado, (comsigo).
« Sem o que diga estou!)

PRI. « Não hade, a que tu chamas
« Anjo do céu descido,
« Livre de eternas chammas,
« De novo ao céu ter ido,
« Para aos divinos coros
« Dos anjos se ajuntar,
« E mil hymnos canoros
« A Deos sempre entoar?

FER. « Sim, Padre, sim, Marilia
« Só pode estar com Deos:
« Com ella pois aos céos
« Eu quero, eu quero ir ter.
« Sim, quero ver a Deos
« Para Marilia ver:
« Ella o mortal seu véo,
« Talvez deixou de ter.

PRI. « Sem ella, pois o céu,
« Não desejaras ver?

FER. « Sem ella ? ! O digo eu:
« Bello não vinha a ser.

PRI. Vai-te; tu 'stas perdido;
Marilia não verás,
Porque, com Deos unido
No céu, nunca estarás:

Tu non vedrai la bella
Sembianza divinal
Di cui l'immagine è ella,
E Dio l'original.

FER. Io mai veder Marilia?!

PRI. Giammai.

FER. Mio Padre, io moro!

(S' abbandona sulla sedia abbattuto ed atterrato. Il P. Priore corre a soccorrerlo e consolarlo.)

PRI. Figlio, fa core.

FER. Invano
Soccorri al mio martoro!
« La morte solamente,
« La morte...

PRI. « Sì, davvero?! (con ironia e sarcasmo)
« Morir, e eternamente
« Marilia non veder!

FER. Mio Padre! Ah! che turbato (si rialza agi-
Mi perdo, e mi confendo! tato e confuso)
Non so se son perduto,
Se esisto in questo mondo!
Che dico? Oh ciel!.. che faccio?..
Che penso?.. Ov' io mi sto?...

PRI. Del cielo é adesso il braccio
Che si t' annichilò!

FER. Del cielo è adesso il braccio
Che si m' annichilò. (ricade sulla sedia)

PRI. Vedi Figlio
FER. Vedo, mio Padre, in queste

PRI. FER. Forme, la man celeste
A nulla l' uom riduce
Innanzi al suo poter;

Não has de ver a bella
Figura divinal
Da qual é imagem ella,
E Deos o original.

FER. Eu nunca ver Marilia?!

PRI. Nunca.

FER. Meu Padre, eu morro!

(abandona-se sobre a cadeira abatido, e aterrado. O P. Prior
corre a socorrer-o e consolal-o.)

PRI. Filho te anima.

FER. Embalde,
Na dôr me dás soccorro:
« A morte tão somente,
« A morte...

FER. « Sim, morrer; (com ironia e
« E após eternamente sarcasmo).
« Marilia jámais vér!

FER. Meu Padre, ah! que turbado (torna levan-
Me perco e me confundo: tar-se agitado
Não sei se estou perdido, e confundido).
Se existo neste mundo!
Que digo?... oh céos!. . . que faço?...
Que penso?... aonde estou?...

PRI. De Deos é agora o braço
Que assim te aniquilou!

FER. De Deos é agora o braço .
Que assim me aniquilou! (recahe sobre a

PRI. Vês, ó meu filho, é deste cadeira).

FER. Vejo, meu Padre,

PRI. E FER. Modo, que a mão celeste
Ao homem aniquila,
Perante o seu poder,

Onde, al volerla a duce,
L'esser rifargli aver.

PRI. « Or sei ben castigato
« Dell' empio tuo sermon:
« Or sei annichilato. (con sarcasmo)

FER. « Annichilato io son.

PRI. « Ma all' esser puoi risórgere (con benignità e dolcezza)
« Se chiedi a Dio perdon.

FER. « (Scende soave all' anima
« Di questi detti il suon!

(Un raggio del sole, che spunta nell' orrizzonte, pénétra nella stanza e vivamente la rischiara. Il P, Priore, avvicinandosi affettuoso e pieno di bontà ed amicizia a Fernando, lo rialza dalla sedia, e cerca di consolarlo ed animarlo. Questi, cedendo alle di lui seguenti parole e buone maniere, si rialza lentamente, e poco a poco si va consolando)

PRI. Ah! col sole il tuo cor sorga: (mostrando col dito il sol nascente)
Vieni al tempio, onde fruir
Nuova vita, che a te porga
Di man santa il benedir.

Tu, per questo, con più calma
Potrai tutto sopportar;
E la fè, con Dio n'ell' alma,
Ai selvaggi predicar.

FER. Cielo! il cor par che risorga!
Vado al tempio, onde fruir
Nuova vita, che a me porga
Di man santa il benedir.

Si, per questo, con più calma
Potrò tutto sopportar;
E la fè, con Dio nell' alma,
Ai selvaggi predicar. (partono)

Para, se quer seguil-a,
Restituir-lhe o ser.

- PRI. « Está bem castigado
« O insano que fallou!
« Estás aniquilado. (com sarcasmo).
- FER. « Aniquilado estou !
- PRI. A' vida rehabilitas-te (com benignidade e
« Pedindo a Deos perdão. brandura).
- FER. « (N'alma, a taes ditos, desce-me
« Doce consolação !)

(Um raio do sol, que desponta no horizonte, penetra no quarto e vivamente o clarêa. O P. Prior aproximando-se affectuoso, cheio de bondade e amizade, a Fernando, o levanta de novo da cadeira, e procura consolal-o e animar-o. Este, cedendo ás suas palavras seguintes, e as suas boas maneiras, levanta-se lentamente, e pouco e pouco vai-se consolando).

- PRI. Ah! c'o sol tu te alevanta (Mostrando com o
Com mais alma, e receber dedo o sol
Vem no templo bençam santa, nascente)
Que te faça reviver.

Vem; por ella, com mais calma,
Has de tudo supportar;
E, com Deos já dentro d'alma,
Ao selvage a fé pregar.

- FER. Céos! minh'alma se alevanta!
Vou ao templo receber
Novo ser de bençam santa,
Que me faça reviver.

Sim, por ella, com mais calma,
Hei de tudo supportar;
E, com Deos já dentro d'alma,
Ao selvage a fé pregar. (partem).

SCENA III.

Piazza nel Recife della Città di Pernambuco, vicina alla spiaggia del mare. Chiesa de' Padri Gesuiti da un lato; nel fondo, vista del porto con luogo d'imbarco, e battello pronto a ricever gente per questo. La piazza è tutta imbandierata con varj stendardi nazionali di quel tempo, ed altre bandiere da segnale, ma nessuna indicante nazionalità straniera. In varj luoghi stanno apparecchiate e piantate nel suolo varie girandole di fuochi d'artifizio. All' intorno sono schierate delle Truppe Militari, con bande di musica.

POPOLO sparso per la piazza ed ai lati della porta della chiesa, dalla quale vien sortendo processionalmente il Corpo Collegiale de' Padri Gesuiti, preceduto da varie Autorità Municipali, Civili, e Militari, e seguito dai Corpi Conventuali de' Padri Cappaccini, Carmelitani, e Benedettini, e da varie autorità ecclesiastiche. FERNANDO e' nello stuolo di quelli de' Gesuti, che sono destinati alla Missione, i quali, come in atto di viaggio, portano in una mano il loro capello e nell' altra una croce di legno nera e sotto il braccio la Biblia. Il P. PRIORE viene l' ultimo del suo Corpo Collegiale. Le campane della chiesa suonano a festa. La processione va andando.

C. DI GESUITI Signor, tu, che, pietoso
Dell' uomo in ver la sorte,
Ti soggettasti a morte,
A fin d' aprirgli il ciel,
Deh! tu, lo stuol proteggi,
Che, colla tua parola,
Or ad aprirlo vola
A un popolo infedel.

(Giunta la processione al mezzo della piazza, di rimpetto al luogo dell' imbarco, ad un cenno del P. Priore si ferma, aprendosi in due ali ai lati della piazza, rimanendo il P. Priore nel mezzo di questa con Fernando, e i Gesuiti che vanno alla missione.)

SCENA III.

(Praça no Recife da cidade de Pernambuco, proxima á praia do mar. Igreja dos Padres Jesuitas de um lado; no fundo, vista do porto com lugar para embarque, e batel prompto para receber gente para este. A praça está toda embandeirada com varios estandartes nacionaes daquelle tempo e outras bandeiras de signal, mas nenhuma indicando nacionalidade estrangeira. Em varios lugares, estão apanlhadas e plantadas no chão varias girandolas de fogos de artificio. Ao redor estão formados corpos de tropas militares, com bandas de musica.

POVO espalhado pela praça, e aos lados da porta da Igreja, da qual vem sahindo procissionalmente o Corpo Collegial dos Padres Jesuitas, precedido por varias Autoridades Municipaes, Civis, e Militares, seguido pelas Communi-
dades Conventuaes dos Padres Capuchinhos, Carmelitas, e Benedictinos, e por varias autoridades ecclesiasticas. FERNANDO, vem no bando dos Jesuitas destinados para a missão, os quaes, como em occasião de viagem, trazem em uma mão o seu chapéo, e na outra uma cruz de madeira escura, e debaixo do braco a Biblia. O P. PRIOR, vem o ultimo do seu Corpo Collegial. Os sinos da igreja tocam festivamente. A procissão vai andando).

C. DE JESUIT. Senhor, tu, que, piedoso
Do homem com a sorte,
Te sujeitaste à morte,
A fim de o céu lhe abrir,

Ah! tu, protege o bando,
Que abril-o inda de novo,
Quer de infieis a um povo
Com os teus ditos ir.

(Chegada a procissão no meio da praça, de frente do lugar de embarque, a um aceno do P. Prior, pára, abrindo-se em duas alas aos lados da praça, ficando o P. Prior no meio desta, com Fernando, e os Jesuitas, que vão para a missão).

(ALLOCUZIONE AI MISSIONARJ)

PRI. Cari compagni miei, ecco il momento
Di separarci, come il vuole Iddio;
E noi pure il vogliamo,
Della sua santa fè per il trionfo.
Benedetti nel tempio
Dalla mano distinta e veneranda
Del Baiano Pastor, ch' esulta, al nuovo
Ricominciar di nostre sante imprese,
Ite, pieni d'ardore e di pietade,
A portar nelle selve il sacrosanto
Stendardo della croce
A fiere incolte genti,
Che il cielo sia propizio ai santi intenti!

(ABIA)

PRI. Tra bronchi, sterpi e spine,
Esposti a rei serpenti,
A lonze, e d'aspre genti
Selvagge al saettar,
Fatiche e soli ardenti
Dovrete sopportar,
Sol pel' pietoso fine
D' ir l'anime a salvar.
Là, col pensier sublime,
Che mosse il vostro piede,
Con tutta in Dio la fede,
E l' amor santo in cor,
All' ignoranza, e al crime
Guerra movele ognor:
Se v' ha chi il mondo opprime,
I primi son costor.
C. GENERALE. « (Gran veritate esprime
« Il buon Padre Prior!) (fra. loro)

(ALLOCUÇÃO AOS MISSIONARIOS).

PRI. Queridos socios meus, eis o momento
De separar-nos, como Deos o manda;
E todos o queremos,
Da sua santa fé para o triumpho.
No templo abençoados
Pela mão mui distincta e veneranda
Do Baiano Pastor, que exulta ao novo
Recomeçar de nossa santa empreza,
Ide cheios de ardor e de piedade,
Lá nas selvas levar o sacrosanto
Estandarte da Cruz
A um povo inculto e fero,
Que o céo será propicio ao santo esmero.

(ARIA)

PRI. Em matos espinhosos,
Expostos ás serpentes,
Ás onças, e de gentes
Selvagens ao frechar,
Fadigas, soes ardentes
Vós tendes de aturar,
Só para os fins piedosos
De as almas ir salvar:
Lá, c'o pensar sublime,
Que ao vosso pé moveo,
Com toda fé no céo,
Ardendo em santo amor,
Com a ignorancia e o crime
Em guerra ide vos pôr.
Se alguém o mundo opprime,
Tem nisto elles primor.

C. GERAL. « Grande verdade exprime
« O bom Padre Prior! » (entre elles)

PRI. e C. GEN. Onde chiamar le genti,
Ed a guidarle al cielo,
La croce, col vangelo,
Portate in vostra man:
Dell' ignoranza il velo
Sol essi squarceran:
E i pòpoli credenti
Civili si faran.

PRI. « Si, dal cielo benedetti,
« Ite adesso e il vostro zelo,
« Il bel stuolo degli eletti
« Tosto aumenti per il cielo.
« E al gran nome di Gesù,
« L' uom selvaggio non sia più:
« E, chiamato a civiltà,
« L' arti apprenda e la pietà.

P. C. GEN. « Tutto questo apprenderà
« Se cristian ei si farà.

PRI. A voi, Padre Fernando,
Or questa affido picciola crociata
Contro la fiera e barbara ignoranza
Della gente de' boschi.

FER. A me, mio Padre!

PRI. « A voi che così prode
« Foste in battaglia, e di coraggio pieno;
« A voi, che avete in seno
« (Senza ch'io manchi al vero in questa lode)
« Un cuore generoso, umano e blando;
« A voi, Padre Fernando,
« Che talento e dottrina
« Avete nella mente.

FER. « Mi confonde
« In voi tanta bontade:

P. E C. GER. Para chamar as gentes,
E para ao céo guial-as,
Co'a cruz ide ensinál-as
Com o evagelho á mão;
E da ignorancia o véo
Sós elles rasgaráõ.
Os povos feitos crentes,
Civís se tornaráõ.

PRI. « Pelo céo abençoados,
« Ide sim; com dignos feitos,
« Para o céo mais augmentados
« Por vós sejam os eleitos;
« Nem selvage exista mais,
« Se Jesus annunciais;
« Mas civil chamado a ser,
« Artes. culto, venha a ter.

P. E C. G. « Tudo isto hade aprender
« Se christão a si fizer.

PRI. A vós, padre Fernando,
Eu agora confio esta pequena
Cruzada contra a barbara ignorancia
Da gente do certão.

FER. A mim, meu Padre?!

PRI. « A vós, que tão valente
« Fostes na guerra, e de coragem cheio,
« E que tendes no peito
« (Sem qu'eu falte a verdade em vos louvando)
« Coração generoso, humano e brando,
« A vós, Padre Fernando,
« Que talento e doutrina
« Tendes na vossa mente. . .

FER. « Me confunde
« Em vós tanta bondade

- PRI.** « Io vi conosco
« Ed apprezzar so appieno
« Il merito, che avete,
« Se un uom esser volete.
- FER.** « Uom io?! Ah! si, pur troppo il son, mio Padre.
- PRI.** Or dell' imprese vostre,
E de' travagli il campo
Del Norte son le terre.
- FER.** Del Norte?!
- PRI.** Ond' è formata
La d' Itamaracà grande provincia:
Ma prima voi dovrete
All' isola approdar, che il nome dielle.
- FER.** In quell' isola ! Oh Dio !
- PRI.** Figlio, coraggio:
Ite: a tutti il ciel dia un buon viaggio.

(DUETTINO DI CONMIATO)

- PRI.** « Addio, Padre Fernando; (abbracciandolo)
« Cari fratelli, addio; (abbracc. i Gesuiti
« A voi sia scorta Iddio, che rimangono)
« Sostegno e protettor!
« Addio: Deh faccia il cielo
« Ch' io vi riveda ancora,
« E nuove grazie allora
« Dar débbansi al Signor!
- FER.** « Addio, Padre Priore,
« Cari fratelli, addio;
« V' assista sempre Iddio,
« De' buoni protettor !
« Addio, Deh! faccia il cielo
« Ch' io vi riveda ancora,
« E nuove grazie allora
« Dar débbansi al Signor!
- (Sepáransi e imbárcano.)

- PRI. « Eu vos conheço
« E sei dar justo apreço
« Ao merito que tendes,
« Quando quereis ser homem,
FER. Euhomem?! Sim, o sou de mais, meu Padre!
PRI. Da vossa empreza agora,
Dos trabalhos o campo,
São as terras do Norte,
FER. Do Norte!
PRI. Essas que formão
A d'Itamaracá grande Provincia.
Porém deveis antes
Nessa Ilha aportar, que o nome deu-lhes.
FER. N'aquella Ilha! oh céos!
PRI. Filho! coragem.
Ide: a todos dé o céu boa viagem.

(DUETINHO DE DESPEDIDA).

- PRI. « Adeos, padre Fernando, (abraçando-o)
« Caros irmãos, adeos: (abraçando aos Je-
« Guarda vos seja Deos, suitas que part.)
« Arrimo e protector.
« Adeos, ah queira o céu,
« Que a vós de novo eu veja;
« E razão nova seja
« De a Deos dar mais louvor.
FER. « Adeos, Prior, meu Padre: (reabrançam.)
« Caros irmãos adeos: abraç. aos Jesui.
« Bem vos assista Deos que ficam.)
« Dos bons o protector.
« Adeos; Ah! queira o céu,
« Que a vós de novo eu veja:
« E razão nova seja
« De a Deos dar mais louvor!
(Separam-se e embarcam).

C. GEN. «Tórnino, e adesso e allora
«Sian grazie a te Signor.
(alzando gli occhi e le mani al cielo)

SCENA IV.

Essendo già Fernando, co'suoi compagni, asceso sul battello, comparisce alla porta della Chiesa il VESCOVO; il quale, avanzando sino all' orlo del sommo gradino della scalinata dell' atrio sacro esteriore del tempio, alzando la mano con atto dignitoso e solenne, dà agli imbarcati l' ultima benedizione di commiato. All' alzar il Vescovo la mano, le campane della chiesa suonano in tuon divoto e a colpi lenti e staccati. Tutti nella piazza genuflettono colla massima venerazione; ed, al suono delle campane e de' tamburi battenti con isocrona misura, cantano all' unissono la seguente

(PREGHIERA)

TUTTI. Ah! col vostro gran favor,
Fate o Dio che sian felici,
E tornar un giorno ancor
Possan salvi ai lieti amici;
Tutto sempre per maggior
Vostra gloria, ò mio Signor.

(Finita la Preghiera, il battello parte coi Missionarj, salutati dalle acclamazioni di tutti, che alzandosi ed agitando i loro cappelli, ed i fazzoletti, gridano)

TUTTI. Addio! Addio! Addio!

(A questi applausi si associa il suono festevole delle campane, de' tamburi e della banda militare, non che il fragore dei razzi delle girandole, che, accesi e stridenti, rapidamente si slanciano per le vie del cielo.)

FINE DELL' ATTO TERZO.

C. GER. «Voltem, e então e agora
«Louvemos o Senhor.
(levantando os olhos e as mãos para o céu.)

SCENA IV.

Estando já Fernando com os seus companheiros no barco, apparece na porta da igreja o BISPO, que vindo avante até o mais alto dos degrãos da escada do atrio sagrado exterior do templo, levantando a mão com acto digno e solemne, dá aos embarcados a ultima bençãam de despedida. Ao levantar o Bispo a mão, os sinos do templo repicam em som devoto e a toques lentos e destacados. Todos na praça ajoelham, com a mais alta veneração, e ao som dos sinos, e dos tambores, que battem com isochrona medida cantam ao unissono a seguinte.

(PRECE).

Todos. Ah! com vosso grão favor,
Feliz sorte dai-lhe, o Deos;
E entre jubilo, e sem dôr
Voltem aos amigos seus:
Sempre tudo p'ra maior
Vossa gloria, ô meu Senhor!

(Acabada a prece o barco parte com os missionarios saudados pelas acclamações de todos; que, levantando-se, e agitando os seus chapéos e lenços, gritam.)

Todos. Adeos! Adeos! Adeos!

(A estes applausos associam-se os repiques festivos dos sinos o som dos tambores e da banda militar, e o fragor dos foguetes das girandolas, que, accesos e estridentes, rapidamente se arrojãam e espalham pelas vias do céu),

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ATTO IV.

LA SVENTURA.

- 1.^o—Il lutto e la desolazione:
- 2.^o—La manghiera dell' amore, e la sua storia:
- 3.^o—La caduta del frutto, e la morte.
- 4.^o—La corona di gelsomino, ed il velo del funerale:
- 5.^o—La benedizione funebre, e la manghiera del sepolcro.

SCENA I.

La scena stessa come nell' atto primo; ma la manghiera è molto maggiore; essendo già cresciuta per più di vent' anni trascorsi.

CORO di ANCELLE di Marilia, e CORO di CAMPAGNUOLI o COLONI dell' Isola. Le Ancelle stanno affacciate alla galleria, ed i Campagnuoli in basso, vicini alla gradinata. Le prime sono assai meste, e poi si stemprano in pianto.

CORO.

CAMP. Perchè così meste
 In volto voi siete?
 Sembianze son queste
 Di grande dolor.
 Oh cielo! piangete?!

ANC. Perdemmo, perdeste
 De' buoni il maggior.

CAMP. Oh ciel! che diceste?!

 Io gelo d' orror!

(Le Ancelle scendono piangendo dalla galleria, ed accompagnate dai Campagnuoli s' avanzano, verso il proscenio, e con espressione di vivo dolore, dicono:)

ACTO IV.

A DESGRAÇA.

1.º—O luto e a desolação:

2.º—A mangueira do amor e a sua historia:

3.º—A queda do fructo, e a morte:

4.º—A corôa de jasmim, e o véo do funeral:

5.º—A bençã funcbre, e a mangueira do tumulo.

SCENA I.

A mesma Scena como no acto primeiro: mas a mangueira está maior, tendo já crecido, por mais de vinte annos decorridos:

(CORO de FAMULAS de Marilia, e CORO de CAMPONEZES, ou COLONOS da Ilha. As Famulas estão chegadas á galaria, e os Camponezes embaixo, proximos dos degrãos desta. As primeiras estão mui tristes, e depois se desfazem em pranto.

(CORO)

CAMP. Porque vós tão mestas
 Estais no semblante?
 As marcas são estas
 De maxima dôr.
 Oh céos! 'stais chorando!
 Qual disso o motor?

FAM. Perdemos, perdeste
 Dos bons o maior.

CAMP. Oh céos! que dissestes?!
 Eu gelo de horror!

As Famulas, descem da galaria chorando, e acompanhadas pelo Camponezes, vem chegando-se para o procenio, e com expressão de viva dôr, dizem).

- ANC.** Di nuovo cordoglio le punte
Son contro Marilia venute!
Ahi! furon le cure perdute!
La morte Pereira mietè!
Già n' eran l' ore al fin giunte!
E nulla salvarlo potè.
- CBMP.** Oh cielo! che infausta novella
Or trista vien l' isola a far!
Ah! dell' infelice sorella
Or come il buon cor deve star?!
- ANC.** La geme la mesta donzella,
Che sola si trova nel mondo,
E un nuovo dolore profondo
Già soffre oltre quei dell' amor.
- CAMP.** Ah! come a un rigor, che flagella,
Potrà più resister quel cor?!
- TUTTI.** « Ah! sorte avversa e crudele,
« Non ti bastava l' amante
« Rapirole e in pianto e querele
« Abbandonarla e in sospir?
« Nel furor tuo piú costante,
« Le aggiungi nuovo martir?
« Ah! come pene cotante
« Puote un sol core soffrir?

(Le Ancelle rientrano in casa; ed i Campagnuoli si ritirano mesti e costernati)

SCENA II.

MARILIA sola, vestita a lutto, assai trista e pensierosa; e di quando in quando versando ed asciugando-si lagrime. Ella sorte dalla piccola porta del muro del cortile, come ad un passeggio di distrazione e sollievo al suo dolore.

MAR. Eccomi alfin nel mondo
Solitaria, qual fior, per sia per caso

FAM. De novos desgostos as settas,
Ai ! contra Marilia vieram:
Nem mais os cuidados valeram;
A morte a Pereira ceifou:
As horas já tinha completas,
E todo o recurso falhou.

CAMP. Oh céos! Oh que nova ominosa
Vem toda esta Ilha enlutar!
Ah! como da irmã desditosa
O bom coração hade estar?!

FAM. Lá geme essa triste donzella,
Que só vê-se agora no mundo,
E um novo desgosto profundo
Já soffre além outros de amor !

CAMP. Ah ! como do mal, que a flagella
Mais hade poder c' o rigor:

TODOS. «Ah! sorte cruel e a dversa!
«Te não bastou seu amante
«Roubar-lhe e em pranto e lamentos
«Abandonal-a a gemer?
«No teu furor mais perversa,
«Lhe augmentas novo soffrer?
«Ah! como em tantos tormentos
«Póde uma alma viver!

(As Famulas tornam a entrar em casa e os Camponezes, se retiram tristes e consternados.)

SCENA II.

MARILIA, só, trajada de lucto, mui triste e pensativa, e de quando em quando vertendo e enxugando-se lagrimas. Ella sahe pela pequena porta do quintal como a um passeio de distracção, e alivio à sua dôr.

MAR. Eis-me em fim solitaria
No mundo, como flor, que á tempestade

Scampato alla tempesta!
Perdei l'amante ed il german! . . . perduti
Da molto, ho i padri miei! vivon lontani
La Cugina e il Cugin, soli restanti
Di tutti i miei parenti!
Soli ho meco il mio duolo e i miei tormenti!
Nulla più v' ha ch' io stringa
In quest' isola al sen con dolce affetto,
Se non questa fatal, ma cara pianta,
A cui solo, ma almeno,
Se non più la speranza,
Légasi del mio amor la rimembranza!

(Piange ed abbraccia il tronco della manghiera.)

(APOSTRAFE ALLA MANGHIERA. ROMANZA)

MAR. O' diletta amica pianta,
S' io sapessi allora, quando
Lieta un dì, col mio Fernando,
Il tuo seme posi qui;
Se sapessi, ah! sì, che tanta
Fiera angoscia io soffrirei,
Forse allor io non t' avrei
Fatta nascere così.

Cauta, oh! sì, quel seme allora
Avrei tosto al mar gettato;
E al mio ben spirante allato,
M' avria vista un tale dì!
Ahi! d' amor nella bell' ora,
Tutta assorta in dolce idéa,
L'alma mia, ah! sol vedea
Quella gioja che spari!

Ma, che dico? Ah! se il tuo seme
Qui da noi non fosse messo,

Escapou por acaso!...
Perdi o amante, e meu irmão!.. perdido
Tenho, de ha muito, os pais!.. vivem mui longe
A Prima e o Primo, os unicos, que ficam
De tantos meos parentes!
Meus tormentos e dôr só 'stão presentes!
Nada ha mais nesta Ilha,
Que com doce affeição aperte ao peito,
Senão esta fatal arvore, e cara,
A' qual só, mas ao menos,
Se não mais a esperança,
Do meu amor se liga inda a lembrança.

(Chora e abraça o tronco da mangueira.)

(APOSTROFE A' MANGUEIRA. ROMANCE)

MAR. O' querida amiga planta,
Se soubera um dia, quando
Leda, e com o meu Fernando,
Teu caroço puz aqui;
Se soubera ah! sim, que tanta
Dôr e angustia eu soffreria;
Ah! talvez te não teria
Feito então nascer assi!

Cauta, oh! sim, essa semente
Eu houvera ao mar lançado;
Ou, tal dia, morta ao lado
Do meu bem me vira aqui!
Ah! d'amor na chamma ardente,
Toda absorta em doce idéa,
De prazer minha alma chêa,
Só vio dita, que perdi!

Mas que digo?.. Ah! se não fora
A semente aqui plantada,

Non potrei dolente adesso
Dar l'amplesso, che ti dò!
Nell'affanno, onde il cor geme,
Sei la mia consolatrice;
Ogni fronda tua mi dice:
Che Fernando quì m'amò!
(riabbraccia la manghierra.)

SCENA III.

I CAMPAGNUOLI e le ANCELLE, avendo intesi da lungi i lamenti di MARILIA, sono ritornati; e vendendola abbracciata all' albero, le si fanno presso dicendo:

CAM. AN. Perchè stemprata in pianto,
E all' albero abbracciata,
Così ti struggi tanto
Nel vano tuo dolor,
« Ne udir più vuoi la grata
« Voce d'un altro amor?

MAR. Perchè, nel tristo pianto,
E all' albero abbracciata,
Crudel non è più tanto
L'acerbo mio dolor;
« E qui memoria grata
« V' ha del mio dolce amor.

AN. CAM. Il tuo dolor t' illude
E stolta omai ti fa!

MAR. Quest' albero in se chiude
La mia fatalità.

CAM. AN. Come? (sorpresi)

MAR. M'udite; e poi,
Se non del giusto, almeno
Della pietade in voi
La voce parlerá.

(Tutti si radunano intorno ad essa ad ascoltarla colla massima attenzione).

Não podera eu, magoada,
Dar o amplexo, que te dou!
Minha és tu consoladora
Na afflicção, pois, eu gemendo,
Cada folha está dizendo:
Que Fernando aqui me amou:
(Torna a abraçar a arvore)

SCENA III.

Os CAMPONEZES e as FAMULAS, tendo ouvido de longe as lamentações de MARILIA, voltaram; e vendo-a abraçada na arvore chegam-se a ella dizendo:

CAM. FA. Porque desfeita em pranto,
E n'arvore abraçada,
Tu te consomes tanto
Em tua inutil dôr,
« Nem mais ouvir te agrada
« A voz de um outro amor?

MAR. Porque, no triste pranto,
E n'arvore abraçada,
Cruel não é mais tanto
A minha acerba dôr,
« E aqui memoria amada
« Ha do meu doce amor.

CAM. FA. A dôr te illude, e o tino
Te vae tirando já.

MAR. Incluso o meu destino
Nesta mangueira está.

CAM. FA. Como?!

MAR Escutai-me: e logo,
Se não a da equidade,
Em vós da piedade
A voz bem fallará.

(Todos se ajuntam ao redor della a ouvil-a com a maxima
atenção)

(STORIA DELLA MANGHIERA DELL' AMORE)

(RACCONTO)

MAR. Trent' anni or son, che piantammo,
Io con Fernando, che ancora
Un fanciulletto era allora,
Di manga un seme colà,
« La di cui polpa trovammo
« Dolce e di somma bontà.
« Con quella semplicitade
« Ben propria di quella etade,
Dicemmo, per fato estremo,
La terra sopra al gettar :
La frutta ne mangeremo
All' uno l'altra sposar !
« Quel detto, d'infanzia gioco,
« Serio assai fù di li a poco;
« Perchè, cogli anni, nel petto
« Crebbe amicizia maggior;
« E l'infantil nostro affetto
« Fiamma divenne d'amor !
Nacque da quella semente,
Crebbe la pianta frondente ;
Ma poi, quantunque sì bella,
Giammai diè frutto nè fior !
« Sterile sempre fù quella
« Al pari del nostro ardor !

(I Campagnuoli e le Ancelle guardano l'albero, e vista in un ramo di questo una manga già quasi affatto matura, si volgono a Marilia dicendo:)

CORO. Ah! t'inganni, o Marilia : non hai vista
La bella manga, che là sta sul ramo?

MAR. Dove? dov' è tal frutta ?

(guardando con sorpresa ed ansietà sull'albero.)

(HISTORIA DA MANGUEIRA DO AMOR)

(RACONTO)

MAR. Trint'annos ha que plantamos,
Eu com Fernando, que moço
Inda não era, um caroço
De manga nesse lugar,
« Porque mui doce lhe achamos
« A polpa e grata ao provar.
« Com essa simplicidade
« Bem propria d'aquella idade,
Por fado extremo, dissemos,
A terra acima ao deitar:
A fruta lhe comeremos
Quando um co' a outra casar.
« Esse da infancia brinquedo
« Serio tornou-se mui cedo;
» Porque foi nossa amisade,
« C' os annos sendo maior:
« O affecto da tenra idade,
« Chamma tornou-se de amor.

Essa semente nasceo;
Viçosa a planta cresceo;
Mas, a pesar de mui bella,
Nunca deu fructo nem flor!
« Esteril sempre foi ella,
« Tal como o foi nosse ardor!

(Os Camponezes e os Famulos olham para a arvore, e vista n'um ramo desta uma manga já quasi de todo madura, voltam-se para Marilia dizendo)

CORO Enganas-te, Marilia; tu não viste
A bella manga, que lá stá n'um ramo?

MAR. Onde? aonde está ella?

(Olhando com sorpresa para cima na arvore)

CORO. « Dal lato d'Occidente.

MAR. « Trista parte del mondo ove il sol muore!

CORO. « Ora un languido raggio

« Del sol, che già tramonta, ancor l'indora.

MAR. « Altro presagio ancor più tristo ancora!

CORO. « Guarda ben: là sta dessa,

Già colorita, e messa

Del ramo tra le foglie

Alta così, che niuna man la coglie.

MAR. Una frutta!.. una sol!.. è niuna mano

La potrebbe arrivar!.. Solo dal vento

Distaccata sarà; o assai matura

Sul suol cadrà dall'urto fier spezzata!

Tal è pure la sorte a me serbata!

CORO. « Perchè con somiglianze,

« E con presagi tali ora t' affliggi?

MAR. « Perch' io soltanto intendo

« Il linguaggio tremendo

« Di quest' arbor fatale; e la man sento

« Del Fato, che mi stringe, e mi strascina

« A luttuoso fine.

CORO. « Ah! tu deliri.

MAR. « Ah! perchè vieni adesso, (alla frutta che è

« O bella frutta e desiata tanto, sull' albero).

« Se adesso il mio Fernando

« Di te mangiar non può? se i labri nostri

« Addolcir più non puoi nel dì giojoso

« In che un dell' altra esser dovea lo sposo?!

(APOSTRAFE ALLA FRUTTA)

(CANTILENA).

MAR. Deh matura, o bella frutta,

Solitaria su quel ramo,

CORO « Do lado do Occidente.

MAR. « Triste parte do mundo onde o sol morre!

CORO « Ora um languido raio

« Do sol, que vai-se pondo, a está dourando.

MAR. « Inda mais triste agouro isso vai dando.

CORO Olha bem: lá 'stá ella

Já corada, do ramo

Entre as folhas mettida,

Tão alta, que não pode ser colhida.

MAR. Uma frutal.. uma só!.. e ninguem chega

A podel-a apanhar?!... Só pelo vento

Despegada será, ou, de madura,

Cahirá sobre o chão despedaçada!

Eis a sorte, que a mim é reservada.

CORO « Porque com semelhanças,

« E com presagios taes assim te affliges?

MAR. « Porque só eu entendo

« A linguagem tremenda

« D'est' arvore fadada, e do Destino

« Sinto a mão, que me aperta, e que me

« A um fim mui lutuoso. (arrasta

CORO

« Ah! tu deliras.

MAR. Ah! porque vens agora (á fruta que está na ar-

O' bella fructa e desejada tanto, vore)

Se já o meu Fernando

De ti comer não pode, e tu não podes

Nossa boca adoçar no bello dia

Em que esposo um á outra ser devia?!

(APOSTROFE Á FRUCTA)

(CANTILENA.)

MAR. Madurece, ó bella fructa,

Solitaria nesse ramo,

Come io pur, che il fato inlutta,
E che invan sospiro ed amo.

La tua polpa or sol desio
Al mio labro avvicinar,
Onde quel, ch'or non vegg'io,
La nel cielo ire a sposar.

CORO. Ah! tristissimo desio,
Che fa l'anima gelar!

(Marilia si ritira verso il fondo, entrando nel pomario, assorta in un grande pensiero, e passeggiando tra gli alberi. I Campagnuoli e le Ancelle rimangono tristi e pensosi, versando lagrime di profondo cordoglio.)

SCENA IV.

CARLO in abito nero, i CAMPAGNUOLI e le ANCELLE
e poi MARILIA.

CAR. Già so di che piangete
Così voi tutti; che a me pur è giunto
Dell' infausta notizia il tristo grido:
E dell' estinto amico
Ne vengo alla germana, or mesta e sola,
Senz' appoggio nel mondo,
Ad offrir quanto in me cape prestarle,
Con tutto l'aver mio,
Per suo miglior sostegno:
E con essa e con voi a pianger vegno.

(Marilia, avendo udita la voce di Carlo, ritrocede, e poni ad ascoltare, dietro la manghiera, quanto egli dice. Carlo credendo essere udito soltanto dai Campagnuoli e dalle Ancelle; agendo secondo il suo carattere leggiero e vanitoso, non occulta a questi il vero e principal motivo della sua venuta; e manifesta chiaramente il suo maggior intento, e le sue speranze.)

Como eu, que a sorte enluta,
E que em vão suspiro e amo.

Tua polpa só desejo
Ao meu labio aproximar
Para aquelle, a quem não vejo,
Lá no céo ir desposar.

CORO. Ah! tristissimo desejo,
Que me faz arripiar.

(Marilia, retira-se para o fundo entrando no pomar, absorta em um grande pensamento; e passeando entre as arvores. Os Camponezes e as Famulas, ficam tristes, e pensativos derramando lagrimas de profunda magoa.)

SCENA IV.

CARLOS, em traje preto; os **CAMPONEZES**, e as **FAMULAS**, e depois **MARILIA**.

CAR. Já sei porque vós todos
Estais chorando; pois tambem chegou-me
Da funesta noticia o triste brado:
E do amigo finado
Venho ter com a irmã triste e sosinha,
Sem apoio no mundo,
E of'frecer quanto em mim caiba prestar-lhe
Para melhor arrimo,
Com tudo quanto eu tenho;
E com ella, e comvosco chorar venho,

(Marilia, tendo ouvido a voz de Carlos retrocede, e põe-se a escutar por detraz da mangueira, o que elle está dizendo. Carlos, julgando ser só ouvido pelos Camponezes, e pelas Famulas; procedendo segundo o seu character leviano e vaidoso; não occulta a estes o verdadeiro e principal motivo da sua vinda; e manifesta claramente o seu maior intento, e as suas esperanças, dizendo:)

(DUETTO)

CAR. Se il cor, che piange adesso
Solingo, abbandonato,
A me gemendo allato,
Nel fiero suo martir,
Per me, dall'alma espresso,
Mandasse un sol sospir ;
Di me più venturato
Chi mai potriasi dir ?

(Marilia, udite le parole di Carlo, sorte repentinamente, e sdegnata di dietro l'albero. Ella fa un segnale ai Campagnuoli ed alle Ancelle, al quale essi si ritirano, questa alla casa e quelli fuori della scena; ed avvicinandosi a Carlo, risponde in tuon dignitoso e severo ai di lui detti.)

MAR. Ah ! tu ben non comprendi
Quella alla quale aspiri :
Invan d'amor deliri,
Se attendi il suo sospir :
Carlo, il sospir, che attendi,
Non può da me partir ;
Invan tu lo pretendi :
Pria mi vedrai morir.

CAR. Ma lui che amavi è spento,
Spento è il german. Che spera ?
Che vuol quell' alma fiera
Nel vano suo dolor ?
Negar ai vivi e ai spenti
Solo accordar l'amor ?

MAR. Vo' quel, che tu non vuoi:
Nell' amor mio giurato,
Qual deggio, prima e poi
Serbar la la fè al mio ben,
Fin del ferétro allato,
Anche alla tomba in sen.

(DUETO)

CAR. Se o coração, que chora
Sosinho, e abandonado,
De mim gemendo ao lado,
Em seu cruel pezar,
Terno suspiro agora
Só para mim mandar?!
Quem mais afortunado
Podéra se chamar?

(Marília, ouvindo as palavras de Carlos, sahe repentinamente e enfadada de detraz da arvore. Ella faz um signal aos Camponezes, e ás Famulas, ao qual elles se retiram; estas para a casa. e aquelles para fóra da scena; e aproximando-se a Carlos, responde em tom grave e severo aos ditos delle.)

MAR. Ah! tu, mal comprehendes
Aquella á qual aspiras:
Embalde pois deliras
De meu suspiro obter:
Isso, que obter entendes,
Não póde em mim nascer:
Antes do que pretendes,
Tu me verás morrer.

CAR. Mas teu amante é morto;
E' morto o irmão: que espera,
Que quer ess' alma fera
Na sua inutil dôr?
Negar ao vivo, e ao morto
Só conceder o amor?

MAR. Quero o que tu não queres;
No meu amor jurado,
Fiel aos meus deveres
Ser sempre, e ao caro bem;
Até da éssa ao lado,
Da campa mesmo além.

CAR. Almen da te concesso
Mi sia, che, a te vicino,
Del tuo, del mio destino
Qui pianga il fier rigor.
Tu solitaria adesso
Fra la mestizia e il pianto,
Non hai chi, a te d'accanto,
Consoli il tuo dolor.

MAR. A me dal ciel concesso
Non fù l' aver vicino
Chi, per mio fier destino,
Mi tolse il suo rigor.
Qui solitaria adesso
Viver vogl' io nel pianto;
Altri non bramo accanto,
Che il tristo mio dolor.

CAR. Ma senz' appoggio alcuno? . . .

MAR. Assisterammi Iddio.

CAR. Ei t' abbandona.

MAR. Orrenda
Bestemmia ascolto or io
Vanne: mi lascia.

CAR. Intenda
L' anima tua ragion.

MAR. Discostati, importuno,
D' altri già sposa io son.

CAR. Oh! sposa!

MAR. Sì, la mano
Del caro mio Fernando
In la mia man serrando,
Promist e gli giurai
D' altri non esser mai,
Nè qui, nè in altra terra:
E il ciel fù testimon.

- CAR. Ao menos me concede
Que aqui, ao lado teu,
Do teu destino e meu
Chore o cruel rigor:
Tu, solitaria agora,
No pranto, em triste estado,
Não tens quem ao teu lado
Console a tua dôr.
- MAR. O céo me não concede
Ao lado aqui ter eu
Quem, por destino meu,
Roubou-me o seu rigor.
Cá, solitaria agora,
Quero viver chorando,
E só me acompanhando
A triste minha dôr.
- CAR. Mas sem algum arrimo...
- MAR. Hade assistir-me o céo.
- CAR. Já te abandona.
- MAR. Horrenda
Blasphemia te ouço eu!
Deixa-me; vai-te.
- CAR. Entenda
Teu animo a razão.
- MAR. Afasta-te, importuno;
De esposa dei a mão.
- CAR. D'esposa!
- MAR. Sim, um dia,
Do caro meu Fernando
A mão nesta apertando,
Jurando eu promettia:
Que d'outrem não seria
Aqui, e em qualquer terra:
E o céo me ouviu então.

CAR. Tu col Destin vuoi guerra
Per vana passion!
MAR. Si, col Destin la voglio
Col mondo, e coll' Inferno;
L' amor pel mio Fernando
Sarà costante, eterno:
Nessun dentro quest' alma
Giammai per se lo avrà:
Il vano ardor tu calma,
Che nulla aver potrà.

CAR. Ah! no, Marilia...

MAR. Dissi:
Il detto è irrevocabie.

CAR. Ed il mio amor?

MAR. È insulto,
È colpa abbominabile.

CAR. Ah! cedi. (supplicando)

MAR. Vanne, fuggi (con aria e tuono imperiosi)

CAR. Marilia!

MAR. Fuggi, va. (idem più forte)

CAR. Ascolta. (supplicando)

MAR. Ve', Fernando

N'ascolta: ei li si sta.

(Marilia indica col dito un luogo presso al tronco della manghiera, come se ella veda l'ombra di Fernando ivi apparsa. Ella rimane alquanto sospesa e come astratta nell'estasi di una visione: quindi rompe il silenzio con veemenza minacciosa. Il giorno è giunto del tutto al suo fine.)

MAR. Va, ti scosta, che già vedo
L'ombra sua sdegnata e truce
Di funerea azzurra luce
Mille lampi a te vibrar.
Fuggi, vanne; no non cedo,
Ne giammai io cederò:

CAR. Com o Destino em guerra
Té pões por vã paixão.

MAR. Sim, c'o Destino a quero,
C'o Mundo e com o Inferno;
Sim, hade por Fernando
Ser meu amor eterno.
Ninguem dentro dest'alma
Jámais obtel-o ha:
Teu vão ardor acalma,
Que nada alcançará.

CAR. Ah! não, Marilia.

MAR. Disse:
Meu dito é irrevogavel:

CAR. E meu amor?...

MAR. E' insulto,
E' crime abominavel.

CAR. Ah! cede.

MAR. Vai-te, foge: (com ar e tom imperiosos)

CAR. Marilia!

MAR. Vai-te, já. (idem mais forte)

CAR. Escuta... (supplicando)

MAR. Olha; Fernando
Nos ouve; elle ahi 'stá.

(Marilia indica com o dedo um lugar junto a mangueira, como que ella veja a sombra de Fernando, alli apparecida. Ella fica alguns instantes parada, e como abstracta no extase de uma visão. Logo depois rompe o silencio com vehemencia ameaçadora. O dia está chegado inteiramente ao seu fim.)

MAR. Vai-te: afasta-te, que vejo
Sua sombra fera e irada
De luz funebre azulada
Mil coriscos te vibrar.

Vai-te, foge, não, não cedo,
Nem jámais eu cederei:

Mio Fernando, io tosto, il credo,
Sposa tua in ciel sarò.

(volgendosi al luogo ove suppone veder l'ombra.)

CAR. (fra sè) (Vado, fuggo, e se non vedo
Or quell'ombra irata e truce,
Già funerea azzurra luce
A me intorno lampeggiò !)
(Vado, fuggo, ma non cedo
Ne giammai io cederò :
Sposo suo, il giuro, il credo
'Tosto o tardi alfin sarò.)

(Marilia parte, ritirandosi alla casa, e Carlo parte furioso pel lato opposto. Durante il canto delle strofe antecedenti, l'orizzonte cominciò ad annuvolarsi, e si son visti balenar tra le nubi alcuni lampi lontani, annunciando la tempesta, che or poi è incominciata.)

SCENA V.

La notte e la tempesta vanno crescendo. I rami degli alberi, e principalmente quelli della manghiera, son fortemente agitati dal vento, seguendo poscia varj lampi e tuoni più davvicino. Dopo esser giunta la tempesta al massimo grado, ed all' approssimarsi dello spuntar della luna, che è ancora nel suo plenilunio, tutto principia a calmarsi; e prima della comparsa di questa, che rimane ancora coperta dalle cime de' monti dell' isola, già tutto è tranquillo, rimanendo il cielo coperto ancora da oscure nubi.

In questo mentre, comparisce FERNANDO in abito di Gesuita. Egli viene avanzando guardingo, ed involto nel suo mantello religioso, e col cappello dell' ordine suo.

(CANZONETTA BRASILIANA)

FER. Tetra notte ! Tutto dorme
Già nel mondo omai quietato ;
Io soltanto, ancor svegliato,
Qui mi traggo a sospirar !

Meu Fernando, esposa cedo
Lá no céu a ti serei.

(voltando-se para o lugar onde supõe ver a sombra.)

C. (comsigo) Vou-me, fujo; e se não vejo
Essa sombra fera e irada;
De luz funebre azulada
Rodeado todo estou.
Vou-me, fujo; mas não cedo;
Nem jámais eu cederei:
Seu esposo tarde ou cedo
Eu protesto que serei.

(Marilia, recolhe-se para a sua casa, e Carlos, vai-se furioso pelo lado opposto. Durante o canto das estrophes antecedentes, o horizonte começou a annuevar se, e virão-se relampagos entre as nuvens, e longinquos trovões, annunciando a tempestade, que agora está começada.)

SCENA V.

A noite e a tempestade vão crescendo. Os ramos das arvores, e principalmente os da mangueira, são fortemente agitados pelo vento, seguindo-se depois varios relampagos e trovões mais proximos. Depois de a tempestade ter chegado ao seu maior auge, ao aproximar-se da sahida da lua, que está ainda no seu plenilunio, tudo principia a acalmar-se, e antes do apparecimento desta, que fica ainda encoberta pelos cumes dos montes da Ilha, já tudo está tranquillo, ficando o céu ainda coberto por algumas nuvens.)

Neste comenos apparece FERNANDO, em traje de Jesuita. Elle vem vindo cauteloso, embrulhado no seu capote religioso, e com o chapéu da sua ordem.

(MODINHA BRASILEIRA.)

FER. Tetra noite! Tudo dorme
Já no mundo socegado!
Eu sómente, inda acordado,
Cá me arrasto a suspirar!

Anni venti or già passaro
Da quel dì, che in queste arene
Stampai l'orme, e in aspre pene
Forza fù lontano andar!

(Un nuovo lampo, è seguito da una forte buffa di vento, che abatte al di lui piede la manga, che era sull'albero. Al vederla, ei rimane scosso dalla sorpresa; e contemplandola al suolo, dice:)

Oh ciel! che veggo mai?

Un frutto di quest'albero fatato?!

A miei piedi?! e dal vento al suol gettato?!

« Quel frutto, che giurammo

« Assaporar nel giorno in che, legati

« Per santo nodo innanzi ai sacri altari,

« Dovevamo contenti

« Vedere il nostro amor già coronato

« Dalle rose d'Imen! Quel caro frutto,

« Che mai non avea dato

« Questo sterile tronco, allor che afflitto

« Questa spiaggia lasciai! Ah! tu soltanto

« Me pria longi volevi,

« Albero all'amor mio contrario tanto!

« E dopo quattro lustri, or qui tornando

« Ora solo, m'è dato

« Una raccorre al fin delle tue frutta!

« E maltrattata già dalla percossa

« Ricevuta al cader?! » Ma, così stesso, (coglie la
Serbar la voglio; ed, a stamparvi un bacio, manga)

Avvicinarla solo ai labri miei;

Giacchè imprimer nol posso in chi vorrei.

(Al dare il bacio sulla frutta, succede un altro lampo, ed un muggito di tuono lontano. Egli rivolgendo il guardo alla casa di Marilia, e mandando un profondo sospiro, esclama ripigliando la sua canzone.)

FER. Ah! Marilia, or chi sa mai
Se tu vivi, e come rosa

Annos vinte já passaram
Desde quando em taes lugares
Eu pizava, e com pezares,
Foi forçoso me ausentar!

(Succede um novo relampago, seguido de uma forte rajada de vento, que abate a seus pés a manga, que estava na arvore. Ao vê-la, elle fica abalado pela sorpresa; e contemplando-a no chão diz:)

FER. Oh céos! o que 'stou vendo?!

Uma fructa dest'arvore fadada!

Aos meus pés! pelo vento derribada!

« A fructa que juramos

« Saborear no dia em que, ligados

« Por santo laço á face dos altares,

« Deviamos contentes

« Ver os nossos amores coroados

« Pelas rosas nupciaes! Essa querida

« Fructa, que jamais dera

« O esteril tronco então, quando eu afflicto

« Estas praias deixei! Ah! minha ausencia

« Esperavas somente,

« Arvore, ao meu amor contraria tanto!

« E após de lustros quatro eu cá tornando,

« Ora só, é-me dado

« Uma apanhar emfim das tuas frutas!

« E maltratada já pela pancada,

« Que, na queda, levou?! Mas, assim mesmo, (apagar a quero, e tão sómente aos labios nha a Aproximal-a, para dar-lhe um beijo, manga) Já que o não posso dar em quem desejo.

(Ao dar o beijo na fruta, succede outro relampago, e um roncar de trovão ao longe. Elle volvendo o olhar para a casa de Marília, e mandando um suspiro profundo, exclama, voltando de novo á sua modinha)

FER. Ah! Marília, ora Deos sabe
Se tu vives, e qual rosa

Ancor bella, ancor vezzosa
Sei qual fosti al mio partir?!
Tu già forse al tuo Fernando
Più non pensi nella terra!
Io per te terribil guerra
Nel mio seno ebbi a soffrir!

(Odesi in questo istante dal di dentro della casa, la voce di Marilia, cantando al suono della viola brasiliana la canzonetta udita da lui in sogno nell'atto antecedente, ma colla seconda strofa cangiata ed esprimendo un altro senso.)

M. (di dentr.) Al diletto mio Fernando
Io giurai eterno amor;
E, per esso, sospirando,
Sempre langue questo cor.
Ma dal mondo il ben, che amai,
Già parti: nel ciel ei sta!
Invan piango; a me giammai
Ei più qui non tornerà.

(Fernando all'udire la voce di Marilia, tutto commosso e pieno di stupore e di giubbilo, ha intercalato al canto di essa le parole de' sei primi versi seguenti detti colla più veemente passione.)

FER. La voce di Marilia!
Ah! dessa vive ancora!.. ancora m'ama!..
Ma estinto ella mi crede!.. Ancor ripete
Le dolci note della canzonetta,
Che udir io le soleva! Già non posso
Più tenermi... A lei corro,
« Almen io vo' vederla,
« Pria di morir, una sol volta ancora:
« Almen vo' ch'ella sappia,
« Che infedel non le fui; che ad altra mai
« M' avvinsi, ne altra amai, che ancora l'amo,
« E ministro del ciel or solamente

Inda és linda, inda mimosa
Como quando te deixei?

Tu talvez no teu Fernando
Já não pensas nesta terra!
Eu por ti terrível guerra
No meu peito supportei.

(Ouve-se neste instante, de dentro da casa, a voz de Marilia cantando ao som da viola brasileira a modinha ouvida por elle no acto antecedente, mas com a segunda parte mudada, quanto ao sentido das palavras.)

MA. (de dent.) Ao querido meu Fernando
Eu jurei eterno amor,
E por elle suspirando
Gemo e peno em triste dôr.

Mas do mundo o bem amado
Já partio: nos céos está:
Em vão choro; elle a meu lado
Nunca mais cá tornará.

(Fernando ao ouvir a voz de Marilia, todo comovido e cheio de pasmo e de jubilo, tem intercalado no canto della as palavras dos primeiros seis versos seguintes, ditas com a mais vehemente paixão)

FER. A falla de Marilia!

Ah! ella ainda vive!.. inda me ama!..
Porém morto me julga!.. Inda repete
Os maviosos sons dessa modinha,
Que ouvir-lhe eu costumava. Já não posso
Deter-me. . . A ella corro.
« Ao menos quero vel-a,
« Antes que eu morra, uma só vez ainda;
« Quero que ao menos saiba
« Que infiel lhe não fui: que nunca a outra
« Me liguei, nem amei: que ainda a amo,
« E, ministro de Deos, ora somente

« Io son dessa e di Dio perpetuamente.
Ecco la porticella (avvicinand. alla piccola porta
A cui batter solea del muro del cortile.)
In quel bel tempo in che dolci parole
Scambiavamo tra noi nell' ore chete;
Rammento le tre busse consuete.
(S' accosta alla porta e dà tre busse colla mano.)

SCENA VI.

MARILIA e FERNANDO.

MA. Oh ciel! tre busse! (di dentro)

(Essa apre subitamente la porta; e fàtasi sul limitare di questa, al vedersi repentinamente innanzi Fernando in abito di Gesuita, sopraffatta dalla meraviglia e dal terrore, esclama)

MAR. Ah! desso!

(E fatto appena un passo fuori la porta, cade morta al suolo. Fernando tutto commosso a tal vista, e all' idea che gli occorre d'uno svenimento della sua cara, corre affannoso a soccorrerla ed a rialzarla.)

FER. Marilia! Oh ciel! svenuta!

Mia Marilia, fa cuor: Ah! si, Marilia!

Il tuo Fernando è qui. Ancor t'adora;

Giammai cesso' d' amarti...

Marilia! ella sta immobil! non respira!

Il'cor più non le batte!

Morta! Mio Dio! e mi lasciate in vita?

(Lascia l'estinta e corre disperatamente per la scena.)

SCENA VII ED ULTIMA.

CORO di DOMESTICI, ANCELLE, SCHIAVI e SCHIAVE
con lumi, e detto.

C. Quali grida! che avvenne?!
Che vedo? Oh ciel!.. Caduta al suolo!..

« Eu sou della, e de Deos perpetuamente.
Eis a pequena porta
A' qual bater eu vinha,
No bello tempo em que doces palavras
Trocavamos nas horas socegadas;
Lembro-me as tres pancadas costumadas.
(Aproxima-se á porta e dá tres pancadas com a mão.)

SCENA VI.

MARILIA e FERNANDO.

MA. Céos! tres pancadas! (de dentro)

(Ella abre de subito a porta; e apparecendo no liminar desta, ao ver repentinamente diante de si Fernando em habito de Jesuita, succumbida de pasmo e terror, exclama:)

MAR. Elle !

(E dado a penas um passo para fóra da porta, cahe morta no chão. Fernando, todo commovido a esta vista, e á idéa, que lhe occorre de um desfallecimento da sua querida, corre afanoso para soccorrel-a e para levantál-a.)

FER. Marilia! Oh céos! cahida!

Minha Marilia, anima-te. Ah! Marilia

Teu Fernando aqui 'stá. Inda te adora:

Nunca cessou de amar-te...

Marilia! ella 'sta immovel!... não respira!

Seu coração não pulsa!

Morta! meu Deos! e me deixais em vida?!

(deixa a finada, e corre desesperado pela scena.)

SCENA VII E ULTIMA.

CORO de FAMULOS, e FAMULAS, ESCRAVOS, e ESCRAVAS, e o dito.

(FINAL DO DRAMA)

COR. Que gritos! Que occorreo?!

Que vejo? Oh céos! no chão cahida!

FER.

Morta.

(Fernando pronunzia questa parola con un accento di disperazione, battendo colle mani aperte sul proprio viso; e conservandole in questa postura in atto di sommo raccapriccio e dolore.)

C. Morta! Oh stelle! ma come
Avenne il fatal caso?

(Le Ancelle e le Schiave corrono ad accertarsi della realtà della morte di Marilia.)

FER. Io la cagion ne fui! (conservando le mani sul volto)

CORO Tu!!!

FER. Si, son io,
Io stesso (rimovendo le mani dal volto)

CORO Oh ciel! Fernando! (riconoscendolo)

FER. Si, Fernando.

CORO Ancor vivo!

FER. Per mia grande sventura! « Il ciel salvommi
« In fra i prodi caduti appiè del muro
« Del Batavo ridotto,
« Ond' io dopo tant' anni
« Di triste afflitta vita
« A toglierla venissi a lei che amavo
« Più di me stesso, e che al vedermi, ha poco,
« Al suolo estinta cadde,
« Qual dall' albero cade,
« Al soffio violento
« Di repentino vento,
« Distaccata la manga, e qual cadeva
« Pur dianzi alcuni istanti,
« (Tristo presagio!) questa, che vedete:
« Da quell' arbor, del quale un dì piantammo
« Entrambi la semente.

(Cava la frutta dal seno e la mostra).

FER.

Morta.

(Fernando, pronuncia esta palavra com um accento de desesperação, batendo com as mãos abertas sobre seu proprio semblante; e conservando-as nesta postura, em attitude de maximo horror e dôr.)

COR. Morta! Oh céos! Porém como
Occorre o sinistro?

(As Famulas e as Escravas correm certificar-se da realidade da morte de Marilia.)

FER. Eu fui causador disto! (conservando as mãos no
rosto.)

CORO. Tu!!!

FER. Sim, eu;

Eu mesmo. (removendo as mãos do rosto.)

CORO. Oh céos! Fernando (reconhecendo-o)

FER. Sim, Fernando.

CORO. Inda vivo!

FER. Por minha alta desgraça! « O céo salvou-me

« Entre os bravos cahidos junto o muro

« Do Bátavo reducto,

« Para, após tantos annos

« De triste e afflicta vida,

« Aqui vir eu tiral-a á qu'eu amava

« Mais que a mim mesmo, e que, ao me ver ha

« Morta no chão cahio, (pouco,

« Qual da arvore cahe

« Ao sopro violento

« De repentino vento

« A manga despegada, e qual cahia,

« Alguns momentos antes,

« (Triste presagio!) esta que aqui vós vedes,

« Dess' arvore da qual ambos um dia

« Plantamos a semente.

(Saca a fructa do seio e a mostra.)

C. « Oh ciel! fu la primiera
« E l' unica prodotta in si, longh' anni,
« Da questo antico tronco!

FER. « Eran fatati
« E l' albero ed il frutto. Questo cadde,
« E Marilia del par. Riman che cada
« Il tronco ed io, che seguirolla or, ora.
« A questo giungerà pur la sua ora.

Io che voi credeste morto.
Ah! vivea, per mala sorte;
Venni qui, causai la morte
Al mio semplice apparir.
Senza, speme nè conforto,
Non mi resta che il morir.

(Corre disperato per gettarsi sul cadavere di Marilia, che le Ancelle e le Schiave, ajutate dai Domestici, e Schiavi, hanno già rimosso dal luogo in cui era caduto, avendolo già collocato sopra il sedile, che è solto la manghiera.)

C. Ferma, che fai? (trattenéndolo)

FER. Ah! mi lasciate; io voglio
Morir con essa.

CORO A te, di Dio Ministro,
Un altro atto pietoso,
E più degno eroismo è ingiunto adesso.
Piega al voler del ciel, vinci te stesso.

FER. Io! (confuso)

CORO Si. Guarda chi sei. La terra chiama
Questi avanzi mortali.

FER. Oh cielo! intendo!

Alto dover! ma pur per me tremendo!

(Egli getta lo sguardo sull' estinta; quindi lo innalza al cielo; ed abassandolo poi con santa rassegnazione, come chi obbedisca, e si conformi ai voleri dell' Eterno, dice con animo risoluto, ma tristo e compunto.)

COR. « Oh céos! foi a primeira
« E a unica que deu em tantos annos
« Este já velho tronco.

FER. « Erão fadados
« A arvore, e a fructa. Esta cahio,
« E Marilia tambem. Resta que cahiam
« O tronco e eu, que a seguirei agora:
« A esta chegará a sua hora! (indicando a mangueira.)

Eu, que vós julgastes morto,
Ai! vivia por má sorte!
Vim aqui, causei a morte!
Só c'o meu apparecer.
Sem esp'rança nem conforto,
Não me resta que o morrer.

(Corre desesperado para lançar-se sobre o cadaver de Marilia, que as Famulas e Escravas já removeram do lugar em que cahira, tendo-o já collocado sobre o assento, que fica debaixo da mangueira.)

COR. Pára: que fazes?! (detendo-o)

FER. Ah! deixai-me: eu quero
Morrer com ella.

CORO. A ti, de Deos Ministro,
Outro acto piedoso,
E mais digno heroismo ora pertence:
Respeita o que o céo quiz, e a ti te vence.

FER. Eu! (confundido)

CORO. Sim. Olha quem és: a terra chama
Estes restos mortaes...

EER. Oh céos! entendo:
Alto dever! mas para mim tremendo!

(Elle lança o olhar sobre a finada, depois o levanta para o céo, e abaixando-o depois com santa resignação, como quem obedeça e se conforme ás vontades do Eterno, diz com animo resolutivo, mas triste e compungido:)

Io compierò pietoso,
Disciolto in duolo e in pianto,
Il ministero santo,
Che al suol dee ridonar
Coei, che amai cotanto,
Cui morte venni a dar:
Or l' eternal riposo
Sol posso a lei pregar.

CORO Si, l' eternal riposo
Per lei vieni a pregar.

FER. « Spargendo santa linfa
« Involto, sotto questi
« Rami, in mie sacre vesti,
« Frenando il mio dolor,
« Dirò con trista calma:
« Hai colto il tuo bel fior:
« Ricevi in ciel quell' alma,
« Che vola a te, Signor.

CORO « In ciel per se quell' alma
« Ah! si, volle il Signor.

« (Terminando queste parole, gli sgorga nuovamente dagli
« occhi il pianto, e gli sfuggono gemiti, singhiozzi e sospi-
« ri; ed inginocchiatosi al fianco dell'estinta, stende sovr'
« essa le braccia, e poi le innalza al cielo colle mani giun-
« te, tornando a ripeter le ultime parole. Il cielo comin-
« cia a farsi un po' chiaro dalla parte dell' Oriente, ed il
« chiarore, che va aumentando, annunzia l'imminente sor-
« tita della lana. Le nubi si vanno diradando in una parte
« del cielo, e dietro a queste si vede spuntar e il bell' as-
« tro, che ne rimne ancora come velato).

C. DI DONNE « Il pianto deh rattieni:
« Già sembra innanzi a noi
« Pietoso ai preghi tuoi
« Più farsi il ciel seren,

Eu cumprirei piedoso,
Desfeito em dôr e pranto,
O ministerio santo,
Que a terra deve dar
Aquella, que amei tanto,
E a quem eu vim matar.
Ora eternal repouso
Só posso lhe impetrar.

CORO. Sim, o eternal repouso
Vem ora lhe impetrar.

FER. « Deitando sacra lymphá,
« Envolto aqui, sob estes
« Ramos, em sacras vestes,
« Mal reprimindo a dôr,
« Direi, com triste calma :
« Colheste a tua flôr :
« No céo recebe a alma
« Que vóa a ti, Senhor.

CORO. « No céo, p'ra si ess'alma,
« Ah ! sim, quiz o Senhor !

« (Acabando estas palavras, corre-lhe novamente dos olhos
« o pranto, e lhe arrebetam gemidos, soluços e suspiros:
« e ajoelhando ao lado da finada, estende sobre ella os
« braços e depois os levanta para o céo com as mãos
« juntas, tornando a repetir as ultimas palavras. O céo
« principia a fazer-se um tanto claro da parte do Oriente,
« e a claridade, que vae augmentando annuncia a immi-
« nente sahida da lua. As nuvens vão rareando em uma
« parte do céo, e atraz destas vê-se despontar o bello
« astro, que ainda fica coberto por ellas, como por um
« véo.)

C. DE MUL. « O pranto enxuga e acalma,
« Que o céo já nos parece,
« Piedoso, á tua prece,
« Sereno se tornar,

« E dir: bell'alma, vieni,
« Vien dell' Eterno al sen.

« (Durante il canto delle Donne, il cielo si fa più chiaro, ed
« al finir di quello, la luna rimane del tutto scoperta; e
« senza il leggiere velo nubiloso, mostra in tutto lo splen-
« dore l' argenteo suo volto, in mezzo ad un circolo di
« leggiere nubi, che ne rimangono inargentate, sembran-
« do che il bell'astro, come affacciato ad un balcone, con-
« templi dal cielo la triste scena attuale. Un raggio di
« luna cade visibilmente sul volto dell' estinta, e più ne
« imbianca e rende angeliche le pallide sembianze.)

C. D'UOMINI « Innalza al cielo il ciglio:
« Vedi; già in tal momento,
« Dal volto suo d'argento
« Sgombra la luna il vel:
« Par che il mietuto giglio
« Voglia veder dal ciel.

« (Fernando volgendosi alla luna, con tutta l' espressione
« propria della sua situazione, esclama)

FER. « Luna, che dal tuo volto
« Or hai rimosso il velo,
« Guarda, sì, tu, dal cielo
« Quanto infelice fù
« Quel ben, che il ciel m' ha tolto,
« Ch' io non vedro' mai più.

C. GENER. « Ah! ti consola e tergi,
« Tergi dagli occhi il pianto:
« Lascia de' Santi al Santo
« Nel cielo a te serbar
« L' amata tua, fintanto
« Che là non giungi al par,

FER. « Mai da quest' occhi il pianto
« Non tergerò, fin tanto
« Che in cielo, a lei d'accanto,
« Alfin non mi vedrò;

« Dizendo: Ah! vêm, bell'alma,
« Com Deos vêm te ajuntar.

« (Durante o canto das mulheres o céu se torna mais claro;
« e ao acabar d'aquelle, a lua fica de todo descoberta; e
« sem o ligeiro véo nubiloso, mostra em todo o esplendor
« o argenteo seu rosto, no meio de um circulo de
« ligeiras nuvens, que ficam por isso prateadas; pare-
« cendo que o lindo astro, como que apparecido a uma
« janella, esteja contemplando do céu a triste scena
« actual. Um raio de luar cahe visivelmente sobre o rosto
« da finada, e mais lhe esbranquece, e torna angelicas as
« pallidas feições.)

C. DE HOM. « Ao céu levanta os olhos:
« Vê: já, neste momento,
« Do rosto seu d'argento
« A lua o véo tirar;
« Quasi o ceifado Jirio
« Do céu queira observar.

« (Fernando voltando-se para a lua, com toda a expressão
« propria da sua situação, exclama:

FER. « Lua, que do teu rosto
« Já removeste o véo,
« Olha lá, tu, do céu,
« Quão triste entre os mortaes
« Foi a que o céu roubou-me,
« E a quem não vereis mais.

C. GERAL. « Ah! te consola, e enxuga
« Dos olhos teus o pranto;
« Dos Santos deixa ao Santo
« No céu a ti guardar
« A tua amada, em quanto
« Não te lhe vais juntar.

FER. « Ah! nunca em minha vida
« Dos olhos meus o pranto
« Euxugarei, em quanto
« Me lhe não fôr juntar!

« Cedo de Santi al Santo,
« Che lei dal ciel chiamò.

(Succede un breve silenzio durante il quale alcune delle Ancelle, che, durante il canto precedente erano corse al prossimo giardino, e sono tornate recando fiori ivi raccolti, cingono alla fronte dell' estinta una corona di gelsomini; allo stesso tempo che un'altra Ancella, che era partita per la casa di Marilia, ne ritornò recando il velo nuziale donato a questa da Amalia nell' atto primò; ed ajutata dalle altre, lo stende sul cadavere, che ne rimane coperto, gettando le altre su questo i fiori che avevano recati.)

CORO GEN. « Lei gelsomin chiamaro
« In lieto e bel mattin:
« Or questo fior portaro
« Per essa dal giardin;

C. DI DONNE Amalia in lieto giorno
Le diè quel vel nuzial:

C. D'UOMINI Il vel delle sue nozze
Fù il vel del funeral.

FER. (Benedicendo il cadavere con un ramo di rosmarino immerso in acqua d'un vaso, che una delle ancelle ha recato.)

Deh benedici, Iddio,
Quanto di lei restò:
E requie eterna all' anima
Dona, che a te volo'.

(Una candida colomba vola in questo istante dall' albero e si perde di vista ne' vasti spazj del cielo.)

TUTTI Quale colomba al cielo
L' anima sua volo'!
Al fin, nel sen di Dio,
Quell' alma riposò!

« Dos Santos cedo ao Santo,
« Que a quiz ao céo chamar.

(Segue-se um breve silencio, durante o qual, algumas das Famulas, que, durante o canto precedente tinham corrido ao proximo jardim, e voltaram trazendo flôres alli colhidas, cingem á fronte da finada uma corôa de jasmims, ao mesmo tempo que outra Famula, que partira para a casa de Marilia, voltou trazendo o véo nupcial dado a esta por Amalia no 1.º Acto, e, ajudada pelas outras, o estende sobre o cadaver, que fica por elle coberto, lançando as outras sobre este as flôres, que trouxeram.)

CORO GER. « Em leda manhã, deram
« O nome de jasmim,
« A esta, a quem trouxeram
« Taes flôres do jardim!

C. DE MULH. Amalia, em ledo dia,
Deo-lhe esse véo nupcial!

C. DE HOM. O véo das suas nupcias
Foi véo do funeral!

FER. (Benzendo o cadaver com um ramo de alecrim mergulhado em agua de um vaso, que uma das Famulas trouxe.)

Abençoeae, ó Deos,
Della o que aqui ficou:
Repouso eterno á alma,
Que para vós vôou.

(Uma pomba branca vôa neste instante da arvore, e perde-se de vista nos vastos espaços do céo.)

TODOS. Qual uma pomba aos céos
Su' alma já vôou:
No seio em fim de Deos
Ess' alma descansou.

(Fernando, che per alcuni istanti è rimasto immobile ed estatico e collo spirito e il cuore divisi tra lo stupore e la consolazione, per la contingenza osservata, e profondamente scosso dall' impressione in lui lasciata dall' atto funereo, che finì di compiere, ritornando subitamente in se stesso da questo stato, e rivestendosi di tutta la fermezza d' animo, che gli inspira una virtù cristiana, e la santità del suo ministero; soffocando, il dolore e trattenendo le lagrime, s' avvanza verso il proscenio ed esclama;)

(RONDO' FINALE.)

FER. Ecco appieno consumato
Quanto volle il Sir Divino,
Che prefisse il mio destino
Sin, da quando io vidi il dì.
Or appien disingannato,
Morto al mondo io son così!
Ciel! pietà del sciagurato,
Che deserto or riman quì.

C. GENERA. Cielo, assisti al sciagurato,
Che deserto or riman qui.

(Fernando nel recare la mano al suo seno, sente all' applicarla su questo, il volume della frutta ivi serbata; e tutto commosso, cavatala fuori e póstala nella sua man sinistra ad essa volge il guardo con tutta l'effusione dell'anima sua.)

Tu, memorabil frutto,
Sopra quel corpo amato
Dalla mia man piantato,
Germoglierai nel suol.

Albero fatto un giorno,
Co' rami tuoi frondenti,
Con ombre più clementi,
Lo guarderai dal sol.

Alle future genti,
Con lúgubre memoria,

(Fernando, que por alguns instantes tem ficado immovel e estatico, e com o espirito e o coração divididos entre o pasmo, e a consolação pela contingencia observada, e profundamente abalado pela impressão nelle deixada pelo acto funereo, que acabou de concluir, voltando repentinamente a si deste estado, e revestindo-se de toda a fortaleza de animo, que lhe inspira uma virtude christã, e a santidade do seu ministerio; soffocando a dôr, e contendo as lagrimas, vêm se chegando para o proscenio, e exclama:)

(RONDO' FINAL.)

FER. Eis de todo consumado
Quanto quiz o Ser Divino,
Que marcára o meu destino
Desde o dia em que nasci.
Ora bem desenganado
Para o mundo já morri.
Céos, valei ao desgraçado,
Que deserto fica aqui.

CORO. Céu, assiste ao desgraçado,
Que deserto fica aqui.

(Fernando levando a mão ao seu peito, sente, ao applical-a sobre este, o volume da fructa ahi guardada; e todo commovido, sacando-a fóra, e tendo-a collocado na sua mão esquerda, a ella volve o olhar com toda a effusão da sua alma.)

FER. Tu, memoravel fructo,
Sobre esse corpo amado,
Por minha mão plantado,
Da terra nascerás.
Arvore feito um dia,
C'os ramos teus frondentes,
Com sombras mais clementes,
Do sol o abrigarás.
A's gerações vindouras,
Com lugubre memoria,

Ricorderai la storia
D'un fido infausto amor.

Al gemer di tai frondi,
A quel sepolcro accanto,
Fia che si stempri in pianto
Ogni sensibil cor.

C. GENER. Al gemer di tai frondi,
Di quel sepolcro accanto,
Fia sol che freni il pianto
Un insensibil cor.

(Durante il canto di Fernando, le Ancelle e le Schiave, ajutate dai Domestici e dagli Schiavi, hanno rimosso il sedile col cadavere di Marilia, verso il fondo della scena, ove rimane coperto agli occhi dello spettatore dalla folla delle persone che lo circondano. Al terminare il canto di Fernando si vede sortire, dal centro della moltitudine, uno stuolo di schiavi con zappe, che all'istante spariscono per i due lati della scena. La folla si apre in due ali, e si vede il sedile su cui era il cadavere, or già senza questo e nel suolo uno spazio di terra smossa di fresco, con una croce ivi piantata indicando il luogo ove Maliria è seppelita. Tutto è silenzio e profonda tristezza; ed ognuno dei presenti si asciuga la lagrime. Fernando, facendo forza a se stesso, s'incammina a gravi passi verso il tremendo luogo; ed ivi pianta, nella smossa terra, la manga da lui raccolta: alza gli occhi e le mani al cielo, e cade in ginocchio ai piedi della sepoltura colle man giunte ed in atto di chi prega. In questo istante, cala il sipario e dà fine al dramma.)

FINE DEL DRAMMA.

Recordarás a historia
De um fido infausto amor.
Das folhas ao gemido,
Desse sepulchro ao lado,
Hade chorar tocado
Quem quer sensível fôr.

CORO Das folhas ao gemido,
Só do sepulchro ao lado,
Não chorará tocado,
Quem insensível fôr.

(Durante o canto de Fernando, as Famulas e Escravas, ajudadas pelos Famulos e Escravos, removerão o assento com o cadaver de Marília para o fundo da scena, onde fica coberto aos olhos do espectador, pela multidão das pessoas, que o rodeam. Ao acabar o canto de Fernando, vê-se sair do centro desta multidão um troço de Escravos, com enxadas, que immediatamente desaparecem pelos dous lados da scena. A multidão abre-se em duas alas, e vê-se o banco já sem o cadaver, e aos pés daquelle um espaço de terra remechida de fresco, com uma cruz ahi plantada, indicando o lugar onde Marília foi sepultada. Tudo é silencio e profunda consternação: e cada um dos presentes enxuga-se as lagrimas. Fernando, fazendo força a si mesmo, encaminha-se a passos graves para o tremendo lugar; e alli planta na remechida terra a manga, por elle apanhada; levanta os olhos e as mãos para o céo, e cahe de joelhos aos pés do tumulto com ellas juntas. Neste instante cahe o panno e finaliza o Drama.)

FIM DO DRAMA.

**Erratas mais consideraveis
no Drama.**

Paginas.	Linhas.	ERROS.	CORRECCÕES.
7	7	ouve	houve
78	4	ail'	all'
89	1	verel	verci
92	27	state	stai
108	33	gloria, mini	gloriamini
110	20	chiome	forme
136	22	riflectere	rislettere
158	33	per sia	che sia

EXPLICAÇÃO E OBSERVAÇÕES

ACERCA DAS PERSONAGENS DO DRAMA LYRICO MARILIA DE ITAMARACÁ, DOS CARACTERES QUE LHE SÃO PROPRIOS, E DO ESPIRITO COM QUE FORAM IDEADOS, E POSTOS EM SCENA.

Não nos tendo a legenda, que tivemos, transmittido o nome da infeliz moça de Itamaracá; na escolha de um que lhe dessemos, preferimos aquelle, que, por ser o mais frequente entre as mulheres catholicas, maiores probabilidades tinha de haver sido o della; e poetisamol-o, modificando-lhe a terminação, dando-lhe assim uma feição pastoril em certo modo apropriada a uma moça do campo, habitadora de uma ilha ainda na primeira época de sua civilisação e cultura, cujos moradores eram colonos, e levavam uma vida rural de camponezes e pastores. Julgamos que esse nome, que a lyra do immortal Gonzaga havia feito soar tão doce e tão caro nos valles da Arcadia Brasileira como o Tytiro de Virgilio, o da formosa Amaryllis na do Lacio, era o mais popular e o mais accito, que podiamos dar-lhe, e o que mais se prestava ás nossas vistas.

A nossa Marilia é um mytho apoiado na tradição ou a ella encostado. Ella não é o retrato de pessoa alguma da sociedade brasileira do seu tempo, nem do nosso, como tambem não o é a Marilia de Dirceo, apezar de nella estar figurada e cantada, pelo poeta, a linda Mineira, que foi objecto da sua paixão, e que lhe inspirava os seus bellos versos. Gonzaga não pintava nestes a belleza Mineira, que tinha diante dos seus olhos, mas sim a que elle via com a sua imaginação exaltada pelo amor levado ao gráo de paixão: elle não fazia com o seu pincel poetico um simples e fiel retrato, nem a copia de um original, mas pintava e criava um original todo seu, qual o seu talento e o seu genio o concebiam em si, para depois manifestal-o aos mais pelos meios da arte. Assim

sahiu de seu pincel a sua Marilia, não qual ella era ou devia ser, mas tal como elle a ideou. Como elle, não quizemos ser copista, nem retratista do que foi, do que era, ou devia ser; e criamos uma nova Marilia toda nossa, tal e qual a ideamos, e nos pareceu melhor ideal-a, persuadidos de que se esta criação não fôr bôa, e do gosto de outrem, ella ao menos jámais será uma copia (1) ou um plagiato. Isto que dizemos deve-se entender tanto a respeito da Marilia personagem, como da Marilia composição dramatica.

A respeito desta ultima, deixaremos que ella falle de per si, ou que suas personagens a façam conhecer, apreciar, e julgar pelos seus caracteres e modo com que estão nella tratados e postos em acção. Dellas e destes diremos só alguma cousa, que os possa fazer encarar no seu ponto de vista

(1) Deos nos livre (a nós, e a qualquer autor de dramas), de apresentar na scena a mera e exacta realidade; isto é, as cousas taes e quaes ellas são, ou foram propriamente em qualquer época, e principalmente em certos tempos, lugares, e circumstancias. O quadro do que realmente se passa em uma Fazenda; mesmo dos nossos dias, exposto tal e qual elle é realmente, seria intoleravel em um espectáculo serio, e mesmo talvez o não fosse em um comico. Quem soffreria na scena um dos nossos escravos taes e quaes elles andam nas fazendas, e nas ruas da cidade, ou um pobre mendigante tal e qual todos os dias o vemos andar pela rua, não só coberto de andrajos esfarrapados, senão tambem sujo, besuntado e nojento? A arte, e a dignidade do quadro, que ella offerece, exigem que esses objectos de miseria sejam ao menos aciadados e decentes, e que da mesma miseria só se apresente a imagem e não a realidade.

Engana-se quem pensa que pintando e expondo as cousas e os factos taes e quaes elles são ou foram realmente, produz-se uma obra artistica, bella e perfeita. A missão da arte não é a de copiar e retratar servilmente o bello, que já existe, mas sim a de produzir, e apresentar o bello, criando-o ella mesma, pela escolha e junção dos primores da belleza, que a natureza offerece, a maior parte das vezes espalhados cá e lá em differentes objectos. O verdadeiro pintor não é o retratista ou o copista, mas sim o pintor original, que cria elle mesmo o bello, que pinta, e quando mesmo o copia, o sabe revestir e animar com alguma cousa de seu proprio, que lhe convenha. Aquelle é um imitador servil, um arremedador do bello que já existe, e nada lhe custou senão o trabalho de pintal-o: é o China, que reproduz materialmente uma obra da arte europea, que elle não seria capaz de idear e executar sem ter o modello á vista. Este, ao contrario, é elle mesmo o autor do bello, que produz, para o que, lhe não é preciso molde ou modello algum; pois elle concebe e produz esse bello no seu mesmo genio.

competente, e conhecer o espirito com que foram ideados e postos em scena.

MARILIA, protagonista e denominadora do drama, é, na primeira das duas épocas deste, uma mocinha de 15 para 16 annos, e na segunda, uma mulher solteira de 36 a 37 annos. É Brasileira, porque nasceu no Brasil. Não julgamos necessario fazel-a cabocla, crioula ou mestiça, para fazel-a mais Brasileira. É descendente da raça e nação Europea, que veio trazer ao Brasil a sua população branca, e com ella os primeiros bens da civilização, que ella teve a gloria de encetar no seu sólo. Ella tem alguma educação e cultura e muita virtude, porque, filha de pais bem educados, virtuosos, e ao mesmo tempo abastados, que quizeram, souberam, e puderam dar-lhas ou inspirar-lhas com os preceitos e os exemplos; e estas qualidades estão em harmonia com a sua posição social, civil e de familia, e com as circumstancias da sua época, bem como com o seu sexo e condição de solteira. Como tenra moça, innupta, sem pais, é sujeita e resignada, quanto ao seu coração, a um irmão, que mais velho que ella, tem sobre ella a autoridade de um pai, por havel-a amparado, e criado na sua infancia, já crescida; irmão, cuja superioridade acostumou-se a respeitar desde os seus tenros annos. Os sentimentos nella dominantes são, por um lado, o respeito, a obediencia e a submissão, e por outro, o do amor apaixonado ao mais alto ponto. Por este ella é fiel e constante para com o seu amado, não só até a supposta morte d'elle, mas ainda alem della; por aquelles faz violencia a si mesma e á sua paixão, e resigna-se até certo ponto á vontade do irmão, contraria á satisfação della, não só para pagar a este o respeito, que lhe deve, mas para ser fiel a um juramento feito a seu pai na hora da morte, respeitando nisto, não só a memoria deste, senão tambem a sua propria palavra dada ao mesmo. Mas, como a obrigação, que ella contrahio com essa promessa em occasião tão tremenda, não comprehendendo o sacrificio do seu coração e liberdade, resiste neste ponto á vontade do irmão, que a quer unir em nupcias com outra pessoa, que a do seu querido, porque nisto ella sente-se livre, e com direito de dar e reservar o seu coração e a sua mão a quem ella quizer. Não casa, por não ser o casamento a sua vontade; e só obedece e respeita a vontade de seu irmão, e o voto, que ella pronunciou, quanto é sufficiente para não tornar-se culpada. Ella é religiosa pela educação pia, que recebeu de seus pais

o irmão; mas conformemente á crença do vulgo do paiz, no meio do qual vive, principalmente da população escrava, acredita na fatalidade, e nos agouros, e neste sentido interpreta sempre os factos e casos mais naturaes e fortuitos, que lhe occorrem na vida, e cuja successão, e encadeamento é tal que pareceria, ao menos pela sua apparencia, justificar e provar a verdade e o fundamento das suas prevenções, e opiniões a este respeito, alias erroneas, e só fundadas em meras contingencias e coincidencias, filhas do acaso. Seu character é portanto timido, triste, desconfiado, e tudo ella interpreta e pronostica em sentido ominoso e sinistro, parecendo ter o presentimento das suas desgraças. Seus poucos annos e condição de solteira, e pessoa subordinada, não permitem ainda ao seu espirito e coração o abandonarem-se, e ainda menos o arrojam-se ás expansões do enthusiasmo patriotico, que façam della uma heroína brasileira, e tomar parte no ardor e exaltação guerreira dos seus compatriotas que se insurgem contra o jugo e tyrania dos estranhos. Ella é a heroína do amor e não da patria. É o typo da moça sensivel e virtuosa, infeliz no mundo por um destino seu particular, e não por sua culpa. É um ente tão malfadado e lastimavel, quão bello e amavel por todas as suas qualidades physicas e moraes, que o distinguem.

Pelo acima exposto, e o que ainda vamos dizer, vê-se: que a nossa Marilia não differe da de *Dirceo*, sómente pela qualidade da lyra e fórma em que é cantada pelo seu poeta da scena lyrica, mas tambem a outros respeito. E na verdade, a Marilia de *Dirceo* não é conhecida do leitor senão indirectamente pelo que della diz o seu amante, o qual é ao mesmo tempo o seu cantor e poeta; sendo sempre este quem falla na composição poetica, e jãmais ella; e fallando elle sempre como seu apaixonado; de modo que, quem quer que o ouça ou leia o que elle escreve, pôde duvidar um tanto da plena verdade do que elle diz, e dar a isso a tara competente, levando em desconto todo o grande peso da paixão, que faz dizer tudo aquillo. No meio das bellas e apaixonadas pinturas que *Dirceo* faz da sua Marilia, e das delicias de correspondencia, convivencia e harmonia, que elle figura ou planeja na companhia della, alguma queixa, que ahí vem de quando em quando faz duvidar dessa plena e constante harmonia, e perfeita correspondencia da sua amada para com elle; o que, nunca ocorre a respeito da nossa Marilia com o seu amante. Esta não fica conhecida pelo que diz della na composição poetica o seu apaixonado, nem pelo

que della diz o seu poeta, mas pelo que, nessa composição, a mesma Marília diz de si, e do seu amado, o qual é sim o seu apaixonado, mas não o seu poeta. Portanto a respeito do que ella diz de si é menos suspeita de exagerar, e menos o é também a respeito do que diz do seu amante, porque o que ella diz é dito e escripto ao mesmo tempo por outrem, que é sim o seu pintor, historiador, e poeta, mas não o seu amante. O Dirceo della, o infeliz Fernando, não é quem faz a pintura della, é ella que pinta a si mesma, pintando o seu amado. Este apenas diz della que é *bella, amavel e perfeita*, que ella é *um anjo do céu descido à terra*; mas não se occupa em fazer della pintura alguma, principalmente physica. Elle parece mais interessado e fascinado pela belleza interior, ou belleza moral della, que pela exterior, ou physica. Este novo Dirceo pinta mais a si mesmo e a sua paixão, que ao objecto que nelle a desperta e entretém.

A nossa Marília fica portanto conhecida não só pelo que diz della o seu amante, mas também, e muito mais, pelo que ella mesma diz de si, e d'elle mesmo. Ella pinta em suas lamentações o seu estado interior; e faz ao mesmo tempo uma pintura exterior e interior do seu querido. É ella, por assim dizer, a poetiza deste, e faz a respeito d'elle o que Dirceo fez a respeito da outra Marília. Ella pois não só differe da Marília deste, mas, a muitos respeito, é o contrario della. Esta differença e character opposto não existe sómente na personagem poetica, mas na real e historica, pois, se a Marília de Dirceo não deixou-se afinal vencer pelas sugestões e ameaças dos parentes, nem sacrificou a ellas os ternos e livres affectos do coração, e a fé promettida ao seu amante, como em contrario falsamente correu fama, e affirma na sua prefação Vegezzi Ruscalla, traductor homeometrico italiano das lyras de Gonzaga; e se ella morreu sem haver-se casado, sobreviveu muitos annos ao seu amante; e embora Dirceo nos tenha feito a mais bella pintura da sua Marília, (pintura que, a dizer a verdade, é mais plastica, physica e exterior, que interna e moral); se se póde dar o nome de perfeita a alguma creatura humana, a Marília de Itamaracá parece mais merecel-o com justiça, que a de Villa Rica; e isto pelo que a simples tradição nos refere a respeito de ambas. Também na personagem historica do seu amante ha esta mesma contrariedade no procedimento, pois que Dirceo a final, esquecendo a Mineira, lança-se nos braços de uma Marília Moçambicana, que lhe offerece um rico thalamo conjugal, e o amante da Marília.

de Itamaracá, sempre fiel e solteiro, acaba n'um claustro de Jesuitas. A Marília de Itamaracá, e o seu amante estão também em uma condição opposta quanto ao seu poeta: mas, a respeito deste, elles estão muito inferiores na vantagem a Marília mais antiga, e ao seu amante, e nisto supprirá ao defeito delles e do seu vate, a benignidade e indulgencia dos leitores. Esta nova Marília constitue no novo quadro poetico o activo na parte em que no outro a outra Marília constitue o passivo ou o objectivo: não é portanto uma copia, retrato ou sombra da outra; e, qualquer que ella seja, é ao menos uma Marília nova. Isto nos basta, porque, só com isto, está conseguido o nosso fim, que foi o de criarmos outra Marília, sem sermos plagiario, nem copista. Qualquer que seja a nossa sorte por causa della; nunca teremos queixas ou desculpas a dirigir a ella, nem occasião de dizer-lhe como Dirceo á sua:

Eu Marília não sou nenhum vaqueiro,

porque não temos ambição, nem basofia de querermos distinguir-nos, e pôr-nos acima de quem quer que seja; e só nos contentamos com sermos o que somos: um homem como os mais, e um simples fazedor de versos.

AMALIA. O caracter e condições desta personagem, que figura na scena como prima e amiga intima de Marília, semelhantes e unisonos com os della, quanto á moralidade, são, quanto ao mais, inteiramente oppostos; e também o é o seu destino. Amalia é o typo da moça ingenua, vivaz e contente, que existe no mundo como a rosa no jardim, e que nelle vive como no bosque o passarinho, que ainda não vio o caçador nem ave alguma de rapina. É ella um desses entes felizes, que parecem ser os predilectos do Destino, e os favoritos da Fortuna, e cuja feliz sorte, leda e serena, principia dentro delles mesmos, e anda ligada á sua mesma indole, e ao estado habitual, ou antes natural do seu animo. Sempre alegre, jovial e brincalhona em solteira, tal ainda se conserva depois de casada; nunca desconfiando do que vê e acontece, senão nas occasiões verdadeiramente tremendas, tudo vê, interpreta, pronostica, e prevê no sentido mais favoravel e innocente. Ama a sua prima com uma amizade espontanea e desinteressada, como amaria innocentemente nos annos da infancia, que precedem de pouco a puberdade, a um moço para o qual principiasse a sentir alguma inclinação ou sympathia, e do qual faria o seu dilecto, sem ser

ainda o seu amado por differença de sexo. A sua prima é a creatura, que mais a interessa no mundo em solteira, e a que tal para ella fica, depois de seu marido, no estado de casada. Deixaria ella de cuidar de si, se não pudesse cuidar della de outro modo. É tão favorita da fortuna, que ao contrario da sua prima, casa, e mui bem, e á sua plena satisfação, antes que ella, cujo casamento já estava quasi alinhavado, quando ella nem ainda no seu sonhava, e fica gorado pela fatalidade. No seu segundo estado, ama ella o seu marido como se não póde amar a mais ninguem. Ella é então o typo da mulher feliz, da mulher do bravo militar, que, junto d'elle, sente e sabe apreciar todo o alto valor da honra e gloria do heroe guerreiro, defensor e libertador da patria, que ella já, como elle, bem conhece e ama. Esse valor é facil de comprehender para um ente mui sensivel e fraco ao mesmo tempo, ente que, no sentimento da propria fraqueza, e insufficiencia, acha a grandeza do valor, da força e do vigor, de que elle se não sente capaz, nem o é por sua natureza. É tanto mais é para ella facil essa comprehensão, achando-se envolta na atmospherá brilhante d'elle de quem vive junto. Esta personagem não é uma superfeição, ou criação ociosa e inutil do drama, nem um desses confidentes, que se criem neste como um meio de dialogo. É antes uma criação artistica feita de proposito para um grande fim, e destinada a fazer sobresahir pelo contraste em tudo, a infelicidade da desventurada Marilia; porque, assim como o carregado das sombras faz sobresahir as côres claras e vivas, e dá realce ás fórmás do quadro na pintura, assim a viveza dellas, como a da luz electrica, torna aquellas mais fortes e tristes. Quem, vendo uma creatura tão feliz e contente ao lado da infeliz Marilia, não perceberá mais, e mais não sentirá profundamente a desgraça desta? Porém este contraste, levado muito longe, poderia prejudicar a importancia da protagonista da peça, e igualar a sombra ao objecto, fazendo assim desaparecer as fórmás ou ao menos a sua belleza e a distincção clara e bem marcada da figura artistica da mesma. Cumpria portanto, feito o contraste, e alcançado o fim, removel-a da scena em que figura, e principalmente, quando os actos em que a acção marcha para o seu desfecho e em que a grandeza da desgraça é tal que não precisa mais de contraste para ser sentida e apreciada em toda a sua amplitude e profundidade, bastando ella só, de per si para isso. Convinha pois que no drama ella então mais não apparecesse; e assim fizemos, não só por este mo-

tivo, como também para sermos fieis ao seu typo de mulher feliz, poupando-lhe o desgosto e infelicidade de ser espectadora de um fim tão lastimavel, qual o da sua prima, cuja perda ella hade sim sentir, mas que felizmente não presencja. O character desta personagem tem o seu pleno desenvolvimento no acto intermedio do drama, em que a mulher feliz é tão predilecta da fortuna, que o pequeno desgosto do ausentamento da sua querida prima é immediatamente compensado e feito esquecer pelo vivo prazer da chegada do seu esposo, ficando assim huma ausencia compensada pela cessação de outra. O heroico e ditoso marido desta personagem não figura pessoalmente na scena, porque, para o fazer nella brilhar a par da idéa e reputação, que delle tem sua esposa, a quem aliás não convém contradizer, nem mostrar illudida, necessario fôra haver-lhe feito representar um papel demasiadamente grande e importante, que teria prejudicado ao do amante de Marilia. As conveniencias do drama eram que elle só figurasse nelle por simples noticia.

FERNANDO. Este personagem é o typo do moço valente e brioso, mas mui sensivel e terno, profundamente impressionado, agitado, movido, e levado pela influencia de uma paixão mui forte e profunda, contrariada pela sorte, e pela injustiça e imprudencia dos homens. No estado habitual de sua tristeza e desconsolação, quasi sem esperanza alguma, traz profundamente impresso em si o signal da sua infelicidade, e sem deixar de ser heroe, patriota e brasileiro, quando a occasião se apresenta e o caso o reclama; fôra dessas occasiões, não pareceria militar, nem bom soldado, e ninguém, ao vel-o e ouvil-o fallar, esperaria de um homem, tão succumbido e aniquilado pela tristeza, proeza alguma guerreira: no que, certamente, quem assim julgasse delle, se enganaria; porque o coração, que lhe bate no peito é brasileiro, e foi educado por brasileiros, pouco abastados sim, mas virtuosos, que nelle instillaram o amor da patria e da liberdade. Animado por este, elle é um verdadeiro heroe: bate-se, vence, e triumpho no conflicto como um Heitor, e fôra delle é um Orpheo a chorar sempre pela sua Eurydice, a qual, apezar de ainda viva, é para elle como se estivesse morta; pois não pôde esperar possuil-a enquanto o irmão della estiver vivo. Valente como é, comtudo não abusa desta sua qualidade, e sabe ser modesto, e nunca se lhe ouvem bravatas e basofias, e apenas diz ao seu amigo Sargento: que volta só com vida, quando acaba de desem-

penhar uma commissão perigosa, e de dar cabo de um piquete inimigo, com que se encontrara: e quando o amigo lhe pergunta como fez isso, apenas responde com as modestas palavras—com a espada que em vão não trago ao lado.— Teria sido difficil, para não dizer impossivel, o fazer figurar directa e visivelmente na scena como heroe e com bastante brilho um simples soldado; adoptamos pois a maneira indirecta, e conservando-lhe a sua posição infima no exercito, o fizemos brilhar quanto é dado ou convem e é possivel a um individuo nesta sua posição. Os seus feitos heroicos ficam sabidos do espectador sem este os ver, e sem que elles venham desmanchar ou modificar a qualidade e côrdo seu character de amante triste e succumbido, a sua infelicidade no amor não por não ser correspondido, mas por encontrar obstaculos a elle. Assim na scena, tudo é nelle subordinado ao amor, que elle consagra á sua Marilia, e deixa de vingar-se de um atroz insulto recebido do irmão della e do seu rival para não desgostar á sua amada e para não prejudicar a honra e nome della. Tudo elle faz com o intuito na sua Marilia, e tanto o domina esse pensamento que nos embates da paixão, chega a não achar nada de interessante agradavel sem ella no mesmo céu, e se a este elle quer ir ter, e ver a Deos, é só para ver a sua Marilia, cuja belleza, perfeição physica e moral é tal aos olhos da sua paixão, que ella, fóra deste mundo, não pôde estar senão com Deos. A paixão do celebre amante de Beatriz collocava no céu e via com Deos no seu Paraiso poetico a sua querida amante, mas isto aos olhos d'elle era um simples facto, que elle via com a sua imaginação, e não chegava ao ponto de o considerar como uma consequencia necessaria da perfeição da sua amada; leva portanto, ao menos nisto, a dianteira a aquelle tão insigne apaixonado, e não é possivel levar a paixão e exaltação amorosa a mais alto ponto. O coração deste amante susceptivel de sentimentos religiosos, porque com elles educado, a elles se entrega nos seus momentos de desesperação, e vai n'um claustro metter-se a Jesuita para afastar-se da vista daquella, que não pôde possuir, e buscar um allivio aos seus tormentos no seio da Divindade que alli habita; mas quando a natureza reage contra este estado violento, todo facticio, e filho das circumstancias e dos successos occorridos, nada ouve então mais senão os dictames e impulsos da paixão violenta, que o subjuga, infelizmente mal reprimida pelos acontecimentos, e mal contida pelos deveres da condição religiosa, que elle mesmo formou para si. Esta

paixão o arrasta e impelle a actos menos proprios desta sua condição, e talvez o teria arrastado ou impellido a dar cabo da sua propria existencia, senão fosse dominado pela idéa de querer ainda existir e viver, bem que em tormentos, no mundo, aonde existe ainda o seu bem, o seu idolo adorado. A' final um terrivel successo, e uma lição da morte, o desenganam; e então fazendo força a si mesmo, pelo soccorro da religião, chega a resignar-se á vontade divina, e a prestar-se elle mesmo aos officios religiosos no enterro daquella, cujo amor o fez infeliz em toda a sua vida, e o confinou n'um claustro, fazendo assim de um amante um sacerdote.

CARLOS. Este personagem é o typo do moço nobre e rico, pervertido pelo favor do destino, e da fortuna, orgulhoso de seu nascimento e de seus teres, indiscreto, importuno, pretençioso, atoleimado, valente por ostentação, cobarde na realidade, muito egoista, e de más entranhas. Nada tem que o recommende senão o seu exterior physico, sua mocidade, e posição social, e graduação militar, juntamente com os seus teres. Nem um dos dotes d'alma apresenta elle para tornar-se estimavel, e digno de ser amado: a constancia delle no seu amor é nelle mais emperração de um orgulhoso e despeitado pela repulsa, que uma virtude do coração; porque elle não conhece essa virtude, nem tem della os sentimentos. É elle a digna escolha de um ambicioso, que não vê no mundo outra felicidade acima da de possuir grandes teres. Um tal pretendente para o coração de Marilia é tão repugnante como qualquer dos dous tentadores da casta Susanna. É o typo de alguns caracteres da sua época, que, segundo refere e lamenta a historia, infelizmente havia na classe dos fazendeiros, e que concorreram para a perda da provincia de Pernambuco, na época da invasão Hollandeza; e para ser mais tarda a sua restauração, fugindo, de medrosos, aos riscos da guerra, e entretendo até relações criminosas e de vil interesse com os inimigos do seu paiz. Esta ultima qualidade a achamos tão revoltante, que nos repugnou o pol-a em scena, nesta mesma personagem, na qual podemos sim apresentar aos olhos do publico dos espectadores um Brasileiro cobarde por medo, mas não traidor á sua patria, e de intelligencia com os inimigos della.

ANTONIO. Esta personagem é um desses caracteres mixtos, que apresentam em si a reunião de grandes e nobres qualidades com outras mui baixas e vís, proprias de animos

pequenos ou corrompidos. O interesse e a cobiça mancham nelle e tornam censuravel e desprezivel um individuo digno de admiração e louvor a outros respeito: elles o cegam a ponto de elle concorrer para fazer infeliz para sempre, e terminar por um fim tragico uma irmã, que alias elle estima muito como se fosse sua filha. Por outro lado o sentimento do patriotismo é nelle tão alto, que deixa-se levar pelo entusiasmo bellicoso dos que vão defender na fortaleza do Bom Jesus a causa da patria, e tomar a força de armas um reducto inimigo; e não vendo nessa occasião senão a causa e o perigo da mesma patria, parte com os outros para o campo de batalha, esquecido da solidão, desamparo e perigo em que deixa sua irmã, e sua prima, confiada ao seu cuidado e protecção. O seu espirito e coração corrompidos pela ambição e pela cobiça, não o são tanto, que depois não reconheçam o erro, e deixem de sentir remorsos, arrepende-se, e pedir perdão delle á justiça e clemencia divina; a qual com tudo não o poupa, e após de atormenta-lo com remorsos, desgostos, sustos, e inquietações, o leva deste mundo, em que elle quiz engrandecer e lucrar, contrariando e sacrificando as affeições de sua irmã, a quem elle só quiz fazer feliz pela riqueza e o nobre parentesco.

MATHIAS DE ALBUQUERQUE é no drama a unica personagem nominalmente historica, como tambem o é na legenda. As pessoas historicas, que com elle cooperaram na sua época, quem quizer as poderá ver ou suppôr na officialidade do seu Estado Maior, ou dos varios corpos do exercito. Não julgamos necessario mencional-as em uma acção parcial, que é uma mera contingencia e uma especie de episodio da acção geral do drama. Quanto a elle, julgamos havel-o representado tal qual o pinta a historia; a saber: grave, heroico, sisudo, justo, zeloso, e ao mesmo tempo mui prudente e circumspecto.

O SARGENTO é um desses homens de bem, valentes, e ao mesmo tempo espirituosos e joviaes, que, sem serem bobos ou bufões, brincam sobre as cousas mais serias; e não são raros por entre a gente de guerra. Elle não é nem o Strelitz da Leonor de Arienzo, nem o Belcore do Elixir de Amor, de Romani, postos em musica por Mercadante e Donizetti, e mal se avisaria quem o representasse com esse character. A jovialidade do nosso Sargento não deixa de ter a gravidade, que demanda uma opera seria, e nunca desce ao

buffo, e muito menos a escurrilidade dos buffos caricatos, e dos nossos Martinhos.

O PADRE PRIOR DOS JESUITAS. Em geral é tão conhecida a sagacidade com que os Jesuitas sabiam conhecer e aproveitar os talentos dos seus adeptos, para aquillo a que elles eram mais aptos, e valer-se das propensões, prejuizos e paixões dos homens, para persuadil-os, convencil-os, e leval-os a seus fins, transigindo ao mesmo tempo com essas mesmas particularidades, quando era mister, com uma tolerancia mui longe do rigor absoluto com que outras ordens religiosas se distinguiam; o que lhes dava sobre ellas uma vantagem mui grande, quer entre os homens civilizados, quer entre os mesmos selvagens. Tal é o character desta personagem, que, apezar de mui religioso e severo, não deixa de ser bom e benigno para com Fernando, ao qual ao mesmo tempo persuade, convence, submete, e faz succumbir á sua logica, servindo-se para isso da mesma paixão do infeliz amante desesperado da sua sorte.

O BISPO DA BAHIA. Este personagem é posto em scena para dar maior solemnidade ao acto em que elle intervem no drama, e conciliar mais respeito do espectador para com quem nisso figura. Teria este personagem perdido, na scena, da sua alta cathegoria, quando fallasse e cantasse; porque não podendo ser nisso superior ás outras personagens, ter-lhes-ia ficado inferior, quando fosse menos do que elles, e perderia de sua mais alta elevação ficando-lhes igual; o que, fica evitado e sanado fazendo-o intervir mudamente, com o simples acto da benção, que não exige palavras, ou cujas palavras religiosas, pronunciadas ao longe, em uma praça, podem se suppôr não ouvidas por quem se achia em consideravel distancia. Na época do factio referido pela legenda, Pernambuco ainda não tinha Bispo seu; pois esse bispado foi creado em 1676 pelo Principe Regente de Portugal (depois Pedro II). e seu primeiro Bispo, D. Estevão Bioso de Figueiredo, chegou á sua Diocese em 14 de abril de 1678. Nós suppomos no drama que o Bispo da Bahia, que então ainda não era arcebispado, achando-se de visita em Pernambuco, quiz dar aos missionarios jesuitas uma demonstração publica de quanto os prezava e honrava, e de quanto estimava o seu regresso, e a continuação das missões, suspensas por tantos annos, intervindo elle pessoalmente no acto solemne e extraordinario com que, se não é certo, é ao menos verosimil,

se celebrasse nessa occasião a primeira partida e embarque dos missionarios para o sertão. Não nos importa saber se esse acto se fez assim naquella época ou em outra qualquer. Para nós basta sómente que assim podia ter sido, e bello fôra se fizesse. Advirtimos nesta occasião, que no 3 acto do drama, onde se falla na sahida processional dos Jesuitas e religiosos de outras ordens, para o embarque dos missionarios, não se diz que o Bispo e os outros personagens religiosos, que intervem e apparecem nesse acto, tenham de sahir com os seus paramentos sacerdotaes, nem de cruz alçada; e que as palavras procissão e processionalmente devem-se entender no sentido de um prestito ou acompanhamento, em que uns procedem depois dos outros, em longa fileira, concorrendo para um acto de religião em que se cantam preces e hymnos sagrados, como nas scenas da Favorita, e na procissão dos peregrinos para o monte sagrado, nos Lombardos, e no prestito mortuario que acompanha o caixão da finada Julieta, nos Capuletos. Em todos estes actos, os religiosos apparecem com o seu traje ordinario de padres ou de frades. Além disso, todos estes actos religiosos podem na execução e *mise en scene* ser mais ou menos modificados, conforme julgar conveniente o escrupulo e melindre dos executores, sem que nisto haja embaraço, ou pretexto para o drama não ser representado. Neste sentido pôde a personagem do Bispo ser substituida pela do Padre Provincial dos Jesuitas, e podem-se supprimir todas as outras personagens religiosas, reduzindo o prestito a uma simples comitiva de padres Jesuitas, com acompanhamento de algumas autoridades seculares. Assim tambem o acto da benção do cadaver de Marilia no 4.º acto pôde ser simplesmente feito com a mão, sem ser pelo modo indicado na explicação. Todas estas não são para o drama, senão accidentalidades, que ficam ao cuidado e beneplacito de quem licencia, e executa; porque ellas não affectam o fundo do drama, essencialmente mui religioso, e em que a religião é introduzida e tratada com toda a seriedade, decencia, e devido respeito; e nunca pôde ella ser compromettida, quando é empregada e tratada por este modo.

Em geral é difficil, e quasi impossivel, nas operas lyricas, principalmente segundo o systema musical moderno, que mal tolera e quasi exclue os recitativos, o desenvolver bem os caracteres; porque o escriptor poetico acha-se dentro de uma estacada tão limitada, e em tal aperto, que quasi não

tem espaço onde mover-se, e desenvolver o seu plano. Todos os dramas lyricos resentem-se deste aperto, e nelles portanto os caracteres são, em geral, quasi apenas esboçados. Nós, apesar de nos ter affastado um pouco da vereda geralmente seguida a tal respeito, não podemos ferrar-nos inteiramente de tal aperto, e de todos os seus inconvenientes. Comtudo julgamos ter feito quanto nos era possível na nossa situação, e dado prova de quanto sentimos a necessidade de libertar o drama lyrico da vergonhosa sujeição a que o tem reduzido o despotismo e capricho dos mestres compositores de musica, dos cantores, e do mesmo publico, esforçando-nos para levantal-o do acanhamento e abjecção, a que elle está reduzido, principalmente no paiz que, possuindo para elle a melhor das linguas, soffre que esta e suas bellezas sejam o que menos, e até nada brilhem no grande apparatus dos seus espectaculos theatraes, sendo nestes, ás vezes, a musica mais bella e sublime assentada sobre libretos os mais miseraveis, e com enredos tão absurdos, que não tem senso commum, e fazem a vergonha do seu theatro lyrico. Se pouco ou nada fizemos, affastando-nos consideravelmente da senda commum, é isto devido á nossa mediocridade; mas o nosso exemplo, ainda que muito áquem do que devera ser, poderá servir de guia, ou de incentivo a melhores e mais altos talentos, cujas producções attingam esse ponto, ou cheguem mais perto delle. O que pedimos ao publico é que, desde já, anime a estes, com a sua benigna indulgencia para comnosco.



Doação Felmo Grolto 2014

033060





